

ATHENAS

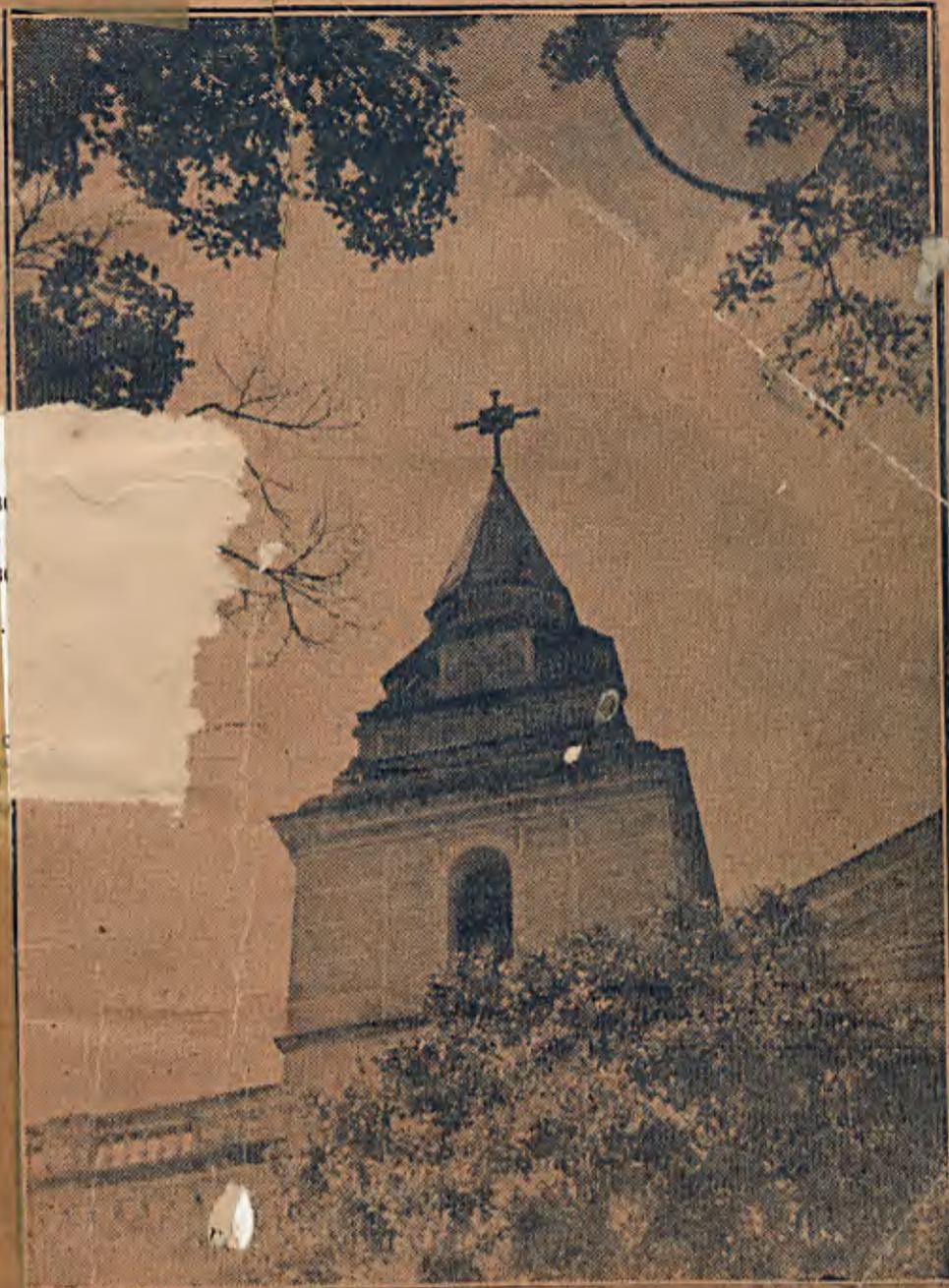
Revista de Maracáço Para o Brasil

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

JULHO — 1940

Num. 15



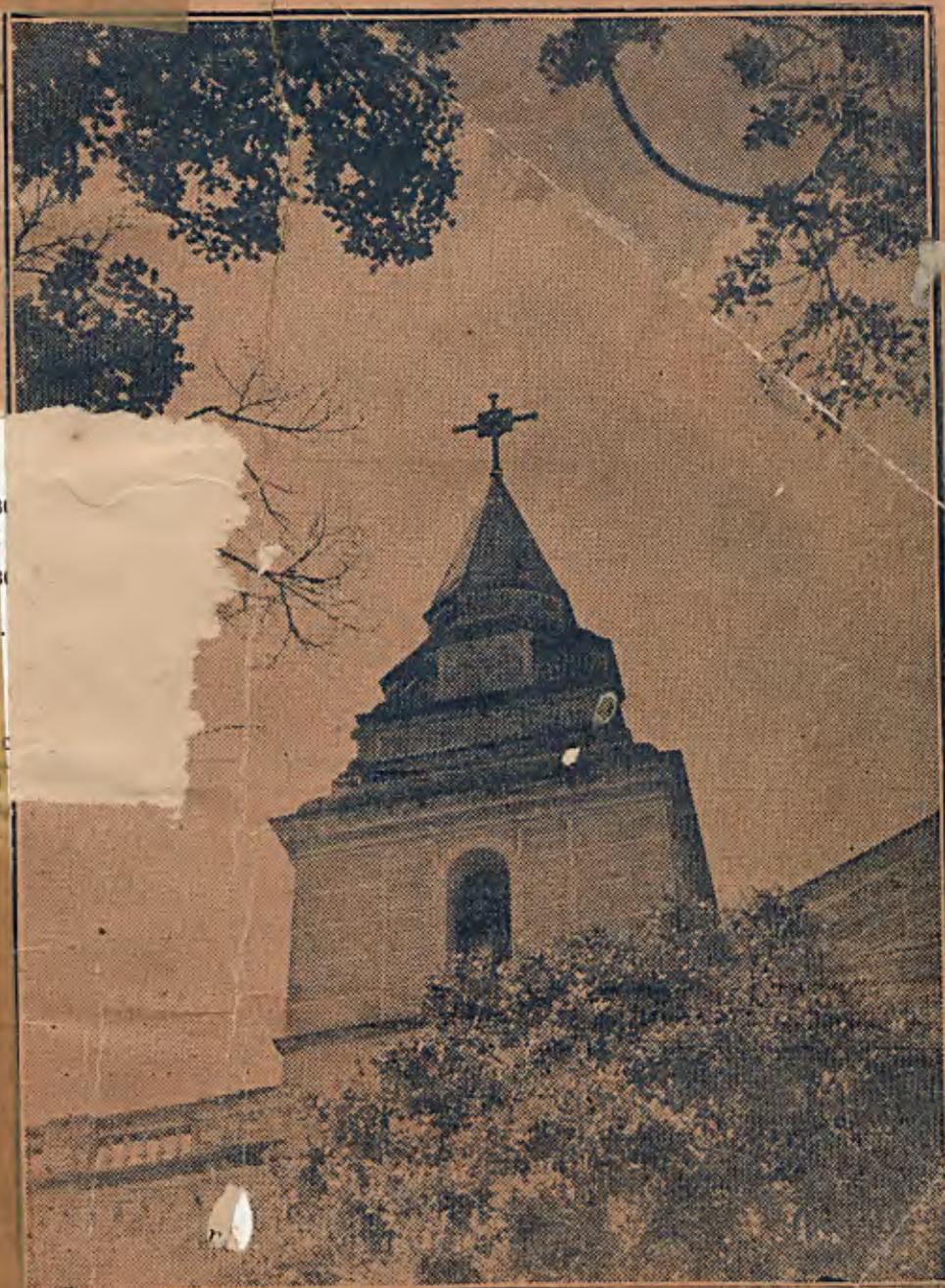
TORRE DA CATEDRAL DE SÃO LUIZ DO MARANHÃO, DE CUJO TOPO A
CRUZ DOMINA A CIDADE HISTÓRICA E ANNUNCIA O PRESTÍGIO DA VIR-
GEM SENHORA DE GUAXENDUBA

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

JULHO — 1940

19
Num. 15



TORRE DA CATHEDRAL DE SÃO LUIZ DO MARANHÃO, DE CUJO TÓPO A CRUZ DOMINA A CIDADE HISTÓRICA E ANNUNCIA O PRESTÍGIO DA VIRGEM SENHORA DE GUAXENDUBA

DUCA
20374
1954

11380



CIA. SOUZA CRUZ

J. Mendonça

PACIAL e de ATHE
Redrignes, 176. Fone-150

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director --- A. PIRES FERREIRA

Redactor principal — NASCIMENTO MORAES

Secretario — ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
PAULO DE OLIVEIRA
ERASMO DIAS

OLICA
20374
1954

MAO



CIA. SOUZA CRUZ

J. Mendonça

PACIAL e de ATHE
Redrignes, 176. Fone-150

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO PARA O BRASIL

Director --- A. PIRES FERREIRA
Redactor principal --- NASCIMENTO MORAES
Secretario --- ASTOLPHO SERRA

REDACTORES

RIBAMAR PINHEIRO
PAULO DE OLIVEIRA
ERASMO DIAS

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO II

JULHO — 1940

Num. 19

NASCIMENTO MORAES

O AFRICANISMO DE

BRUNO DE MENEZES

Bruno de Menezes retirou do final do seu livro "Poesia", publicado em 1931, a parte final, **Batuque**, collectanea de poemas afro-brasileiros. A esses poemas ajuntou outros do mesmo genero, e publicou, ao principio deste anno, um livro original, com aquelle mesmo nome, **Batuque**.

Abre o livro um poema cujo nome não está escripto no alto da pagina, mas que só pode ser o nome do livro.

Um "motivo" para principiar:

- Nega qui tu tem ?
- Maribondo Sinhá !
- Nega qui tu tem ?
- Maribondo Sinhá !

Começa o descriptivo do batuque:

Rufa o batuque na cadencia alucinante
do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapatéis cirandeios
cabindos cantando lundús de cubatas.

O poeta sujeita a metrica ao rhytmo da dança macabra. O artista procura uma onomatopéa, que nos ponha deante da vista o batuque.

Bruno de Menezes sente a alma do africanismo, e copiou o desconcertante do ambiente, do estranho scenario do festival dos negros:

Patichouli cipó-catinga prepricoa
baunilha pão-rosa orisa jasmin.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio
crioulas mulatas gente pixaim

Deslocadas as tónicas, movimenta-se o aduno, vê-se a variedade dos aspectos, nos gestos, nas maneiras e nos gostos da gente mesclada.

O poeta entra com o "motivo", e muda a metrica que continúa adaptada ao descriptivo, á emoção áfrica, enquanto as tónicas procuraram fazer onomatopéas que plasmem a dança dos ventres:

Sudorancias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada
as palmas batem o compasso da toada.

O primeiro, o terceiro e o quarto verso são de 12 syllabas, sem serem alexandrinos. O segundo é um hexametro. O hexametro é o desconchavo. Diz os torcicolos mais vagarosos, mais languorosos, a lubricidade mais sentida.

E o "motivo" apresenta uma variação:

Eu tava na minha roça
maribondo me mordéu !

Maribondo define o momento em que os pruridos sexuaes despertam os sentidos. São as pri-

Athenas

REVISTA DO MARANHÃO, PARA O BRASIL

ANNO II

JULHO — 1940

Num. 19

NASCIMENTO MORAES

O AFRICANISMO DE

BRUNO DE MENEZES

Bruno de Menezes retirou do final do seu livro "Poesia", publicado em 1931, a parte final, **Batuque**, collectanea de poemas afro-brasileiros. A esses poemas ajuntou outros do mesmo genero, e publicou, ao principio deste anno, um livro original, com aquelle mesmo nome, **Batuque**.

Abre o livro um poema cujo nome não está escripto no alto da pagina, mas que só pode ser o nome do livro.

Um "motivo" para principiar:

- Nega qui tu tem ?
- Maribondo Sinhá !
- Nega qui tu tem ?
- Maribondo Sinhá !

Começa o descriptivo do batuque:

Rufa o batuque na cadencia alucinante
do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapatéis cirandeios
cabindos cantando lundús de cubatas.

O poeta sujeita a metrica ao rhytmo da dança macabra. O artista procura uma onomatopéa, que nos ponha deante da vista o batuque.

Bruno de Menezes sente a alma do africanismo, e copiou o desconcertante do ambiente, do estranho scenario do festival dos negros:

Patichouli cipó-catinga prepricoa
baunilha pão-rosa orisa jasmin.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio
crioulas mulatas gente pixaim

Deslocadas as tónicas, movimenta-se o aduno, vê-se a variedade dos aspectos, nos gestos, nas maneiras e nos gostos da gente mesclada.

O poeta entra com o "motivo", e muda a metrica que continúa adaptada ao descriptivo, á emoção áfrica, enquanto as tónicas procuraram fazer onomatopéas que plasmem a dança dos ventres:

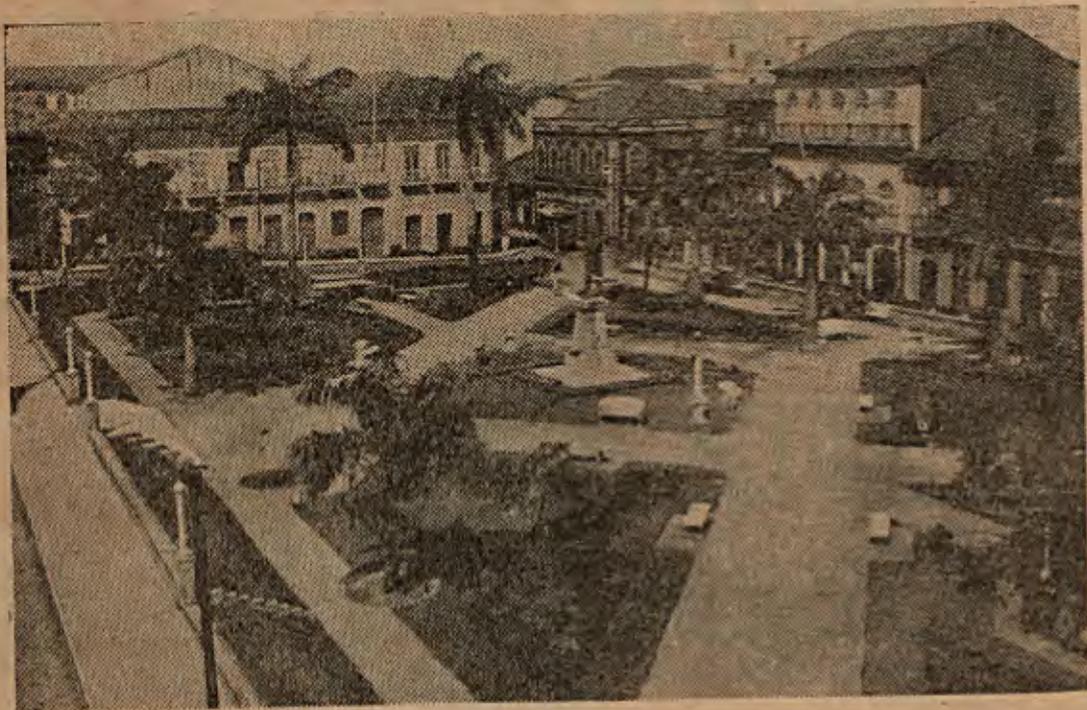
Sudorancias bunduns mesclam-se intoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrojo da umbigada
as palmas batem o compasso da toada.

O primeiro, o terceiro e o quarto verso são de 12 syllabas, sem serem alexandrinos. O segundo é um hexametro. O hexametro é o desconchavo. Diz os torcicolos mais vagarosos, mais languorosos, a lubricidade mais sentida.

E o "motivo" apresenta uma variação:

Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu !

Maribondo define o momento em que os pruridos sexuaes despertam os sentidos. São as pri-



Praça Benedicto Leite, uma das mais frequentadas em S. Luiz pela gente elegante da terra das palmeiras

meiras ferroadas do invencível instinto. Na apurada linguagem poetica é a alvorada da carne. Também é o primeiro delito produsido pelo impulso animal, de que têm culpa o meio e o estado psychologico de uma raça.

Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu !

O poeta explica com felicidade a actuação do meio:

Roupas de renda a lua lava no terreiro
Um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requiebro

E o motivo continúa:

—Nega qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá !
Maribondo num dêxa
Nêga trabalhá !

Vendo o batuque, o poeta recorda, á sua imagem, a tragedia da raça, o soffrimento que a salvou, a dôr que a engrandeceu. O affecto que a sublimou, elle syntetizou num verso:

Mãe preta deu sangue branco a muito sinhô moço.
E sempre o batuque:

Maribondo no meu corpo !
Maribondo Sinhá !
E' por cima, é por baixo !
E por todo lugar !

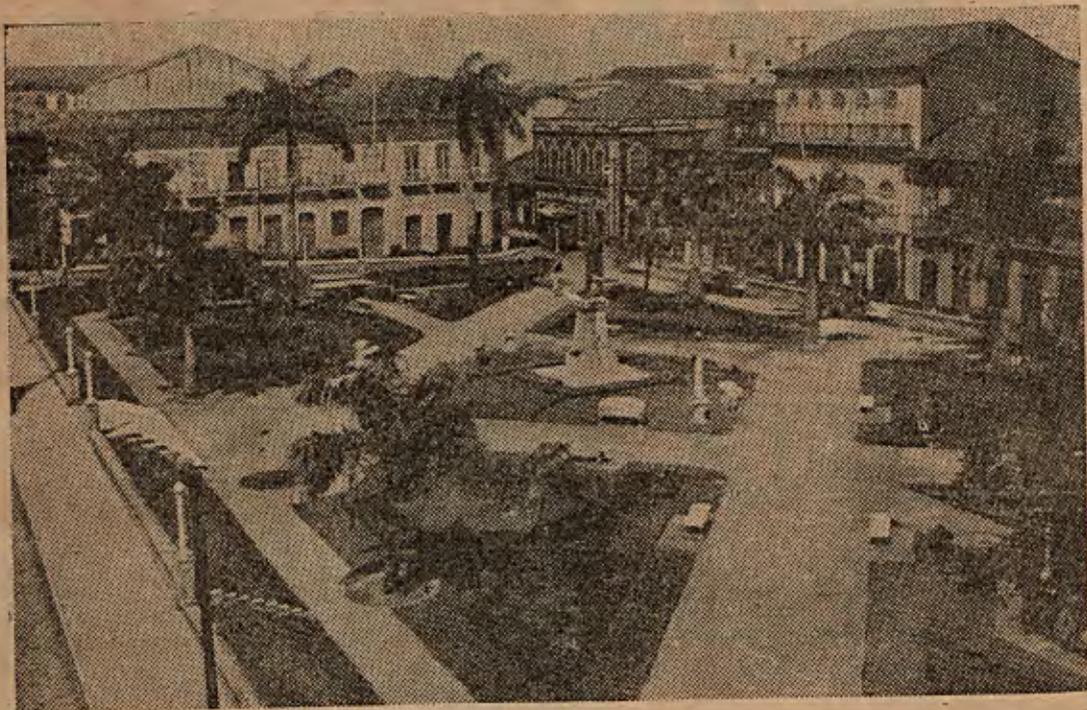
A sensibilidade africana, estranha, e quase sempre intimativa, desorientou o portuguez colonizador, e os primeiros brancos nativos.

Muitos alvoroçados pelas recordações da costa d'Africa, estavam curiosos de conhecer a negra como mulher. O **esclavagismo** era, em tudo, uma novidade !

Bruno Menezes faz a gente pensar em coisas que lophe vão...

Muito se tem escripto a respeito da colonização portuguesa. Que os portuguezes fidalgos, donatarios das capitánias, eram uns **promptos** e por isso não puderam promover a prosperidade das capitánias. Faltava-lhes o necessario: dinheiro. E accrescenta-se: cultura. Que os indios destruíam o trabalho dos portuguezes.

Está certo. Mas também as pretinhas deviam ter concorrido para o desleixo dos portuguezes. As pretinhas estavam ao alcance da animalidade



Praça Benedito Leite, uma das mais frequentadas em S. Luiz pela gente elegante da terra das palmeiras

meiras ferroadas do invencível instinto. Na apurada linguagem poetica é a alvorada da carne. Também é o primeiro delito produzido pelo impulso animal, de que têm culpa o meio e o estado psychologico de uma raça.

Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu !

O poeta explica com felicidade a actuação do meio:

Roupas de renda a lua lava no terreiro
Um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requebros

E o motivo continúa:

—Nega qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá !
Maribondo num dêxa
Nêga trabalhá !

Vendo o batuque, o poeta recorda, á sua imagem, a tragedia da raça, o soffrimento que a salvou, a dôr que a engrandeceu. O affecto que a sublimou, elle syntetizou num verso:

Mãe preta deu sangue branco a muito sinhô moço.
E sempre o batuque:

Maribondo no meu corpo !
Maribondo Sinhá !
E' por cima, é por baixo !
E por todo lugar !

A sensibilidade africana, estranha, e quase sempre intimativa, desorientou o portuguez colonizador, e os primeiros brancos nativos.

Muitos alvoroçados pelas recordações da costa d'África, estavam curiosos de conhecer a negra como mulher. O **esclavagismo** era, em tudo, uma novidade !

Bruno Menezes faz a gente pensar em coisas que longe vão...

Muito se tem escripto a respeito da colonização portuguesa. Que os portuguezes fidalgos, donatarios das capitánias, eram uns **promptos** e por isso não puderam promover a prosperidade das capitánias. Faltava-lhes o necessario: dinheiro. E accrescenta-se: cultura. Que os indios destruíam o trabalho dos portuguezes.

Está certo. Mas também as pretinhas deviam ter concorrido para o desleixo dos portuguezes. As pretinhas estavam ao alcance da animalidade

dos colonisadores. Não custavam dinheiro, nem a pelle ! As portuguesas e as brancas nativas deviam ter ficado sem merecimento sexual.

Pelo menos, num plano inferior. Imagine-se a sensação de novidade á chegada das primeiras levás de escravos ! Façam um esforço e transponham-se mentalmente áquelles tempos !... Colloquem-se dentro das mattas virgens e sintam a emoção de uma natureza feerica que lhes era estranha !

E dentro daquella natureza ponham as negras com as suas danças, requebrando os quadris á luz dos archotes, ou á luz da lua ! Ou nos dias santos de guarda, nas tardes opulentas de côres variegadas da luz espectral. Como as pretas deviam parecer optimas aos portugueses sahidos das alfujas dos presidios ! Deviam estontear.

Afiguravam-se, talvez, demonios negros da sensualidade sahidos do mar !

E adeus colonização ! A portuguesada não teve mãos a medir ! Para os pretos, chicote e mais chicote !

Para as pretas — aquelle geitinho especial que sempre tiveram e ainda têm para afeiçoar mulatas bonitas !

E não demorou em chegar o tempo das mulatas ! Outra novidade !

Bruno Menezes descreve :

A carne transpira E o almiscar da raça
é o cheiro "malino" que sahe da mulata.
O banjo faz solo no fim do banheiro:
lundús choradinhos batuques maxixes.

E os braços se agitam se afligem batendo,
as coxas se apertam se alargam se roçam,
os pés criam asas voando pousando.

E' o Congo Loanda
Angola Moçambique
Creação do portuguez.

.....
Todinha canela em polvilho cheiroso
folha secca de fumo enrolada no sol,
sua bocca recende a acidez que amortece.
Seu corpo que é todo que nem pau d'Angola
deve ter gostosuras de morte pedida
depois de dansar.

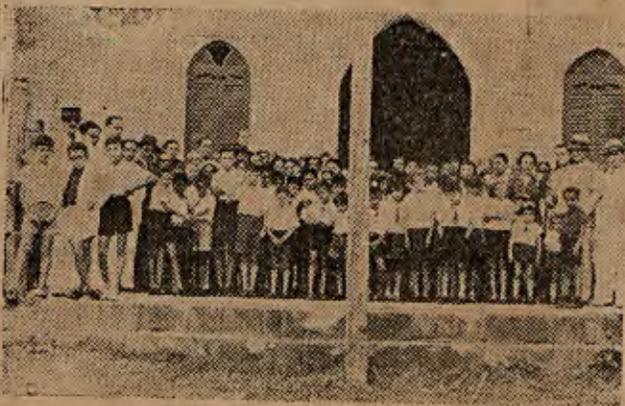
E o branco sentindo xodó pela preta
aguentando a mareta gemendo no fungo
bem quer e não pode mas vai de teimoso
se acabar no rebolo da bamba africana.

"Pae João" é um typo muito conhecido. E' o negro abrasileirado. Recebeu durante muitos annos a acção do meio.

Envelheceu, mas deixou uma tradição de valentia que é um mixto do temperamento africano e da maneira portuguesa :

Pai João somnolento e bamba na pachorra da
idade
scismo no tempo de ontem.
De olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que elle viu, e gosou e viveu !

Codó commemorou a festa natalicia do dr. Paulo Ramos com u'a missa votiva mandada celebrar pela familia Alencar. Vemos aqui dois aspectos dessa solemnidade



dos colonisadores. Não custavam dinheiro, nem a pelle! As portuguesas e as brancas nativas deviam ter ficado sem merecimento sexual.

Pelo menos, num plano inferior. Imagine-se a sensação de novidade á chegada das primeiras levas de escravos! Façam um esforço e transponham-se mentalmente áquelles tempos!... Colloquem-se dentro das mattas virgens e sintam a emoção de uma natureza feerica que lhes era estranha!

E dentro daquella natureza ponham as negras com as suas danças, requebrando os quadris á luz dos archotes, ou á luz da lua! Ou nos dias santos de guarda, nas tardes opulentas de côres variegadas da luz espectral. Como as pretas deviam parecer optimas aos portugueses sahidos das alfujas dos presidios! Deviam estontear.

Afiguravam-se, talvez, demonios negros da sensualidade sahidos do mar!

E adeus colonização! A portuguesada não teve mãos a medir! Para os pretos, chicote e mais chicote!

Para as pretas — aquelle geitinho especial que sempre tiveram e ainda têm para afeiçoar mulatas bonitas!

E não demorou em chegar o tempo das mulatas! Outra novidade!

Bruno Menezes descreve:

A carne transpira E o almiscar da raça é o cheiro "malino" que sahe da mulata. O banjo faz solo no fim do banheiro: lundús choradinhos batuques maxixes.

E os braços se agitam se afligem batendo, as coxas se apertam se alargam se roçam, os pés criam asas voando pousando.

E' o Congo Loanda
Angola Moçambique
Creação do portuguez.

.....
Todinha canela em polvilho cheiroso
folha secca de fumo enrolada no sol,
sua bocca recende a acidez que amortece.
Seu corpo que é todo que nem pau d'Angola
deve ter gostosuras de morte pedida
depois de dansar.

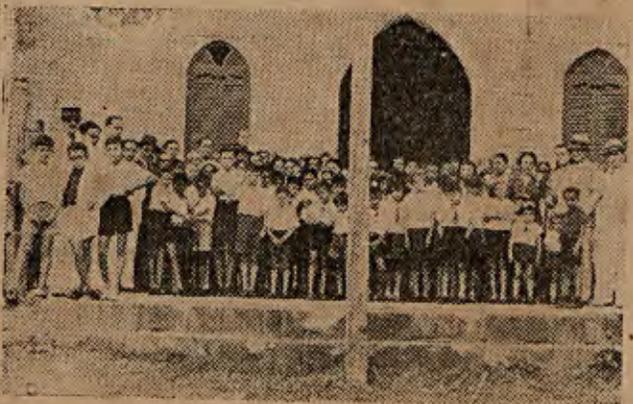
E o branco sentindo xodó pela preta
aguentando a mareta gemendo no fungo
bem quer e não pode mas vai de teimoso
se acabar no rebolo da bamba africana.

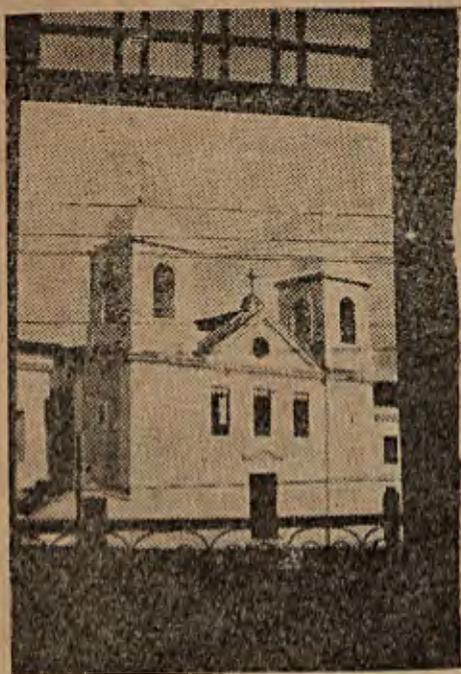
"Pae João" é um typo muito conhecido. E' o negro abrasileirado. Recebeu durante muitos annos a acção do meio.

Envelheceu, mas deixou uma tradição de valentia que é um mixto do temperamento africano e da maneira portuguesa:

Pai João somnolento e bamba na pachorra da
idade
scismo no tempo de ontem.
De olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que elle viu, e gosou e viveu!

Codó commemorou a festa natalicia do dr. Paulo Ramos com u'a missa votiva mandada celebrar pela familia Alencar. Vemos aqui dois aspectos dessa solemnidade





A tradicional igreja do Carmo, uma das mais antigas e históricas de S. Luiz do Maranhão, com o seu convento dos capuchinhos

Mãe Maria contou que o pai d'elle era escravo...
Moleque sagica e teso destro e afoito num rolo
Pai João teve fama de capoeira e valhista.

Eita! Era o pé comendo
quando a banda marcial sahia á rua
com tanto soldado de calça encarnada.

E rabo de arraia cabeçada na policia
xadrez desordens furdunço no cortiço
E o rouco e o retumbo do zonzo som molengo
de carimbó:

Juvená
Arrebata
esta faca
Juvená!

Mãe Preta é uma pagina lirico-romantica-
inspirada num africanismo sentimental:

No acalanto africano de tuas cantigas
nos suspiros gementes das guitarras
vio o doce langor
de nossa voz

A quentura carinhosa de nosso sangue.

.....
Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?
Foste tu que na Bahia alimentaste o genio poetico
De Castro Alves? No Maranhão a gloria de
Gonçalves Dias?
Terias ungido a dor de Cruz e Souza?
Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta!
Quanto Sinhô e Sinhá Moça
Chupou teu sangue, Mãe Preta?

Bruno de Menezes escreven interessantes
poemas com as festas tradicionaes: **Marujada,**
Mastro do Divino, S. João do Folclore e Mangeri-
cos.

Ao poeta paraense não escapou o estado re-
ligioso do negro que recebe o **Santo!**

Hoje até os brancos e as brancas recebem o
Santo!

O espiritismo africano merece um estudo es-
pecial, porque não ha nelle o embuste, a indus-
tria de mediuns, nem a especulação de espertos:

A voz de Ambrosina em "estado de Santo"
virou masculina

O corpo tomou geitão de homem mesmo
Pedi um charuto dos puro Baia
depois acendeu soprando a fumaça.



Sr. José Alexandre Raposo e sua digna esposa Del-
ma Raposo e filha, residentes em Bacabal



A tradicional igreja do Carmo, uma das mais antigas e históricas de S. Luiz do Maranhão, com o seu convento dos capuchinhos

Mãe Maria contou que o pai d'elle era escravo...
Moleque sagica e teso destro e afoito num rolo
Pai João teve fama de capoeira e valhista.

Eita! Era o pé comendo
quando a banda marcial sahia á rua
com tanto soldado de calça encarnada.

E rabo de arraia cabeçada na policia
xadrez desordens furdunço no cortiço
E o rouco e o retumbo do zonzo som molengo
de carimbó:

Juvená
Arrebata
esta faca
Juvená!

Mãe Preta é uma pagina lirico-romantica-
inspirada num africanismo sentimental:

No acalanto africano de tuas cantigas
nos suspiros gementes das guitarras
vio o doce langor
de nossa voz

A quentura carinhosa de nosso sangue.

.....
Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?
Foste tu que na Bahia alimentaste o genio poetico
De Castro Alves? No Maranhão a gloria de
Gonçalves Dias?
Terias ungido a dor de Cruz e Souza?
Foste e ainda és tudo no Brasil, Mãe Preta!
Quanto Sinhô e Sinhá Moça
Chupou teu sangue, Mãe Preta?

Bruno de Menezes escreveu interessantes
poemas com as festas tradicionaes: **Marujada,**
Mastro do Divino, S. João do Folclore e Mangeri-
cos.

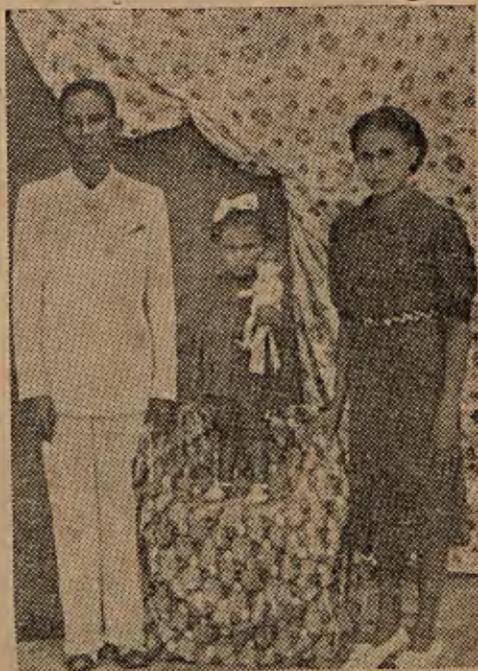
Ao poeta paraense não escapou o estado re-
ligioso do negro que recebe o **Santo!**

Hoje até os brancos e as brancas recebem o
Santo!

O espiritismo africano merece um estudo es-
pecial, porque não ha nelle o embuste, a indus-
tria de mediuns, nem a especulação de espertos:

A voz de Ambrosina em "estado de Santo"
virou masculina

O corpo tomou geitão de homem mesmo
Pedi um charuto dos puro Baia
depois acendeu soprando a fumaça.



Sr. José Alexandre Raposo e sua digna esposa Del-
ma Raposo e filha, residentes em Bacabal

ESCOLA S. LUIZ DE GONZAGA



Maria João Rodrigues Aranha, Julinar Mouchereck, Maria Conceição Bogéa Gonçalves, Yvette Duailibe e Maria Auta de Souza

Seus olhos brilhavam.
 Ai o "terreiro" num gira girando
 entrou na toada cantada do "ponto"
 Era a "obrigação" de Mãe Ambrozina
 falando quebrando na lingua de Mina,

Toiá Verequête!...
 Toiá Verequête!...

As toadas Cachaça, Louvação do Cavaleiro
 Jorge, Oração da Cabra Preta, Liamba, Gente da
 Estiva, Escola dos Sapos, Igreja do Arrabalde
 Tortura, são paginas admiraveis, de uma origina-
 lidade surpreendente.

No batuque ha todas as modalidades poeticas,
 o rhytmo africano domina toda a produção da
 primeira á ultima pagina.

Eu vou fechar esta resenha com o **Cheiro
 de Mulata:**

O que tu põe
 no teu corpo
 que elle chêra
 até no vento ?

Tu não é rosa
 nem cravo
 nem jasmim
 nem ubigante

O que tu é
 é a Frozina
 que tem tudo
 que tem as outra mulhé

Tudinho não
 Pode sê
 que as outra
 tenha demais

Mas pra tê
 Um cheiro bão
 Só tu mesmo
 Ôtra não tem.

Bruno de Menezes escreveu um livro de valor. E o seu valor consiste em mostrar toda a influencia sentimental que o negro africano teve e ainda tem na nossa nacionalidade e como da nossa sociedade embrionaria chegou até os nossos dias, pelo sangue, pelos habitos e pelos costumes.

Lendo-se com attenção o livro de Bruno de Menezes vê-se bem que o **africanismo**, apesar da doentia **branquidade** da maioria dos brasileiros nativos, ainda nos acompanha. Ainda vive no seio da familia brasileira, ainda está na mentalidade rude do nosso povo, ainda está em muitos aspectos de nossas relações sociaes. E digo mais isso: infiltrou-se de tal jeito que, sem medo de errar, afirmo, que longe de se apagar, a mais e mais, cresce, pois á medida que os annos se passam, augmenta o numero de adeptos de suas crenças, de seus vultos e de suas diversões, algumas até de character tradicional, e por isso mesmo até hoje irreprimiveis.

ESCOLA S. LUIZ DE GONZAGA



Maria João Rodrigues Aranha, Julinar Mouchereck, Maria Conceição Bogéa Gonçalves, Yvette Duailibe e Maria Auta de Souza

Seus olhos brilhavam.
 Ai o "terreiro" num gira girando
 entrou na toada cantada do "ponto"
 Era a "obrigação" de Mãe Ambrozina
 falando quebrando na lingua de Mina,

Toiá Verequête!...
 Toiá Verequête!...

As toadas Cachaça, Louvação do Cavaleiro
 Jorge, Oração da Cabra Preta, Liamba, Gente da
 Estiva, Escola dos Sapos, Igreja do Arrabalde
 Tortura, são paginas admiraveis, de uma origina-
 lidade surpreendente.

No batuque ha todas as modalidades poeticas,
 o rhytmo africano domina toda a produção da
 primeira á ultima pagina.

Eu vou fechar esta resenha com o **Cheiro
 de Mulata:**

O que tu põe
 no teu corpo
 que elle chêra
 até no vento ?

Tu não é rosa
 nem cravo
 nem jasmim
 nem ubigante

O que tu é
 é a Frozina
 que tem tudo
 que tem as outra mulhé

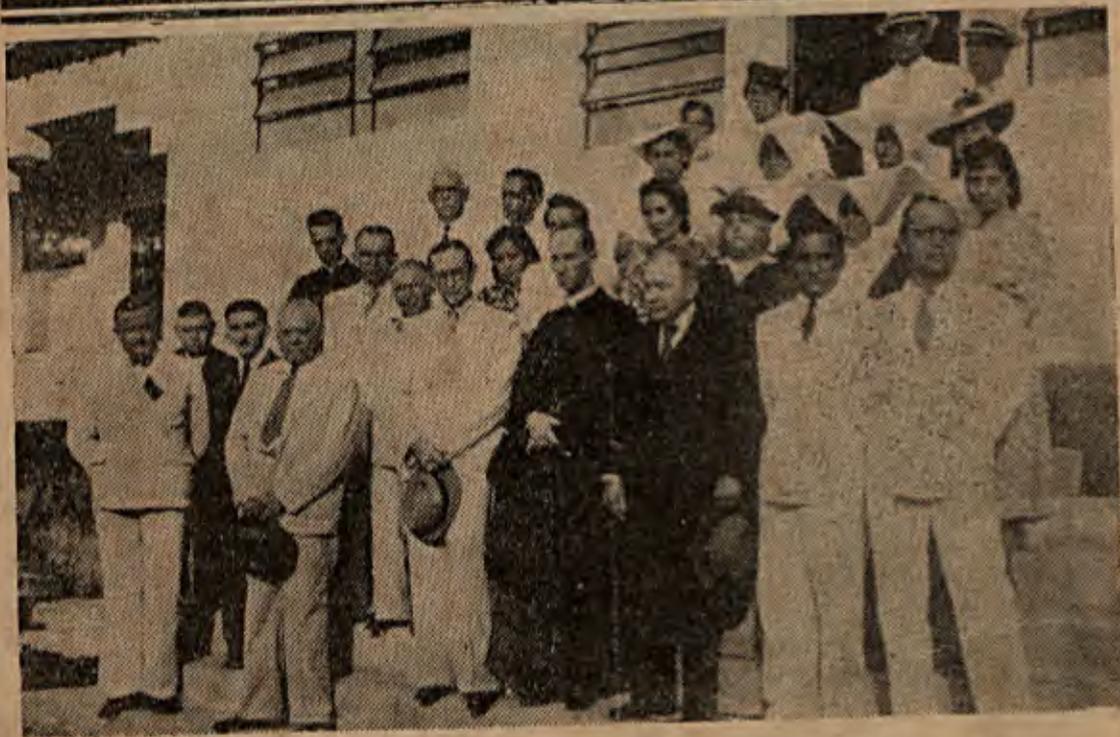
Tudinho não
 Pode sê
 que as outra
 tenha demais

Mas pra tê
 Um cheiro bão
 Só tu mesmo
 Ôtra não tem.

Bruno de Menezes escreveu um livro de valor. E o seu valor consiste em mostrar toda a influencia sentimental que o negro africano teve e ainda tem na nossa nacionalidade e como da nossa sociedade embrionaria chegou até os nossos dias, pelo sangue, pelos habitos e pelos costumes.

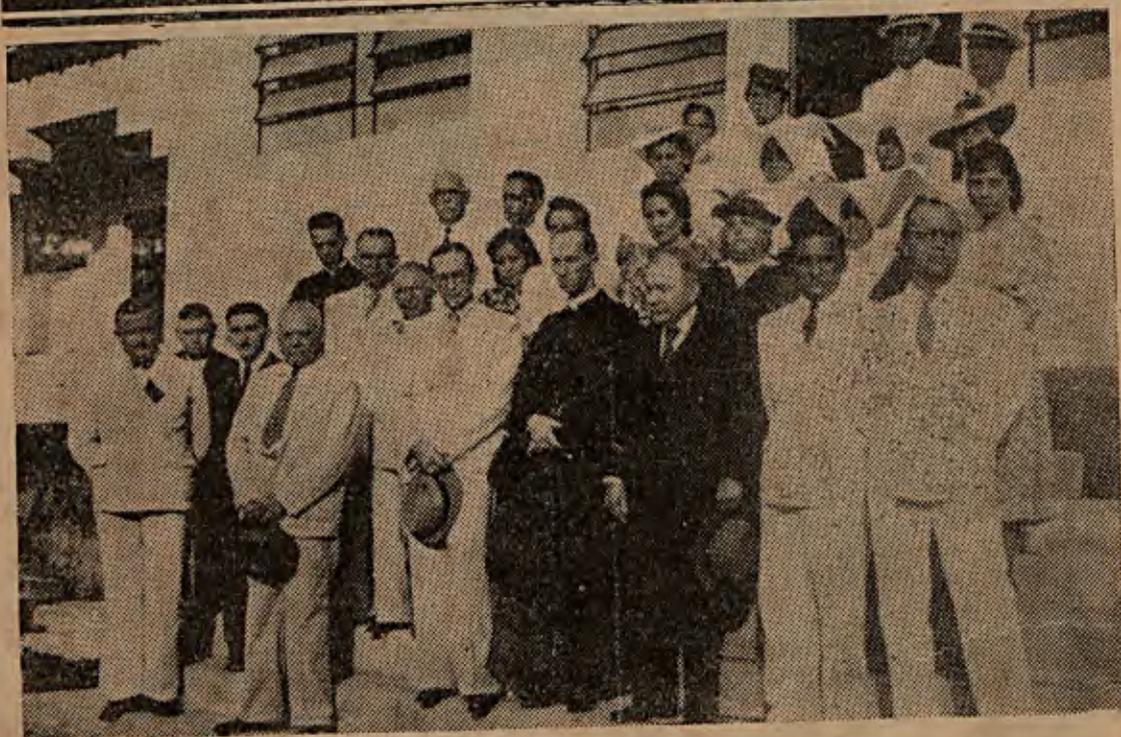
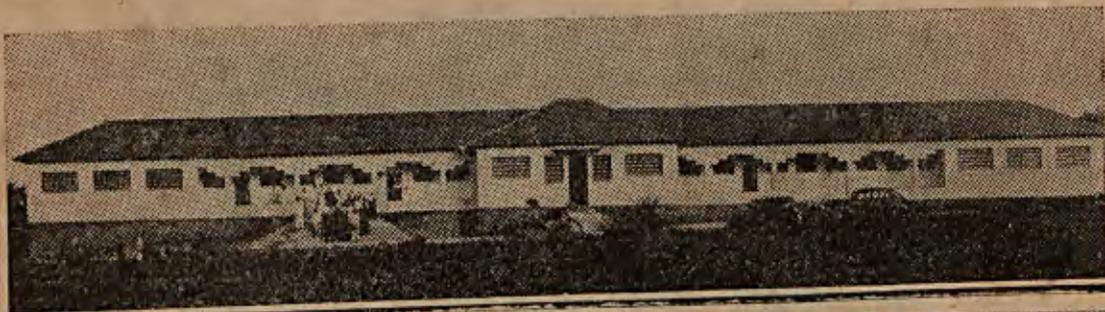
Lendo-se com attenção o livro de Bruno de Menezes vê-se bem que o **africanismo**, apesar da doentia **branquidade** da maioria dos brasileiros nativos, ainda nos acompanha. Ainda vive no seio da familia brasileira, ainda está na mentalidade rude do nosso povo, ainda está em muitos aspectos de nossas relações sociaes. E digo mais isso: infiltrou-se de tal jeito que, sem medo de errar, afirmo, que longe de se apagar, a mais e mais, cresce, pois á medida que os annos se passam, augmenta o numero de adeptos de suas crenças, de seus vultos e de suas diversões, algumas até de character tradicional, e por isso mesmo até hoje irreprimiveis.

PREVENTORIO PRÓ-FILHOS DOS LAZAROS



A conceituada firma constructora de S. Luiz, — Britto, Passos, Ltda. acaba de entregar á directoria do Preventorio pró-filhos dos lazaros o primeiro pavilhão dessa importante obra, que representa, no Brasil, e, especialmente, no Maranhão, o fructo de uma cruzada verdadeiramente victoriosa. A firma Britto Passos, Ltda. evidenciou, mais uma vez, os seus conhecimentos technicos e o criterio com que encara toda edificação a seu cargo. O Preventorio é uma construcção perfeita, digna dos melhores elogios, ficha admiravel de recommendação da idoneidade da firma constructora. Por outro lado, estão de parabens os decididos organizadores da campanha Pró-Filhos dos Lazaros. A obra vae para diante. O gesto ficará, para sempre, como um largo symbolo de profundo sentimento de humanidades que domina a alma de seus organizadores

PREVENTORIO PRÓ-FILHOS DOS LAZAROS



A conceituada firma constructora de S. Luiz, — Britto, Passos, Ltda. acaba de entregar á directoria do Preventorio pró-filhos dos lazarus o primeiro pavilhão dessa importante obra, que representa, no Brasil, e, especialmente, no Maranhão, o fructo de uma cruzada verdadeiramente victoriosa. A firma Britto Passos, Ltda. evidenciou, mais uma vez, os seus conhecimentos technicos e o criterio com que encara toda edificação a seu cargo. O Preventorio é uma construcção perfeita, digna dos melhores elogios, ficha admiravel de recommendação da idoneidade da firma constructora. Por outro lado, estão de parabens os decididos organizadores da campanha Pró-Filhos dos Lazaros. A obra vae para diante. O gesto ficará, para sempre, como um largo symbolo de profundo sentimento de humanidades que domina a alma de seus organizadores

TROVAS

Naquella noite... tu sabes...
 Por ti, garota, eu pequei,
 Meus labios se illuminaram,
 Quando tua bocca eu beijei...

Ninguem nos viu, com certeza,
 Mas desconfio, minha flôr,
 Que o tremulo som de meu beijo,
 Foi descoberto, meu amôr!...

Tantas doçuras senti,
 Por ter na minha, a tua mão:
 —Amôr, caricia, ventura,
 Nevrose, anseio, emoção!

Quando teus olhos, querida,
 Se volvem ternos, me olhando,
 Não sei si estão me querendo,
 Não sei si estão me enganando...

Morena, não durmo mais,
 Te vêjo de quando em quando,
 Meu coração não socéga,
 Vive soffrendo e te amando...

Guarda estes versos nos seios,
 Meus mimos de tentação...
 Não digas nada a ninguem,
 Aplaca minha aflicção:
 São trovas puras, singelas,
 Só pobreza elles conteem;
 São versos feitos de beijos,
 De festas, de mil desejos,
 Com a luz do meu pensamento,
 Pra ti, "nha nêga", mimosa,
 Dona de meu coração!...

Minha morena... perdôa,
 Desculpa, não estou mentindo:
 De não poder mais dormir,
 Te vendo de quando em quando.

Perdôa, sim!... Tu perdôas?
 Eu não sei que estou dizendo,
 Ando accordado, sonhando!
 Meus labios estão te querendo,
 Teus olhos me nomorando.

Escuta. Guarda segredo.
 Em ti eu vivo pensando,
 Meu sentimento indagando,
 Si gostas de mim tambem...
 Si querer bem é um peccado,
 Sou pecador declarado,
 Mas gosto de ti, meu bem!...

Original de

FULGENCIO PINTO

TROVAS

Naquella noite... tu sabes...
 Por ti, garota, eu pequei,
 Meus labios se illuminaram,
 Quando tua bocca eu beijei...

Ninguem nos viu, com certeza,
 Mas desconfio, minha flôr,
 Que o tremulo som de meu beijo,
 Foi descoberto, meu amôr!...

Tantas doçuras senti,
 Por ter na minha, a tua mão:
 —Amôr, caricia, ventura,
 Nevrose, anseio, emoção!

Quando teus olhos, querida,
 Se volvem ternos, me olhando,
 Não sei si estão me querendo,
 Não sei si estão me enganando...

Morena, não durmo mais,
 Te vêjo de quando em quando,
 Meu coração não socéga,
 Vive soffrendo e te amando...

Guarda estes versos nos seios,
 Meus mimos de tentação...
 Não digas nada a ninguem,
 Aplaca minha aflicção:
 São trovas puras, singelas,
 Só pobreza elles conteem;
 São versos feitos de beijos,
 De festas, de mil desejos,
 Com a luz do meu pensamento,
 Pra ti, "nha nêga", mimosa,
 Dona de meu coração!...

Minha morena... perdôa,
 Desculpa, não estou mentindo:
 De não poder mais dormir,
 Te vendo de quando em quando.

Perdôa, sim!... Tu perdôas?
 Eu não sei que estou dizendo,
 Ando accordado, sonhando!
 Meus labios estão te querendo,
 Teus olhos me nomorando.

Escuta. Guarda segredo.
 Em ti eu vivo pensando,
 Meu sentimento indagando,
 Si gostas de mim tambem...
 Si querer bem é um peccado,
 Sou pecador declarado,
 Mas gosto de ti, meu bem!...

Original de

FULGENCIO PINTO

PARÁ, TERRA SORRISO

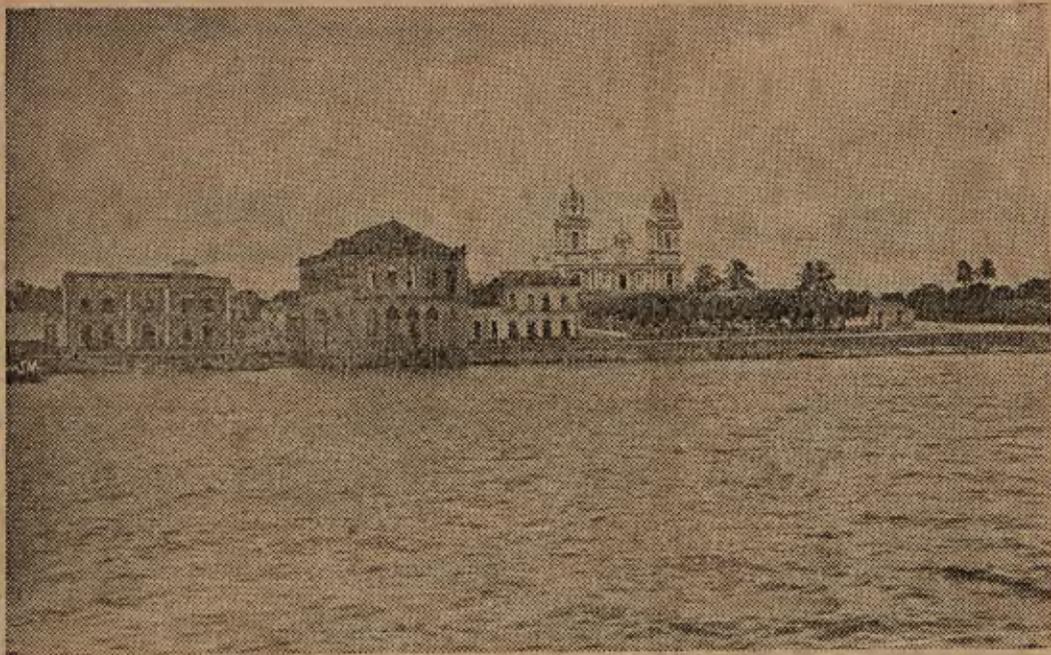


Santarém, cidade pitoresca do Pará, ergue-se festivamente illuminada á luz dos tropicos, contemplando o mar... O presente "cliché" mostra-nos um aspecto do porto da linda cidade paraense



Usina de Luz e Força, na cidade de Santarém, Pará

PARÁ, TERRA SORRISO



Santarém, cidade pitoresca do Pará, ergue-se festivamente illuminada á luz dos tropicos, contemplando o mar... O presente "cliché" mostra-nos um aspecto do porto da linda cidade paraense



Usina de Luz e Força, na cidade de Santarém, Pará

"MENINOS, EU VI" O NOVO QUARTEL DO 24^o B. C.

Ha muito que não visitavamos o pittoresco bairro do João Paulo. Ontem, para ali nos dirigimos, aproveitando as festas tradicionaes de São Pedro, que, no Maranhão, ainda é uma das celebradas pelo nosso povo.

Uma grata surpresa nos aguardava. Dentro da manhã clara e saturada de ruídos fortes da

to, já dotando-o de casernas dignas em todos os recantos do paiz.

A brilhante unidade do 24 B/C, cuja tradição nos fastos de nossa historia militar vale por um florão de rebrilhantes feitos, terá, em breves mezes, o seu novo quartel, grande obra de architectonica moderna, amplo, magnifico, solemne, er-



Cel. José Faustino dos Santos e Silva, a quem o Ministerio da Guerra confiou a construcção do novo Quartel do 24 B/C

alma popular de nossa terra, o Quartel novo do 24 B/C nos chamou de logo attenção, pela magestade de seu edificio, sumptuosa edificação, que, nestas plagas nortistas, affirma a sadia orientação de S. Excia. o sr. Ministro Gaspar Dutra, grande militar e grande brasileiro, cuja administração tem sido uma constante actividade em prol de nosso glorioso Exercito, já aparelhando-o condignamente á altura de seu merccimen-

tido num dos bairros mais pittorescos de nossa historica S. Luiz, construido ali para ser, mais do que uma simples cazerna, o nucleo, sobretudo, de um importante melhoramento publico, o centro de um novo e grande impulso de nossa terra.

Paramos embevecidos deante da esplendida construcção. Esquecemos os motivos de nosso passeio ao João Paulo. Olvidamos os festejos

"MENINOS, EU VI" O NOVO QUARTEL DO 24^o B. C.

Ha muito que não visitavamos o pittoresco bairro do João Paulo. Otem, para ali nos dirigimos, aproveitando as festas tradicionaes de São Pedro, que, no Maranhão, ainda é uma das celebradas pelo nosso povo.

Uma grata surpresa nos aguardava. Dentro da manhã clara e saturada de ruidos fortes da

to, já dotando-o de casernas dignas em todos os recantos do paiz.

A brilhante unidade do 24 B/C, cuja tradição nos fastos de nossa historia militar vale por um florão de rebrilhantes feitos, terá, em breves mezes, o seu novo quartel, grande obra de architectonica moderna, amplo, magnifico, solemne, er-



Cel. José Faustino dos Santos e Silva, a quem o Ministerio da Guerra confiou a construcção do novo Quartel do 24 B/C

alma popular de nossa terra, o Quartel novo do 24 B/C nos chamou de logo attenção, pela magestade de seu edificio, sumptuosa edificação, que, nestas plagas nortistas, affirma a sadia orientação de S. Excia. o sr. Ministro Gaspar Dutra, grande militar e grande brasileiro, cuja administração tem sido uma constante actividade em prol de nosso glorioso Exercito, já aparelhando-o condignamente á altura de seu merccimen-

quido num dos bairros mais pittorescos de nossa historica S. Luiz, construido ali para ser, mais do que uma simples cazerna, o nucleo, sobretudo, de um importante melhoramento publico, o centro de um novo e grande impulso de nossa terra.

Paramos embevecidos deante da esplendida construcção. Esquecemos os motivos de nosso passeio ao João Paulo. Olvidamos os festejos

joaninos. Os cantares simples de nosso povo. As alegres manifestações da alma ingenua e boa de nossa gente, para admirarmos tão somente o importante edificio, que se ergue magestoso, imponente, dominando a paisagem verde e bucólica daquelle recanto, nota viva de progresso, atestando, no tempo e no espaço, as normas administrativas dos tempos novos, que, felizmente, dominam no Brasil.

Não resistimos, por mais tempo, á curiosidade. O jornalista tem algo da alma inquieta das creanças. Tudo que vê quer saber: Assim não podemos deixar de nos dirigir para a gigantesca obra. A surpresa foi crescendo. Com a devida autorização para entrar, resolvemos melhormente matar a nossa curiosidade examinando o formidável edificio.

Ha, por todos os compartimentos um rythmo forte de trabalho. Martelos e serras, colheres e instrumentos varios e variados retinem, estrugem, martelam e vibram e soam em todos os pavimentos, num arruido criador e sadio, — musica do trabalho constructor, que arranca do nada, á luz da intelligencia, os prodigios da arte humana,

pelo perfeito acabainento com que está sendo realizada.

A obra é quasi ciclopica. O edificio é vasto e, podemos assegurar, o novo quartel do 24 B/C vae ser o primeiro do norte e um dos melhores do Brasil.

Entramos ali empolgados deante do que, em tão pouco tempo, já foi feito. A obra está toda edificada. O quartel, podemos dizer, já está prompto. O trabalho ainda a executar é o revestimento, o acabamento do edificio, os detalhes da obra gigantesca, que dia a dia se completam. Mais alguns mezes e o nosso Batalhão terá o seu quartel perfeitamente aparelhado, amplo e confortavel.

Naquella casa não se perde tempo. Vimos todos a postos. O dr. João Luiz de Faria Santos F.^o, cabeça esbranquiçada, curvado, aqui e ali, observa, ordena, dirige os serviços, que está sob o controle directo desse outro homem cuja operosidade é um exemplo de trabalho, o cel. José Faustino, cuja actuação á frente dessa construcção foi a maior segurança de seu exito.

Fomos encontra-lo no seu escriptorio. Surprehendemo-lo a trabalhar. O illustre militar a



Um dos longos pavimentos do novo Quartel, vendo-se, ali, o cel. José Faustino, o dr. João Luiz de Faria Santos F.^o, o mestre da obra, e os nosso confrades A. Pires Ferreira e Astolpho Serra

que arma edificações em que fica para sempre o traço indelevel do homem civilizado.

Mais de duzentos operarios completam a obra. Naquella soberba edificação esses anonymos artistas, orientados pelos engenheiros constructores, atarefados, executam a obra do novo quartel. E' uma tarefa que impressiona a gente, pelos fins,

quem s. excia. o sr. Ministro da Guerra entregou em boa hora, a execução do novo quartel, estava cercado de mappas e graphicos e plantas do soberbo edificio. Em sua mesa varias peças em estudo. A um canto amostras de tijolos, de argamassa, de madeira e de cimento. O dr. José Faustino examina tudo. Pesa, mede e conta, como se

joaninos. Os cantares simples de nosso povo. As alegres manifestações da alma ingenua e boa de nossa gente, para admirarmos tão somente o importante edificio, que se ergue magestoso, imponente, dominando a paisagem verde e bucólica daquelle recanto, nota viva de progresso, attestando, no tempo e no espaço, as normas administrativas dos tempos novos, que, felizmente, dominam no Brasil.

Não resistimos, por mais tempo, á curiosidade. O jornalista tem algo da alma inquieta das creanças. Tudo que vê quer saber: Assim não podemos deixar de nos dirigir para a gigantesca obra. A surpresa foi crescendo. Com a devida autorização para entrar, resolvemos melhormente matar a nossa curiosidade examinando o formidável edificio.

Ha, por todos os compartimentos um rythmo forte de trabalho. Martelos e serras, colheres e instrumentos varios e variados retinem, estrugem, martelam e vibram e soam em todos os pavimentos, num arruido criador e sadio, — musica do trabalho constructor, que arranca do nada, á luz da intelligencia, os prodigios da arte humana,

pelo perfeito acabainento com que está sendo realizada.

A obra é quasi ciclopica. O edificio é vasto e, podemos assegurar, o novo quartel do 24 B/C vae ser o primeiro do norte e um dos melhores do Brasil.

Entramos ali empolgados deante do que, em tão pouco tempo, já foi feito. A obra está toda edificada. O quartel, podemos dizer, já está prompto. O trabalho ainda a executar é o revestimento, o acabamento do edificio, os detalhes da obra gigantesca, que dia a dia se completam. Mais alguns mezes e o nosso Batalhão terá o seu quartel perfeitamente aparelhado, amplo e confortavel.

Naquella casa não se perde tempo. Vimos todos a postos. O dr. João Luiz de Faria Santos F.^o, cabeça esbranquiçada, curvado, aqui e ali, observa, ordena, dirige os serviços, que está sob o controle directo desse outro homem cuja operosidade é um exemplo de trabalho, o cel. José Faustino, cuja actuação á frente dessa construcção foi a maior segurança de seu exito.

Fomos encontra-lo no seu escriptorio. Surprehendemo-lo a trabalhar. O illustre militar a



Um dos longos pavimentos do novo Quartel, vendo-se, ali, o cel. José Faustino, o dr. João Luiz de Faria Santos F.^o, o mestre da obra, e os nosso confrades A. Pires Ferreira e Astolpho Serra

que arma edificações em que fica para sempre o traço indelevel do homem civilizado.

Mais de duzentos operarios completam a obra. Naquella soberba edificação esses anonymos artistas, orientados pelos engenheiros constructores, atarefados, executam a obra do novo quartel. E' uma tarefa que impressiona a gente, pelos fins,

quem s. excia. o sr. Ministro da Guerra entregou em boa hora, a execução do novo quartel, estava cercado de mappas e graphicos e plantas do soberbo edificio. Em sua mesa varias peças em estudo. A um canto amostras de tijolos, de argamassa, de madeira e de cimento. O dr. José Faustino examina tudo. Pesa, mede e conta, como se

diz, com aquella meticulosidade que lhe é peculiar, os menores detalhes da construcção. Nada lhe escapa á observação de tecnico. A sua responsabilidade é grande, e o cel. José Faustino foi sempre um homem que teve a consciencia perfeita da responsabilidade. Emilio Faguet não o enquadra, jamais, nos schemas de seus estudos. O digno engenheiro veio ao nosso encontro,

feita. Os trabalhos proseguem intensos. O material é de superior qualidade. Os pisos de uma ceramica preciosa de S. Paulo. Os mosaicos brancos, de revestimentos excellentes. As esquadrias de portas e janellas de madeira aparelhadas especialmente no Paraná. As installações magnificas. Tudo surprehendente, merece rasgados elogios.



Operarios maranhenses nos trabalhos de esquadria do novo Quartel, em um dos amplos salões do edificio

e recebeu-nos amavelmente. Valham-nos essas demonstrações de sympathias dos grandes homens a nós humildes trabalhadores da imprensa. O cel. José Faustino é um grande amigo da imprensa. Sabe, como militar, que a quarta arma é, afinal, tambem uma arma poderosa, principalmente quando posta a serviço de uma nobre causa.

A recepção nos foi sobremaneira grata. O illustrado patricio acompanhou-nos em uma visita á obra. Vimos todos os compartimentos, todas as dependencias, subimos a todos os pavimentos.

A impressão é intraduzivel. A obra é uma grande realização. O governo federal pelo seu illustre titular da pasta da Guerra deu ao Maranhão uma obra de vulto e prestou ao digno Batalhão do 24 B/C um precioso beneficio. A nova cazerna honra a engenharia militar brasileira. O sr. Ministro Gaspar Dutra e o sr. general Sampaio realizam em nosso Estado uma tarefa, que os tornam maior do que nunca dignos do apreço e veneração dos maranhenses.

O 24 B/C será, talvez, no extremo norte do paiz, o Batalhão mais bem aquartelado. Vimos tudo o que se está construindo com um carinho especial. Cada compartimento é uma obra per-

O cel. José Faustino não se cansa de exaltar a acção do sr. Ministro Gaspar Dutra, do general Sampaio, de todos os que collaboraram para a realização dessa obra, que vem dar ao Maranhão um grande impulso na sua vida progressista.

Não podemos demorar mais em nossa visita. Apesar da gentileza do cel. José Faustino, bem sabemos que o seu tempo é precioso, e, por isso, nos despedimos, cheios de orgulho do nosso querido Brasil, que, afinal, se ergue sacudindo o torpor antigo, deixando de ser, felizmente, "o gigante deitado eternamente em berço esplendido", para se erguer como paiz forte, sadio, moço, capaz de se impor, pelo prestigio de suas Forças Armadas e pela consciencia civica de seus prohomens ao respeito de todos os povos.

Sahimos do novo Quartel do 24 B/C satisfeitos, e, para aqui traduzimos as nossas impressões, epigraphadas com aquelles versos de Gonçalves Dias "Meninos, eu vi!" Sim, vimos uma obra que honra o Brasil, vimos uma edificação que honra o Maranhão, vimos o novo Quartel do 24 B/C, poderosa unidade do Exercito Nacional, que, no seu novo quartel ha-de continuar a manter as suas tradições de defensor da unidade nacional, sem-

diz, com aquella meticulosidade que lhe é peculiar, os menores detalhes da construção. Nada lhe escapa á observação de tecnico. A sua responsabilidade é grande, e o cel. José Faustino foi sempre um homem que teve a consciencia perfeita da responsabilidade. Emílio Faguet não o enquadraria, jamais, nos schemas de seus estudos. O digno engenheiro veio ao nosso encontro,

feita. Os trabalhos proseguem intensos. O material é de superior qualidade. Os pisos de uma ceramica preciosa de S. Paulo. Os mosaicos brancos, de revestimentos excellentes. As esquadrias de portas e janellas de madeira aparelhadas especialmente no Paraná. As installações magnificas. Tudo surprehendente, merece rasgados elogios.



Operarios maranhenses nos trabalhos de esquadria do novo Quartel, em um dos amplos salões do edificio

e recebeu-nos amavelmente. Valham-nos essas demonstrações de sympathias dos grandes homens a nós humildes trabalhadores da imprensa. O cel. José Faustino é um grande amigo da imprensa. Sabe, como militar, que a quarta arma é, afinal, tambem uma arma poderosa, principalmente quando posta a serviço de uma nobre causa.

A recepção nos foi sobremaneira grata. O illustrado patricio acompanhou-nos em uma visita á obra. Vimos todos os compartimentos, todas as dependencias, subimos a todos os pavimentos.

A impressão é intraduzivel. A obra é uma grande realização. O governo federal pelo seu illustre titular da pasta da Guerra deu ao Maranhão uma obra de vulto e prestou ao digno Batalhão do 24 B/C um precioso beneficio. A nova cazerna honra a engenharia militar brasileira. O sr. Ministro Gaspar Dutra e o sr. general Sampaio realizam em nosso Estado uma tarefa, que os tornam maior do que nunca dignos do apreço e veneração dos maranhenses.

O 24 B/C será, talvez, no extremo norte do paiz, o Batalhão mais bem aquartelado. Vimos tudo o que se está construindo com um carinho especial. Cada compartimento é uma obra per-

O cel. José Faustino não se cansa de exaltar a acção do sr. Ministro Gaspar Dutra, do general Sampaio, de todos os que collaboraram para a realização dessa obra, que vem dar ao Maranhão um grande impulso na sua vida progressista.

Não podemos demorar mais em nossa visita. Apesar da gentileza do cel. José Faustino, hem sabemos que o seu tempo é precioso, e, por isso, nos despedimos, cheios de orgulho do nosso querido Brasil, que, afinal, se ergue sacudindo o torpor antigo, deixando de ser, felizmente, "o gigante deitado eternamente em berço esplendido", para se erguer como paiz forte, sadio, moço, capaz de se impor, pelo prestigio de suas Forças Armadas e pela consciencia civica de seus prohomens ao respeito de todos os povos.

Sahimos do novo Quartel do 24 B/C satisfeitos, e, para aqui traduzimos as nossas impressões, epigraphadas com aquelles versos de Gonçalves Dias "Meninos, eu vi!" Sim, vimos uma obra que honra o Brasil, vimos uma edificação que honra o Maranhão, vimos o novo Quartel do 24 B/C, poderosa unidade do Exercito Nacional, que, no seu novo quartel ha-de continuar a manter as suas tradições de defensor da unidade nacional, sem-

DANÇA SAGRADA DAS "MINAS"



Ha em S. Luiz, ainda religiosamente mantido pelos devotos de Xangó, o culto tradicional das minas. A nossa objectiva apanhou esses dois aspectos da solemnidade das minas, vendo-se ahi, no alto, os atabaques sagrados, os adoradores do deus occulto; e, em baixo, um instantaneo das danças caracteristicas das minas, na sua perfeita cadencia com os rythmos do culto afro, em plena funcção, no tradicional "terreiro"

pre vigilante e sempre alerta na defeza da Patria estremeçada, pela bravura de seus dignos officiaes e pelo heroismo de seus soldados.

(Do Imparcial, de 30-6-40).

...QUANDO a patria fôr injusta contigo proceder como u'a madrasta: tome o partido do silencio. — Pitagoras

DANÇA SAGRADA DAS "MINAS"



Ha em S. Luiz, ainda religiosamente mantido pelos devotos de Xangó, o culto tradicional das minas. A nossa objectiva apanhou esses dois aspectos da solemnidade das minas, vendo-se ahi, no alto, os atabaques sagrados, os adoradores do deus occulto; e, em baixo, um instantaneo das danças caracteristicas das minas, na sua perfeita cadencia com os rythmos do culto afro, em plena função, no tradicional "terreiro"

pre vigilante e sempre alerta na defeza da Patria estremeçada, pela bravura de seus dignos officiaes e pelo heroismo de seus soldados.

(Do Imparcial, de 30-6-40).

...QUANDO a patria fôr injusta contigo proceder como u'a madrasta: tome o partido do silencio. — Pitagoras

O POETA CELSO PINHEIRO

Incontestavelmente, é um dos mais brilhantes poetas do norte do Brasil. O seu livro, de que brevemente, nos occuparemos, "Poesias", é uma expressão fortíssima de sua individualidade de estranhos e impressionativos aspectos. A sua capacidade de produzir lembra a de Luis Delphino. O seu mundo interior é como uma região encantadora, onde se expande uma natureza cheia de uma vegetação luxuriante, e onde, a miude, se admiram as formas mais bizarras de cardos nunca vistos.

A intellectualidade piauihyense de hoje tem em Celso Pinheiro uma de suas figuras mais interessantes pelo verbo eloquente de sua poesia que merece acurado estudo, porque nella, sem duvida, se encontram caracterés que definem a literatura brasileira do Norte, que pelos seus traços mais vigorosos, quando é espontanea, diverge da literatura do Sul e do Centro.

Celso Pinheiro, presentemente, conforme estamos informados, está produzindo outro livro de grandes revelações. E não sabemos como nos chegou ás mãos um dos sonetos que vão apparecer nesse livro que elle, por enquanto, esconde á curiosidade dos amigos.

Publicando-o neste numero de **Athenas**, justi-

ficamos o abraço que lhe enviamos pela sua exemplarissima operosidade de que ha colhido flores que não murcham e fructos sapidos:

MARIA LUCIA

**Tem a grandeza ideal das montanhas de lyrios!
sôb a echarpe de azul das loiras primaveras,
no espirito immortal — brazidos de crateras,
brazidos de Chopin — ao clarão dos delirios!...**

**Suave trepidação de Glórias e martyrios,
ao chôro soluçado e rude das chimeras,
perpassa-lhes nas mãos o teclado das éras
acendendo na noite o estelário dos syrios!**

**Ha ninhos a cantar, nos seus dedos de espuma,
temporaes de bonança e borrascas de rosas,
á macieza do luar e macieza da pluma,**

**Cabello tropical — incendiado Castello,
Turibulo — de ipês, em floradas radiosas,
Orchestração da luz — violino e violoncelos!...**

CELSO PINHEIRO



Da direita para a esquerda: "Cléa Kubrusly, filha do sr. Nagib Kubrusly, Maria de Lourdes Bello Tajra, filha do sr. Moysés Tajra, Liseix Fortuna, filha do sr. Djalma Fortuna, Maria da Graça Bello, filha do sr. Alberto Dumond Bello, á porta do Roxy

O POETA CELSO PINHEIRO

Incontestavelmente, é um dos mais brilhantes poetas do norte do Brasil. O seu livro, de que brevemente, nos occuparemos, "Poesias", é uma expressão fortissima de sua individualidade de estranhos e impressionativos aspectos. A sua capacidade de produzir lembra a de Luis Delphino. O seu mundo interior é como uma região encantadora, onde se expande uma natureza cheia de uma vegetação luxuriante, e onde, a miude, se admiram as formas mais bizarras de cardos nunca vistos.

A intellectualidade piauihyense de hoje tem em Celso Pinheiro uma de suas figuras mais interessantes pelo verbo eloquente de sua poesia que merece acurado estudo, porque nella, sem duvida, se encontram caracterés que definem a literatura brasileira do Norte, que pelos seus traços mais vigorosos, quando é espontanea, diverge da literatura do Sul e do Centro.

Celso Pinheiro, presentemente, conforme estamos informados, está produzindo outro livro de grandes revelações. E não sabemos como nos chegou ás mãos um dos sonetos que vão apparecer nesse livro que elle, por enquanto, esconde á curiosidade dos amigos.

Publicando-o neste numero de **Athenas**, justi-

ficamos o abraço que lhe enviamos pela sua exemplarissima operosidade de que ha colhido flores que não murcham e fructos sapidos:

MARIA LUCIA

**Tem a grandeza ideal das montanhas de lyrios!
sôb a echarpe de azul das loiras primaveras,
no espirito immortal — brazidos de crateras,
brazidos de Chopin — ao clarão dos delirios!...**

**Suave trepidação de Glórias e martyrios,
ao chôro soluçado e rude das chimeras,
perpassa-lhes nas mãos o teclado das éras
acendendo na noite o estelário dos syrios!**

**Ha ninhos a cantar, nos seus dedos de espuma,
temporaes de bonança e borrascas de rosas,
á macieza do luar e macieza da pluma,**

**Cabello tropical — incendiado Castello,
Turibulo — de ipês, em floradas radiosas,
Orchestração da luz — violino e violoncelos!...**

CELSO PINHEIRO



Da direita para a esquerda: Cléa Kubrusly, filha do sr. Nagib Kubrusly, Maria de Lourdes Bello Tajra, filha do sr. Moysés Tajra, Liseix Fortuna, filha do sr. Djalma Fortuna, Maria da Graça Bello, filha do sr. Alberto Dumond Bello, á porta do Roxy

Terra- brava

Especial para "Athenas"



Felix Ayres

Cruzam embarcações; ha revoadas de lenços...
 Saudam-se através dos apitos extensos.
 A distancia depois encobre o casario
 que se deixou ficar saudoso do navio.
 De tão bellos paineis não se possui memoria,
 sacode a natureza a cabeleira flórea!
 Tudo é grande, maior, elevado, profundo,
 se a terra illude, absorve, o rio assombra o mundo!
 Vasta vegetação sortilega se enfeita
 e exuberantemente aos olhos nos deleita!
 E' a terra florestal da rica Seringueira,
 do Pau-rosa e da Quina, o Cravo, a Castanheira!
 Cumarú, Guaraná 'dominam' productivos,
 e as madeiras de lei! São quadros suggestivos,
 panoramas rivaes, águas fortes fragrantés
 que se esboçam na côr dos conjunctos distantes...
 Admiro o Inferno-Verde! E' um céu a se estender
 mais do que o imaginar previa antes de ver!
 Terra que não se sabe onde é que é mais grandiosa,
 selvagem, colossal, genetriz, saudalosa!
 E' o dicionario ideal de um idioma intricado
 que não tem, não possui um só diminutivo!
 Toda expressão aqui tem os requintes da Arte;
 não se vê pôr-de-sóis mais lindos noutra parte!
 Na pagina do livro onde os termos se excedem,
 conta-se do esplendor desse fragoso eden
 que já se tonalisa em aspectos mais sérios
 neste vale complexo e cheio de mysterios!
 Verde a Selva seduz, estarrece, amedronta,
 imprevista se eleva, onimoda se encontra!
 E' um desafio ao braço humano esta grandeza,
 o meio, a terra, o clima, a vida, a natureza!
 Só a descreve um deus na virtude completa,
 deus que seja pintor, deus bandeirante e poeta!
 Que desbragado enrêdo em reforços gritantes no
 escandalo triunfal das arvores gigantes!
 Matta fechada, escura, abrupta, inespugnável, dessa
 vejectação florestal mais notavel!
 Nella é que o sol se esconde, ahi mesmo desponta,
 e quase a não penetra, em se levando em conta as
 faixas collossaes turvas em pleno dia...
 Muitos cipós estão tecendo a frondaria.
 Copas á viração onde a orchidéa se agarra
 e em que até mesmo a chuva estoira, estruge e
 esbarra!
 Epifitas vestindo o solemne arvoredó,
 lianas a encortinar o mato em lindo enrêdo...
 Tufos de brotos, mãos de capuchos retraçam
 como um giz vegetal, as arvores que abraçam!

Terra- brava

Especial para "Athenas"



Felix Ayres

Cruzam embarcações; ha revoadas de lenços...
 Saudam-se através dos apitos extensos.
 A distancia depois encobre o casario
 que se deixou ficar saudoso do navio.
 De tão bellos paineis não se possui memoria,
 sacode a natureza a cabeleira flórea!
 Tudo é grande, maior, elevado, profundo,
 se a terra illude, absorve, o rio assombra o mundo!
 Vasta vegetação sortilega se enfeita
 e exuberantemente aos olhos nos deleita!
 E' a terra florestal da rica Seringueira,
 do Pau-rosa e da Quina, o Cravo, a Castanheira!
 Cumarú, Guaraná dominam productivos,
 e as madeiras de lei! São quadros suggestivos,
 panoramas rivaes, águas fortes fragrantés
 que se esboçam na côr dos conjunctos distantes...
 Admiro o Inferno-Verde! E' um céu a se estender
 mais do que o imaginar previa antes de ver!
 Terra que não se sabe onde é que é mais grandiosa,
 selvagem, colossal, genetriz, saudalosa!
 E' o dicionario ideal de um idioma intensivo
 que não tem, não possui um só diminutivo!
 Toda expressão aqui tem os requintes da Arte;
 não se vê pôr-de-sóis mais lindos noutra parte!
 Na pagina do livro onde os termos se excedem,
 conta-se do esplendor desse fragoso eden
 que já se tonalisa em aspectos mais sérios
 neste vale complexo e cheio de mysterios!
 Verde a Selva seduz, estarrece, amedronta,
 imprevista se eleva, onimoda se encontra!
 E' um desafio ao braço humano esta grandeza,
 o meio, a terra, o clima, a vida, a natureza!
 Só a descreve um deus na virtude completa,
 deus que seja pintor, deus bandeirante e poeta!
 Que desbragado enrêdo em reforços gritantes no
 escandalo triunfal das arvores gigantes!
 Matta fechada, escura, abrupta, inespugnável, dessa
 vejectação florestal mais notavel!
 Nella é que o sol se esconde, ahi mesmo desponta,
 e quase a não penetra, em se levando em conta as
 faixas collossaes turvas em pleno dia...
 Muitos cipós estão tecendo a frondaria.
 Copas á viração onde a orchidéa se agarra
 e em que até mesmo a chuva estoira, estruge e
 esbarra!
 Epifitas vestindo o solemne arvoredó,
 lianas a encortinar o mato em lindo enrêdo...
 Tufos de brotos, mãos de capuchos retraçam
 como um giz vegetal, as arvores que abraçam!

ROTARY CLUB



O Rotary Club celebrou com brilhantismo a posse de sua nova directoria para 1940. Damos, aqui, dois aspectos do banquete de posse, no "Maranhão-Hotel", vendo-se, ahi, altas autoridades civis, militares, estaduzes e federaes e elementos de pról da mocidade maranhense

ROTARY CLUB



O Rotary Club celebrou com brilhantismo a posse de sua nova directoria para 1940. Damos, aqui, dois aspectos do banquete de posse, no "Maranhão-Hotel", vendo-se, ahi, altas autoridades civis, militares, estaduzes e federaes e elementos de pról da mocidade maranhense

UMA PAGINA ESQUECIDA

OS FRANCESES, COLONISADORES DO MARANHÃO. — A INFLUENCIA DO ESPIRITO FRANCEZ NA POPULAÇÃO PRIMITIVA DO MARANHÃO. — A FUNDAÇÃO DE S. LUIS. — A MISTIÇAGEM FRANCO-INDIGENA. A LITERATURA FRANCESA INFLUINDO NA MENTALIDADE MARANHENSE. — UM ASPECTO DA SOCIEDADE DE S. LUIS

Não é facil encontrar no Brasil um cantinho em que a França tenha maior numero de admiradores e amigos do que seja S. Luiz do Maranhão.

Com isto não affirmamos grande coisa, mas temos a certeza de que proclamamos uma novidade! É bem possivel que muitos e muitos maranhenses que lerem esta pagina fiquem deveras surprehendidos com esta afirmativa!...

Explica-se, porém, facilmente, este caso, lembrando que esta cidade de S. Luiz foi fundada pelos francezes, nesta pittoresca ilha do Maranhão, que os indios chamavam **Javiré**.

O inesquecivel historiador maranhense, José Ribeiro do Amaral, na sua obra "**A Fundação do Maranhão**", á pagina 73, conta-nos o seguinte:

"Foi na extremidade O desta península, em um sitio previamente escolhido pelos chefes da **Missão Francesa**, a cavalleiro do ponto em que se dá a confluencia dos dois pequenos e já referidos rios, que, ha tresentos annos precisos, lançaram Ravadiere e Rasily os primeiros fundamentos de uma pequena cidade á qual, conciliando a cortezania com a religião, deram o nome de S. Luis, em memoria eterna de Luis 13, rei de França e de Navarra; ao fundeadouro que lhe ficava em frente o de **Santa Maria, em homenagem**, não só á Virgem Santissima, cuja Natividade se celebrava naquelle assignalado dia (8 de Setembro de 1612) mas ainda a Maria de Medices, regente de França, na menoridade de Luis 13, como signal de reconhecimento aos largos e particularissimos favores por ella dispensados á expedição".

Mas é preciso acrescentar que os nossos avós indios, eram amigos extremados dos francezes, que aqui chegaram, por estimulo de Jacques Riffault, armador de Dieppe, que andava a piratear pelas costas do Brasil.

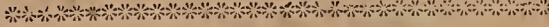
A expedição, diz ainda o notavel historiador maranhense, que se compunha de tres navios:

Regente, almirante, em honra de Maria de Medices, regente da França, á espera que Luis XIII attingisse a maioridade; **Carlota** e **Sant'Anna** — com cerca de quinhentos homens, levantou ferro do porto de Canale, aos 19 de Março de 1612, vindo os expedicionarios, depois de uma viagem combatida sempre de tormentas, lançar ancora em terras do Maranhão, aos 26 de julho, em uma pequena ilha a que os naturaes chamavam **Upaomiry** e a que puzeram o nome de San'Anna, que aiinda hoje dura, não só em lembrança desse memoravel dia, mas tambem porque se chamava Anna a condessa de Soissons parenta do sr. Francisco de



Senhorita Elza Guimarães Albuquerque, filha do sr. Zacharias Pinto de Albuquerque e sua digna esposa d. Maria Guimarães Albuquerque, fino elemento da cidade de Caxias

UMA PAGINA ESQUECIDA



OS FRANCESES, COLONISADORES DO MARANHÃO. — A INFLUENCIA DO ESPIRITO FRANCEZ NA POPULAÇÃO PRIMITIVA DO MARANHÃO. — A FUNDAÇÃO DE S. LUIS. — A MESTIÇAGEM FRANCO-INDIGENA. A LITERATURA FRANCESA INFLUINDO NA MENTALIDADE MARANHENSE. — UM ASPECTO DA SOCIEDADE DE S. LUIS

Não é facil encontrar no Brasil um cantinho em que a França tenha maior numero de admiradores e amigos do que seja S. Luiz do Maranhão.

Com isto não affirmamos grande coisa, mas temos a certeza de que proclamamos uma novidade! É bem possivel que muitos e muitos maranhenses que lerem esta pagina fiquem deveras surprehendidos com esta afirmativa!...

Explica-se, porém, facilmente, este caso, lembrando que esta cidade de S. Luiz foi fundada pelos francezes, nesta pittoresca ilha do Maranhão, que os indios chamavam **Javiré**.

O inesquecivel historiador maranhense, José Ribeiro do Amaral, na sua obra "**A Fundação do Maranhão**", á pagina 73, conta-nos o seguinte:

"Foi na extremidade O desta península, em um sitio previamente escolhido pelos chefes da **Missão Francesa**, a cavalleiro do ponto em que se dá a confluencia dos dois pequenos e já referidos rios, que, ha tresentos annos precisos, lançaram Ravadiere e Rasily os primeiros fundamentos de uma pequena cidade á qual, conciliando a cortezanía com a religião, deram o nome de S. Luis, em memoria eterna de Luis 13, rei de França e de Navarra; ao fundeadouro que lhe ficava em frente o de **Santa Maria, em homenagem**, não só á Virgem Santissima, cuja Natividade se celebrava naquelle assignalado dia (8 de Setembro de 1612) mas ainda a Maria de Medices, regente de França, na menoridade de Luis 13, como signal de reconhecimento aos largos e particularissimos favores por ella dispensados á expedição".

Mas é preciso acrescentar que os nossos avós indios, eram amigos extremados dos francezes, que aqui chegaram, por estímulo de Jacques Riffault, armador de Dieppe, que andava a piratear pelas costas do Brasil.

A expedição, diz ainda o notavel historiador maranhense, que se compunha de tres navios:

Regente, almirante, em honra de Maria de Mediceis, regente da França, á espera que Luis XIII attingisse a maioridade; **Carlota** e **Sant'Anna** — com cerca de quinhentos homens, levantou ferro do porto de Canale, aos 19 de Março de 1612, vindo os expedicionarios, depois de uma viagem combatida sempre de tormentas, lançar ancora em terras do Maranhão, aos 26 de julho, em uma pequena ilha a que os naturaes chamavam **Upaomiry** e a que puzeram o nome de San'Anna, que aiinda hoje dura, não só em lembrança desse memoravel dia, mas tambem porque se chamava Anna a condessa de Soissons parenta do sr. Francisco de



Senhorita Elza Guimarães Albuquerque, filha do sr. Zacharias Pinto de Albuquerque e sua digna esposa d. Maria Guimarães Albuquerque, fino elemento da cidade de Caxias

OS GRANDES CABOS DE GUERRA



Gustavo Mannerheim, marechal do exercito finlandez, cujo valor militar foi altamente comprovado na guerra que o seu paiz sustentou com a União Sovietica. Na gravura vemos o grande cabo de guerra, em seu gabinete em Helsink, após a assignatura do tratado de Paz. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

Rasilly, logar-tenente do rei e commandante da expedição.

Os nossos avós indios, como já dissemos, de-ram-se bem com os francezes que com elles se houveram ás mil maravilhas. A respeito dessa grande amizade, os historiadores maranhenses, sem excluir o professor Ribeiro do Amaral, conta-nos coisas interessantissimas. Si a colonização do

Maranhão dependesse da vontade dos nossos in-dios, os francezes teriam ficado.

Quando os portuguezes aqui chegaram o en-traram em lucha com os francezes, estes já haviam percorrido todas as nossas terras, já se haviam misturado com os indigenas. A mestiçagem fran-cô-indígena lavrava francamente!

Accrescente-se que os nossos antepassados in-

OS GRANDES CABOS DE GUERRA



Gustavo Mannerheim, marechal do exercito finlandez, cujo valor militar foi altamente comprovado na guerra que o seu paiz sustentou com a União Sovietica. Na gravura vemos o grande cabo de guerra, em seu gabinete em Helsink, após a assignatura do tratado de Paz. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

Rasilly, logar-tenente do rei e commandante da expedição.

Os nossos avós indios, como já dissemos, deram-se bem com os francezes que com elles se houveram ás mil maravilhas. A respeito dessa grande amizade, os historiadores maranhenses, sem excluir o professor Ribeiro do Amara!, contam nos coisas interessantissimas. Si a colonização do

Maranhão dependesse da vontade dos nossos indios, os francezes teriam ficado.

Quando os portuguezes aqui chegaram o entraram em lucha com os francezes, estes já haviam percorrido todas as nossas terras, já se haviam misturado com os indigenas. A mestiçagem franco-indígena lavrava francamente !

Accrescente-se que os nossos antepassados in-

dios christianisados pela **Missão Francesa**, e os primeiros mestiços maranhenses, foram accordes em attestar a fidalga gentileza dos francezes, que, vendo-se bem, foram os colonisadores do Maranhão, pois foram elles que organízaram as primeiras sociedades indigenas. Foram elles que lutaram contra a antropophagia dos nossos irmãos da selva, reinante no Maranhão Continental.

E um facto veio ainda augmentar a estima da nossa gente pelos francezes, a prisão do fundador de S. Luiz em Lisbôa, depois de haver dado aos portuguezes, as mais extraordinarias provas de seu cavalheirismo e de seu espirito superior, por occasião que lhes entregou a conquista!

E é bom não esquecer que foi em S. Luis do Maranhão o lugar em que a literatura e a cultura franceza mais influíram.

Foi aqui, em S. Luis, a primeira cidade do Brasil em que appareceu traduzido, o primeiro livro francez, que era da lavra de **Paul Janet**.

S. Luis, apesar de ser depois a cidade mais portuguesa do Brasil, pelos habitos, costumes, linguagem, e pelo grande numero de portuguezes que aqui eram domiciliados, sempre estimou o povo francez.

Liam-se aqui os classicos, mas liam-se muito mais livros e romances francezes, os philosophos francezes, os scientistas francezes.

Aqui, durante muitos annos, viveram modistas, caelereiros, musicos, architectos e pintores francezes. Ao lado da cosinha portuguesa, a cosinha franceza para os grandes dias, pois não nos faltavam tambem, hoteis francezes.

Commerciaentes francezes e estabelecimentos commerciaes de francezes, e até luxuosos, não faltavam em S. Luis.

Si a mestiçagem luso-brasileira cresceu aqui, ao lado da afro-brasileira, a mestiçagem franco-indígena, que foi a primeira, foi em menor escala substituida pela franco-brasileira. Não apparece entretanto, senão raramente, a mestiçagem luso-indígena, que é aliás insignificante diante da mestiçagem que os hollandeses aqui fizeram com os indigenas, e de que mais tarde nos occuparemos.

Diz o povo que o que está no sangue vai alem da campa!

O desastre do exercito francez ecoou dolorosamente em S. Luis, reboou tristemente no Maranhão!

THEREZINA FESTIVA E RISONHA



Um trecho da magnifica avenida D. Pedro II cheia de flores e arvores festivas com o seu cinema e os seus bungalows alegres

dios christianisados pela **Missão Francesa**, e os primeiros mestiços maranhenses, foram accordes em attestar a fidalga gentileza dos francezes, que, vendo-se bem, foram os colonisadores do Maranhão, pois foram elles que organízaram as primeiras sociedades indígenas. Foram elles que lutaram contra a antropophagia dos nossos irmãos da selva, reinante no Maranhão Continental.

E um facto veio ainda augmentar a estima da nossa gente pelos francezes, a prisão do fundador de S. Luiz em Lisbôa, depois de haver dado aos portuguezes, as mais extraordinarias provas de seu cavalheirismo e de seu espirito superior, por occasião que lhes entregou a conquista!

E é bom não esquecer que foi em S. Luis do Maranhão o lugar em que a literatura e a cultura franceza mais influíram.

Foi aqui, em S. Luis, a primeira cidade do Brasil em que appareceu traduzido, o primeiro livro francez, que era da lavra de **Paul Janet**.

S. Luis, apesar de ser depois a cidade mais portuguesa do Brasil, pelos habitos, costumes, linguagem, e pelo grande numero de portuguezes que aqui eram domiciliados, sempre estimou o povo francez.

Liam-se aqui os classicos, mas liam-se muito mais livros e romances francezes, os philosophos francezes, os scientistas francezes.

Aqui, durante muitos annos, viveram modistas, caelereiros, musicos, architectos e pintores francezes. Ao lado da cosinha portuguesa, a cosinha franceza para os grandes dias, pois não nos faltavam tambem, hoteis francezes.

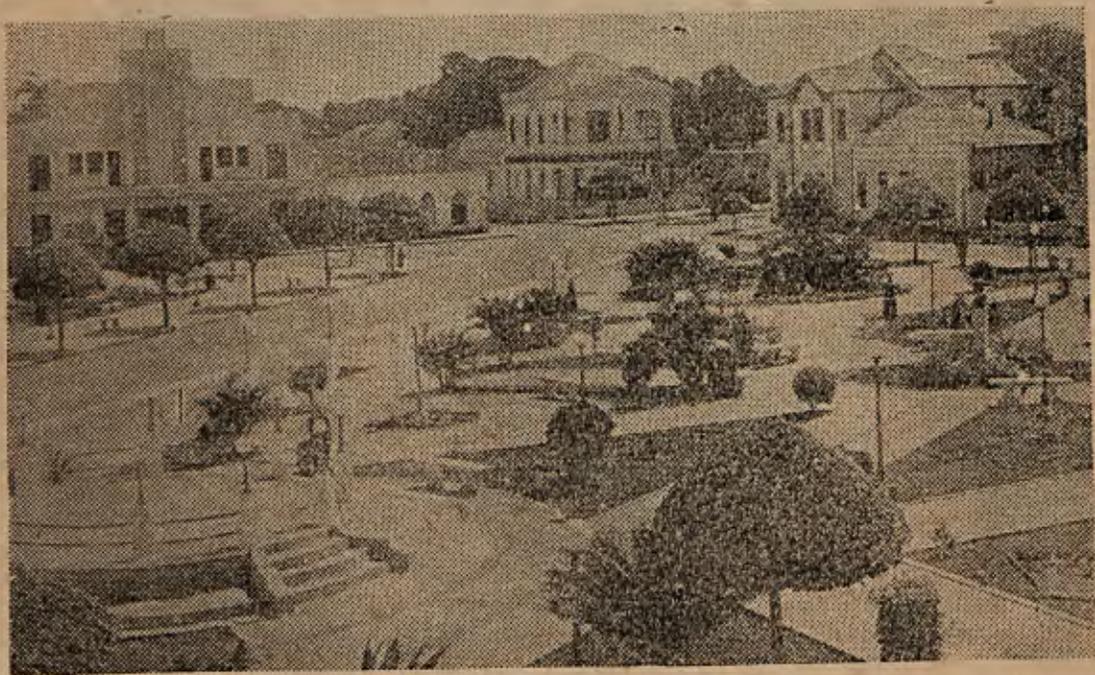
Commerciantes francezes e estabelecimentos commerciaes de francezes, e até luxuosos, não faltavam em S. Luis.

Si a mestiçagem luso-brasileira cresceu aqui, ao lado da afro-brasileira, a mestiçagem franco-indígena, que foi a primeira, foi em menor escala substituida pela franco-brasileira. Não apparece entretanto, senão raramente, a mestiçagem luso-indígena, que é aliás insignificante diante da mestiçagem que os hollandeses aqui fizeram com os indígenas, e de que mais tarde nos occuparemos.

Diz o povo que o que está no sangue vai alem da campa!

O desastre do exercito francez ecoou dolorosamente em S. Luis, reboou tristemente no Maranhão!

THEREZINA FESTIVA E RISONHA



Um trecho da magnifica avenida D. Pedro II cheia de flores e arvores festivas com o seu cinema chic e os seus bungalows alegres

Pelas Escolas



Entre a petisada estudiosa da Escola "S. Luiz de Gonzaga", o nosso reporter colheu os flagrantes que aqui estampamos. Em cima, á esquerda, as quartanistas Nícia Castello Branco, Yedda Duailibe, Carolina Castello Branco, Theresa de Jesus Dias, Maria Regina Travassos e Marilda dos Santos Gouvêa. A' direita, as terceirannistas Eliette Saraiva Bogêa, Maria Thereza Penha, Raynunda Coimbra Penha, Annamaria Coelho Vianna e Maria Elisa Nunes. Em baixo, a turma do Jardim da Infância

Pelas Escolas



Entre a petisada estudiosa da Escola "S. Luiz de Gonzaga", o nosso reporter colheu os flagrantes que aqui estampamos. Em cima, á esquerda, as quartanistas Nícia Castello Branco, Yedda Duailibe, Carolina Castello Branco, Theresa de Jesus Dias, Maria Regina Travassos e Marilda dos Santos Gouvêa. A' direita, as terceirannistas Eliette Saraiva Bogêa, Maria Thereza Penha, Raynunda Coimbra Penha, Annamaria Coelho Vianna e Maria Elisa Nunes. Em baixo, a turma do Jardim da Infância

UMA PAGINA DE D. LUIZ DE BRITTO

O Brasil vai commemorar condignamente o centenario de nascimento de D. Luiz de Britto, grande figura do clero nacional e uma das glorias do Maranhão intellectual.

D. Luiz de Britto nasceu na cidade de S. Bento em 24 de agosto de 1840. Era consagrado orador sacro. Pregador da Capela Imperial, arcebispo de

Olinda, onde falleceu em 1915, o Bossuet maranhense terá em todo o Brasil a lhe exaltar a memoria as mais expressivas homenagens.

Publicamos, aqui, uma das vigorosas paginas de D. Luiz de Britto em que elle não se esqueceu da terra maranhense.

abrireis a toga que vos cobre o peito e mostrando-lhe o coração, dir-lhes-eis: "Eil-o; aqui o conservamos intacto e o communicamos para remedio teu e sustentação de tua vida".

A ti agora, terra amada, idolatrado Maranhão, saudamos com todo affecto de amôr filial; teu filho, embora ausente, nunca se esqueceu de ti: sobre tua fronte onde tantos filhos teus tem depositado as palmas conquistadas pelo genio e pelo saber, tambem vamos depor o nosso tributo; e se alguma honra nos advem pela posição a que fomos, embora indigno, elevado, toda te offerecemos; e tu que guardas os restos humildes e amados progenitores, guarda tambem o amor e a lembrança do filho que a ti tudo deve".

"Com respeito e amor de coração saudamos esta pleiade de varões illustres nas letras, que têm brilhado como astros de primeira grandeza, repar-tindo sua luz pura com tantos novos astros que se formaram de seu peito, e têm levado por todo o Brasil com a sciencia do Direito o culto da verdade. Queremos filhos dessa illustre escola, que para si conquistou o titulo de catholica, compre-hendendo que toda a sabedoria vem de Deus e que o principio da sciencia é unvida pela fé tem se erguido para dar testemunho da verdade sempre que ella é atacada.

Vós sabeis, illustres mestres e filhos amados, que o organismo social tem necessidade da convergencia dos esforços de todos os membros para que a vida se lhe desenvolva; essa vida porem que vem de Deus, principio de onde emana toda a lei, não permanece no organismo enfermo, e o nó da vida social consiste no conhecimento e exercicio dos direitos e deveres, e a nobre missão de os espalhar é a vossa!

Quando as mulheres do Evangelho procuraram no sepulchro vasio o corpo de Jesus e o não encontraram — um anjo se apressou tranquilisando-a: "Não está ahí, mas não tenhaes medo, res-suscitou e estará convosco na Galiléa"; mas si a patria desolada, vendo o santuario da lei profana-la procurar o remedio para seus males, virá a vós e perguntar-vos-ha: "Onde puzeram o Di-eito?".

Vós que sempre fostes, esperamos, continua-reis a ser os guardas vigilantes dessa arca santa,



O consagrado poeta Jonas da Silva, ladeado pelos nossos amigos Nicanor Azevedo e Felix Ayres

UMA PAGINA DE D. LUIZ DE BRITTO

O Brasil vai commemorar condignamente o centenario de nascimento de D. Luiz de Britto, grande figura do clero nacional e uma das glorias do Maranhão intellectual.

D. Luiz de Britto nasceu na cidade de S. Bento em 24 de agosto de 1840. Era consagrado orador sacro. Pregador da Capela Imperial, arcebispo de

Olinda, onde falleceu em 1915, o Bossuet maranhense terá em todo o Brasil a lhe exaltar a memoria as mais expressivas homenagens.

Publicamos, aqui, uma das vigorosas paginas de D. Luiz de Britto em que elle não se esqueceu da terra maranhense.

abrireis a toga que vos cobre o peito e mostrando-lhe o coração, dir-lhes-eis: "Eil-o; aqui o conservamos intacto e o communicamos para remedio teu e sustentação de tua vida".

A ti agora, terra amada, idolatrado Maranhão, saudamos com todo affecto de amôr filial; teu filho, embora ausente, nunca se esqueceu de ti: sobre tua fronte onde tantos filhos teus tem depositado as palmas conquistadas pelo genio e pelo saber, tambem vamos depor o nosso tributo; e se alguma honra nos advem pela posição a que fomos, embora indigno, elevado, toda te offerecemos; e tu que guardas os restos humildes e amados progenitores, guarda tambem o amor e a lembrança do filho que a ti tudo deve".

"Com respeito e amor de coração saudamos esta pleiade de varões illustres nas letras, que têm brilhado como astros de primeira grandeza, repar-tindo sua luz pura com tantos novos astros que se formaram de seu peito, e têm levado por todo o Brasil com a sciencia do Direito o culto da verdade. Queremos filhos dessa illustre escola, que para si conquistou o titulo de catholica, comprehendendo que toda a sabedoria vem de Deus e que o principio da sciencia é unvida pela fé tem se erguido para dar testemunho da verdade sempre que ella é atacada.

Vós sabeis, illustres mestres e filhos amados, que o organismo social tem necessidade da convergencia dos esforços de todos os membros para que a vida se lhe desenvolva; essa vida porem que vem de Deus, principio de onde emana toda a lei, não permanece no organismo enfermo, e o nó da vida social consiste no conhecimento e exercicio dos direitos e deveres, e a nobre missão de os espalhar é a vossa!

Quando as mulheres do Evangelho procuraram no sepulchro vasio o corpo de Jesus e o não encontraram — um anjo se apressou tranquilisando-a: "Não está ahí, mas não tenhaes medo, resuscitou e estará convosco na Galiléa"; mas si a patria desolada, vendo o santuario da lei profanada procurar o remedio para seus males, virá a vós e perguntar-vos-ha: "Onde puzeram o Dizeito?".

Vós que sempre fostes, esperamos, continuareis a ser os guardas vigilantes dessa arca santa,



O consagrado poeta Jonas da Silva, ladeado pelos nossos amigos Nicanor Azevedo e Felix Ayres

AS NOVAS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS



Com a assignatura do tratado de Moscú, a União Soviética annexou dois importantes territorios filandezes: a zona da Karelia e a de Markajärvi. Esses territorios foram organizados como duas novas Republicas Soviéticas. Na gravura vemos esses territorios assignalados no mappa. Cliché da

P. I. B. especial para ATHENAS)

AS NOVAS REPÚBLICAS SOVIÉTICAS



Com a assignatura do tratado de Moscou, a União Soviética annexou dois importantes territorios filandezes: a zona da Karelia e a de Markajarvi. Esses territorios foram organizados como duas novas Republicas Soviéticas. Na gravura vemos esses territorios assignalados no mappa. Cliché da

P. I. B. especial para ATHENAS)

ATHENAS inicia, no presente numero, a colaboração brilhante do dr. José Pinto Junior, medico dos mais illustres do Rio Grande do Norte, cunhado do illustrado cel. Aluisio Moura.

A nossa revista vae, assim, offerecendo aos seus leitores, cada numero, uma pagina nova de pennas sadias como a do illustre patricio dr. José Pinto Junior, que certamente continuará a escrever em **Athenas**.

UM HOMEM

A Levy Miranda, apostolo da bondade

JOSE' PINTO JUNIOR

Elle tem piedade dos velhos desamparados. Dos cegos, dos invalidos, dos humildes e dos sem familia.

Veio de longe, de muito longe, como predestinado, pelas estradas cheias de pó do egoismo humano, onde deu abrigo a milhares de filhos da Miséria.

Não é beneditino. Não é filho de Ignacio de Loyola, o jesuita, mas discipulo amado de Francisco de Assis e Vicente de Paula. Apenas um homem que sente suas dôres e compreende as dôres alheias. Um homem de carne e sangue. Um homem feito á imagem de Deus. Mas sempre um Homem sujeito ás seduçõs do mal e ás atentações do bem.

Elle veio de longe pelas estradas ensolaradas, como um peregrino de Deus, para abrigar os miseraveis e os infelizes com o seu manto tecido com as pétalas das rosas de Jericó. Para abrigar os velhos; todos os que passaram pela vida e guardam ainda no corpo e no espirito os estigmas a maldade de seus irmãos.

Seus gestos fazem lembrar os daquelle solitario frei Virgilio que construiu um solido mosteiro nas montanhas proximas de La Napoule.

Aos que perguntavam maravilhados como, fraco e pobre, conseguira realizar obra tão humana, espondia com brandura:

“Todas as grandes obras se fazem com fe e



JOSE' PINTO JUNIOR

não com dinheiro; que admira que este pequeno edificio se sustente firme nesses eternos fundamentos?”.

Tenho piedade dos novos. Dos que começam a galgar a áspera montanha da vida. Dos que principiam a trilhar os caminhos do mundo. Sobretudo das creanças pobres e doentes que não têm pae nem mãe para beijar-lhes a bocca nos momentos de desespero e amargor e nas horas de angustia. De todas que conheci nos sertões de minha terra. Creanças abandonadas que vi

ATHENAS inicia, no presente numero, a colaboração brilhante do dr. José Pinto Junior, medico dos mais illustres do Rio Grande do Norte, cunhado do illustrado cel. Aluisio Moura.

A nossa revista vae, assim, offerecendo aos seus leitores, cada numero, uma pagina nova de pennas sadias como a do illustre patricio dr. José Pinto Junior, que certamente continuará a escrever em **Athenas**.

UM HOMEM

A Levy Miranda, apostolo da bondade

JOSE' PINTO JUNIOR

Elle tem piedade dos velhos desamparados. Dos cegos, dos invalidos, dos humildes e dos sem familia.

Veio de longe, de muito longe, como predeterminado, pelas estradas cheias de pó do egoismo humano, onde deu abrigo a milhares de filhos da Miséria.

Não é beneditino. Não é filho de Ignacio de Loyola, o jesuita, mas discipulo amado de Francisco de Assis e Vicente de Paula. Apenas um homem que sente suas dôres e compreende as dôres alheias. Um homem de carne e sangue. Um homem feito á imagem de Deus. Mas sempre um Homem sujeito ás seduções do mal e ás atentações do bem.

Elle veio de longe pelas estradas ensolaradas, como um peregrino de Deus, para abrigar os miseraveis e os infelizes com o seu manto tecido com as pétalas das rosas de Jericó. Para abrigar os velhos; todos os que passaram pela vida e guardam ainda no corpo e no espirito os estigmas a maldade de seus irmãos.

Seus gestos fazem lembrar os daquelle solitario frei Virgilio que construiu um solido mosteiro nas montanhas proximas de La Napoule.

Aos que perguntavam maravilhados como, fraco e pobre, conseguira realizar obra tão humana, espondia com brandura:

“Todas as grandes obras se fazem com fe e

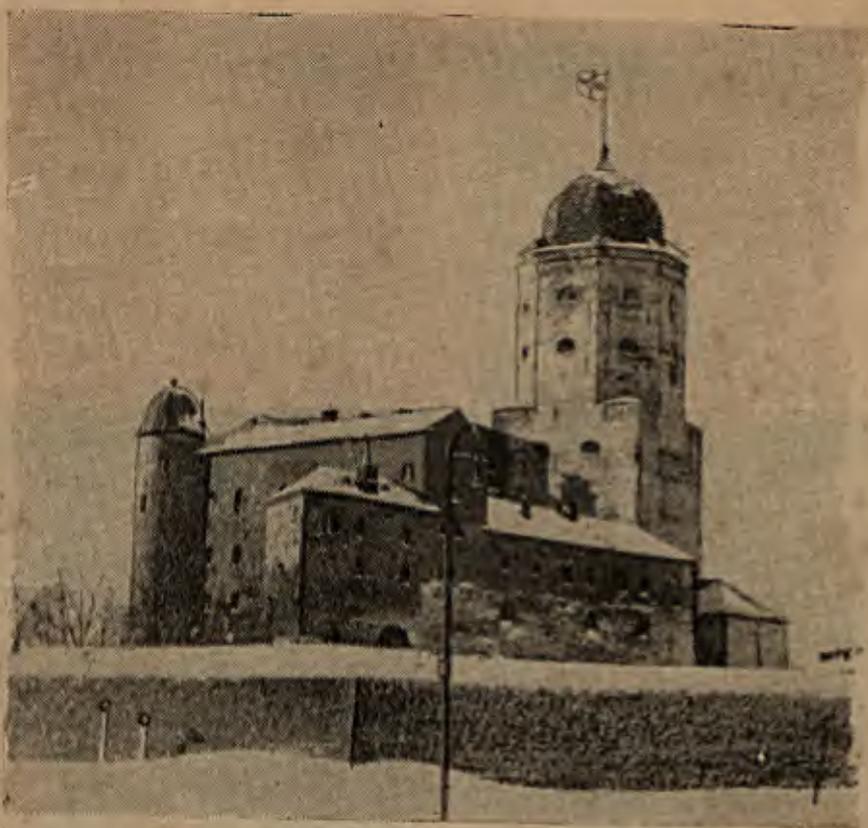


JOSE' PINTO JUNIOR

não com dinheiro; que admira que este pequeno edificio se sustente firme nesses eternos fundamentos?”.

Tenho piedade dos novos. Dos que começam a galgar a áspera montanha da vida. Dos que principiam a trilhar os caminhos do mundo. Sobretudo das creanças pobres e doentes que não têm pae nem mãe para beijar-lhes a bocca nos momentos de desespero e amargor e nas horas de angustia. De todas que conheci nos sertões de minha terra. Creanças abandonadas que vi

O CASTELLO DE VIBORG



Apezar do rude bombardeio de Viborg, o velho e historico castello da importante cidade que foi conquistada pelos Soviets não soffreu qualquer damno. Na gravura vemos o castello, quando em seu torreão, drapejava, ainda, a bandeira finlandeza. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

na, foi coroada pela estima do povo, na gloria do seu jubileu de reino.

Entre a historia das vidas, porem, tendo de um lado a existencia placida retratada tão fielmente no seu typo physico, de Victoria, tendo do outro lado a vida ardente, inquieta, de Elizabeth, o publico inclinar-se-á para o partido desta ultima.

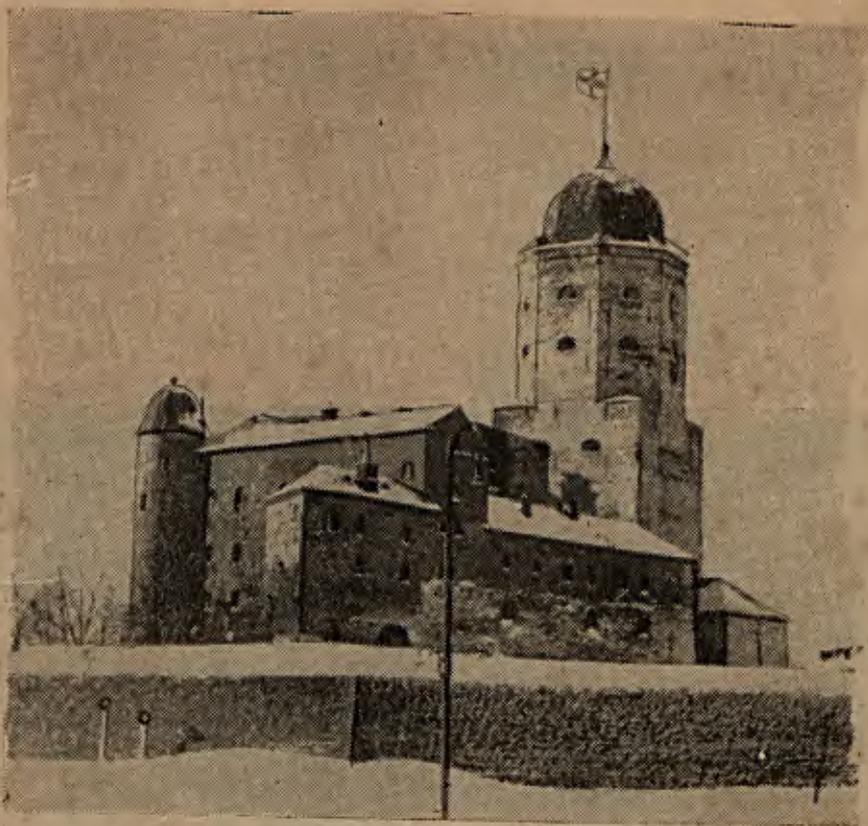
Dizendo assim, refiro-me especialmente tendo em confronto as biographias das duas soberanas realizadas por um mesmo escriptor, Lytton Strachey, o grande renovador da literatura biographica, e que teve, em Elizabeth e em Victoria, os seus grandes themas. Estes dois grandes livros estão traduzidos e editados em portuguez por Vecchi Editor — “A Rainha Victoria e a Rainha Elizabeth e os seus tragicos amores com o conde de Essex” — o primeiro vertido por Stela Paredes e o segundo por Abelardo Romero.

Há na vida de Elizabeth como na do Conde de Essex, o grande amor não realizado, e que tambem não pode ser chamado de platonico, attitudes que muita vez hão de parecer, pelo de esdruxulo que têm, criação de escriptor, ou do espirito popular, fonte tão grande de legendas.

“A Rainha Elizabeth e os seus tragicos amores com o Conde de Essex” é, não resta duvida, um dos volumes de leitura mais atrahente da grande collecção de biographias de Vecchi Editor. A traducção, realizada por Abelardo Romero, é satisfactoria em todos os pontos de vista.

Depois da leitura, Elizabeth ficará como uma figura de historia; a côrte da Inglaterra, recuará na mente do leitor, fugindo dos dias negros que hoje vê, para os tempos festivos daquelle rainha soiteirona, apaixonada, depois de sessenta annos, por um rapaz de menos de vinte e cinco.

O CASTELLO DE VIBORG



Apezar do rude bombardeio de Viborg, o velho e historico castello da importante cidade que foi conquistada pelos Soviets não soffreu qualquer damno. Na gravura vemos o castello, quando em seu torreão, drapejava, ainda, a bandeira finlandeza. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

na, foi coroada pela estima do povo, na gloria do seu jubileu de reino.

Entre a historia das vidas, porem, tendo de um lado a existencia placida retratada tão fielmente no seu typo physico, de Victoria, tendo do outro lado a vida ardente, inquieta, de Elizabeth, o publico inclinar-se-á para o partido desta ultima.

Dizendo assim, refiro-me especialmente tendo em confronto as biographias das duas soberanas realizadas por um mesmo escriptor, Lytton Strachey, o grande renovador da literatura biographica, e que teve, em Elizabeth e em Victoria, os seus grandes themas. Estes dois grandes livros estão traduzidos e editados em portuguez por Vecchi Editor — “A Rainha Victoria e a Rainha Elizabeth e os seus tragicos amores com o conde de Essex” — o primeiro vertido por Stela Paredes e o segundo por Abelardo Romero.

Há na vida de Elizabeth como na do Conde de Essex, o grande amor não realizado, e que tambem não pode ser chamado de platonico, attitudes que muita vez hão de parecer, pelo de esdruxulo que têm, criação de escriptor, ou do espirito popular, fonte tão grande de legendas.

“A Rainha Elizabeth e os seus tragicos amores com o Conde de Essex” é, não resta duvida, um dos volumes de leitura mais atrahente da grande collecção de biographias de Vecchi Editor. A traducção, realizada por Abelardo Romero, é satisfactoria em todos os pontos de vista.

Depois da leitura, Elizabeth ficará como uma figura de historia; a côrte da Inglaterra, recuará na mente do leitor, fugindo dos dias negros que hoje vê, para os tempos festivos daquelle rainha soiteirona, apaixonada, depois de sessenta annos, por um rapaz de menos de vinte e cinco.

ATRAZ da TELA

(Do nosso correspondente especial em Hollywood)

Hollywood está interessada em saber se a história se vai repetir no caso de Forrest Tucker, que acaba de ter a sua primeira oportunidade com o ultimo drama que Goldwyn está produzindo, "The Westerner", em que Gary Cooper será protagonista. A United Artists distribuirá o film.

Ha quatorze annos Gary Cooper fez a sua

citado. Louro, de 24 annos, perto de 1 metro e noventa de altura, pesando perto de 100 kilos, o jovem Tucker é forrado de experiencia em materia de "foot-ball", "basket-ball", tenis e outros esportes. E' inteiramente noviço, porém, na arte de representar.

Parece que o jovem futuro astro foi observado quando visitava Hollywood no verão passa-



Gary Cooper, Forrest Tucker, Doris Davenport Fred Stone em uma scena da produção de Samuel Goldwyn "The Westerner". — (Photo United Artists)

estrela na tela com a produção de Goldwyn "The Winning of Barbara Worth". Foi dahi que elle partiu para chegar ás culminancias da gloria e da fortuna. Agora cabe a vez a Tucker de ver o que vae acontecer consigo mesmo. Já Goldwyn mostrou que tinha fé no principiante, pois fez com elle um longo e excellent contracto. O estreante é um antigo jogador de "foot-ball" universitario, além de artilheiro do exer-

do, durante uma festa, por um caçador de talentos que não perdeu tempo, proporcionando-lhe logo uma oportunidade de fazer uma experiencia deante de camera. Esta foi coroada de êxito, mas o filme para o qual elle tinha sido destinado teve a sua realização adiada. Pouco depois Goldwyn, ouvindo falar do moço, mandou chamá-lo e immediatamente assignou um contracto com elle, pelo qual devia o astro improvisad

ATRAZ da TELA

(Do nosso correspondente especial em Hollywood)

Hollywood está interessada em saber se a história se vai repetir no caso de Forrest Tucker, que acaba de ter a sua primeira oportunidade com o ultimo drama que Goldwyn está produzindo, "The Westerner", em que Gary Cooper será protagonista. A United Artists distribuirá o film.

Ha quatorze annos Gary Cooper fez a sua

cito. Louro, de 24 annos, perto de 1 metro e noventa de altura, pesando perto de 100 kilos, o jovem Tucker é forrado de experiencia em materia de "foot-ball", "basket-ball", tenis e outros esportes. E' inteiramente noviço, porém, na arte de representar.

Parece que o jovem futuro astro foi observado quando visitava Hollywood no verão passa-



Gary Cooper, Forrest Tucker, Doris Davenport Fred Stone em uma scena da produção de Samuel Goldwyn "The Westerner". — (Photo United Artists)

estrela na tela com a produção de Goldwyn "The Winning of Barbara Worth". Foi dahi que elle partiu para chegar ás culminancias da gloria e da fortuna. Agora cabe a vez a Tucker de ver o que vae acontecer consigo mesmo. Já Goldwyn mostrou que tinha fé no principiante, pois fez com elle um longo e excellent contracto. O estreante é um antigo jogador de "foot-ball" universitario, além de artilheiro do exer-

do, durante uma festa, por um caçador de talentos que não perdeu tempo, proporcionando-lhe logo uma oportunidade de fazer uma experiencia deante de camera. Esta foi coroada de êxito, mas o filme para o qual elle tinha sido destinado teve a sua realização adiada. Pouco depois Goldwyn, ouvindo falar do moço, mandou chamá-lo e immediatamente assignou um contracto com elle, pelo qual devia o astro improvisad

desempenhar o segundo papel masculino no "The Westerner".

Com duas pollegadas a mais do que Cooper e pesando uns 20 kilos a mais, Tucker teve que empenhar-se no correr do filme num terrível pugilato com Cooper, ao fim do qual este o deixa "knock-out".

Um dos traços interessantes de Tucker é que o sadio esportista escreveu uma historia da vida no exercito baseada em sua experiencia pessoal, já a tendo vendido a uma companhia cinematographica.

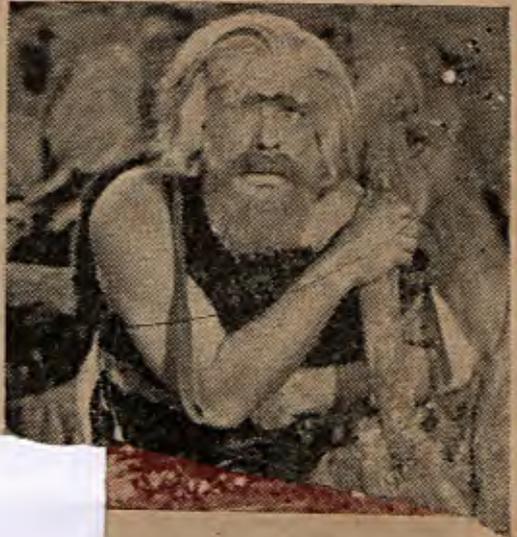
Armand Denis e sua mulher Leila Roosevelt, cheies da expedição asiatica Denis-Roosevelt, acabam de voltar a Nova-York a bordo do cargueiro **Robin Hood** após uma longa viagem de aventuras e de magnificas filmagens. Chegaram de volta da expedição trazendo os dois carros e um caminhão com os quaes vararam a Asia e a Africa, além de um variado carregamento de animais, inclusive dois leopardos de estimacao, tres macacos, um delles un raro Colshus, tres chinezes e dezeseite tartarugas das ilhas chelles.

O casal Denis deixou Nova-York em novembro de 1939 com destino a Londres, de onde partiram para Rangoon em Burma. Em Rangoon alugaram nos seus carros e subiram á Chitang, uma celebre estrada interior construida para o transporte de munições para o Governo Chinês contra o Japão. De volta da China para a India o casal atravessou a India trazendo com eles um primeiro film documentario da região, o qual constitue um verdadeiro record da expedição. Depois de seguir entrar na região prohibida da China, com o estallar da guerra, tiveram que deixar a região e vieram para a Africa, cortando tres vezes neutros mas pouco conhecidos. O casal conseguiu adquirir os direitos de distribuição de suas obras no mundo dos novos documentarios, com excepção dos Estados Unidos. Seus documentarios constituem novas aventuras sensacionais.

Os expedicionistas foram os primeiros a produzir essas obras primas em filmes, como "Dark Rapture", "Gods of the Desert", "Wheels Across Africa". Foi Armand Denis quem dirigiu "Wild Cargo". O primeiro film é prima do Presidente Roosevelt, o notavel explorador André Roosevelt, que actualmente se encontra no Equador.

Val Paul, o encarregado da produção de estudos de Edward Small, está viajando de um sitio para localizar as scenas

produção de Small, intitulada "South of Pago Pago", que será dirigida por Alfred Werker. Paul irá primeiro a Haway e de lá seguirá até Samoa. Assim que tiver encontrado o local desejado, fará vir immediatamente toda a companhia para iniciar



...mplar de um caracteristico algodoeiro em 1934, no pateo interno do arco do Comercio.

...ado em 2 de setembro de 1934, durante os dias do "Dia do Algodão", promovidos pelo local, mede, hoje, 3 metros de altura. O algodoeiro, formado em grande arbusto, está sempre carregado de flôres e de fructos.

...a copa mede 4 metros de diametro e o tronco, no collo do pé, tem 12 centímetros de

...a porte é magestoso. Além de ser uma planta industrial, tornou-se, com o seu desenvolvimento, um bellissimo arbusto ornamental e de sombra. Devido á frondosidade das suas folhas, são sempre realizados negocios de vulto.

...nte o movimento commercial da Praça, constantemente, os exportadores que atravessam o pateo interno do arco da Praça, param sempre para apreciar a magestosidade dessa malvacea.

...algodoeiro testemunha as grandes possibilidades das algodoeiras do Maranhão.

...panto de todos os que entram em seu escriptorio Roosevelt apressa-se em explicar que as armas estão ali apenas temporariamente e serão devolvidas assim que "The Bat" tenha feito a escolha da arma assassina que considere mais eficiente para as necessidades da tela.

desempenhar o segundo papel masculino no "The Westerner".

Com duas pollegadas a mais do que Cooper e pesando uns 20 kilos a mais, Tucker teve que empenhar-se no correr do filme num terrível pugilato com Cooper, ao fim do qual este o deixa "knock-out".

Um dos traços interessantes de Tucker é que o sadio esportista escreveu uma historia da vida no exercito baseada em sua experiencia pessoal, já a tendo vendido a uma companhia cinematografica.

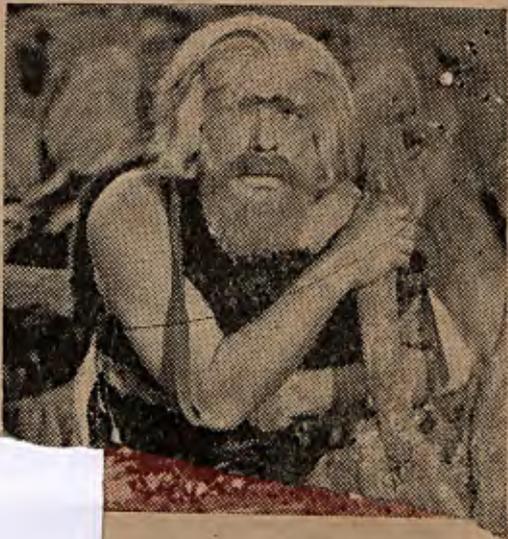
Armand Denis e sua mulher Leila Roosevelt, chefes da expedição asiatica Denis-Roosevelt, acabam de voltar a Nova-York a bordo do cargueiro **Robin Hood** após uma longa viagem de aventuras e de magnificas filmagens. Chegaram de volta da expedição trazendo os dois carros e um caminhão com os quaes vararam a Asia e a Africa, além de um variado carregamento de animais, inclusive dois leopardos de estimavel valor, tres macacos, um delles um raro Colshus, tres chinelos chinezes e dezeseite tartarugas das ilhas Galapagos.

O casal Denis deixou Nova-York em novembro de 1939 com destino a Londres, de onde partiram para Rangoon em Burma. Em Rangoon ficaram nos seus carros e subiram á Chitang, uma antiga e lebre estrada interior construida para o transporte de munições para o Governo Chinês durante a guerra com o Japão. De volta da China por terra, o casal atravessou a India trazendo com elle um pequeno filme documentario da região. Este filme é um verdadeiro record da expedição e seguiu entrar na região prohibida durante a guerra, tiveram que deixar a região e vieram para a Africa, cortando terra por terra e descobrindo zonas neutras mas pouco conhecidas. O filme adquiriu os direitos de distribuição em todo o mundo dos novos documentarios e com excepção dos Estados Unidos e do Brasil, os filmes documentarios constituem novas aventuras sensacionais.

Os expedicionistas foram os primeiros a produzir essas obras primas em filmes, como "Dark Rapture", "Gods of the Desert", "Wheels Across Africa". Foi Armand Denis quem dirigiu "Wild Cargo". Este filme é prima do Presidente Roosevelt e do notavel explorador André Roosevelt e foi produzido contra actualmente no Equador.

Val Paul, o encarregado da produção dos estudos de Edward Small, está viajando de um sitio para localizar as scenas de

produção de Small, intitulada "South of Pago Pago", que será dirigida por Alfred Werker. Paul irá primeiro a Haway e de lá seguirá até Samoa. Assim que tiver encontrado o local desejado, fará vir immediatamente toda a companhia para iniciar



plamar de um caracteristico algodoeiro em 1934, no pateo interno do arco da Rua do Comercio.

foi plantado em 2 de setembro de 1934, durante o "Dia do Algodão", promovidos pelo local, mede, hoje, 3 metros de altura. O arbusto, formado em grande arbusto, está sempre coberto de flôres e de fructos.

A copa mede 4 metros de diametro e o tronco, no collo do pé, tem 12 centimetros de

A planta tem porte magestoso. Além de ser uma planta industrial, tornou-se, com o seu desenvolvimento, um bellissimo arbusto ornamental e de sombra. Devido á frondosidade das suas folhas, são sempre realizados negocios de vulto.

Com o movimento commercial da Praça constantemente, os exportadores que atravessam o pateo interno do arco da Praça, param sempre para admirar a magestosidade dessa malvacea.

O algodoeiro testemunha as grandes possibilidades das algodoeiras do Maranhão.

Em ponto de todos os que entram em seu escriptorio Roosevelt apressa-se em explicar que as armas estão ali apenas temporariamente e serão devolvidas assim que "The Bat" tenha feito a escolha da arma assassina que considere mais eficiente para as necessidades da tela.

jos estallados e demorados do cinema não passam de um desperdício de tempo.

De facto, o director Hitchcock, saudado durante muitos annos como o maior director de films da Inglaterra, sustenta que um ligeiro beijo na face, bem dado, pode exprimir toda sorte de emoções sem precisar gastar grande metragem que poderia, ser melhor aproveitada com o seguimento do enredo.

As theorias de Hitchcock sobre o beijo foram demonstradas em "Rebecca", tirada da novella de maior successo de Daphne Du Maurier e que é um dos grandes successos da tela, graças ao producer David O. Selznick.

Provavelmente o mais curto dos beijos de toda a historia da tela occupa um logar proeminente no filme. Apesar de quasi instantaneo, denota comtudo um grande amor. Laurence Olivier, que é quem o dá, faz o seu trabalho em menos de um segundo. Do outro lado, Joan Fontaine, que o recebe, apresenta apenas uma face e não os labios.

Não é de agora pelas



Gary Cooper, Forrest Tucker, Doris
Muel Goldwyn "T

estrela na tela com a producção de Goldwyn "The Winning of Barbara Worth". Foi dahi que elle partiu para chegar ás culminancias da gloria e da fortuna. Agora cabe a vez a Tucker de ver o que vae acontecer consigo mesmo. Já Goldwyn mostrou que tinha fé no principiante, pois fez com elle um longo e excellente contracto. O estreadante é um antigo jogador de "football" universitario, além de artilheiro do exer-

Lon Chaney Jr. vai ter occasião de pôr em pratica alguns dos segredos de maquillagem de seu illustre pai, enriquecidos aliás com os seus proprios.

Até aqui na sua carreira cinematographica Chaney Jr. não fez muito uso de seus talentos na arte da caracterização, pela qual têm naturalmente um interesse profundo e scientifico.

Quando seu pae morreu, os segredos que possuia nessa difficil arte não se foram com elle. Passaram para o filho e agora, no papel que faz em "O despertar do mundo", Chaney faz larga provisão dessa herança.

A grande consagração dos tempõs prehistoricos que se deve a Hall Roach está quasi a ser concuida. Chaney e William Madsen, chefes do serviço de maquilagem dos studios de Roach, realizaram verdadeiros, milagres de transformação. Tem Chaney ali o papel de Akhoba, o chefe tribal de "O despertar do mundo". Na primeira parte do film elle se apresenta como um soberbocimen de força bruta, chefe de clan em de suas proezas physicas. Depois elle é e deformado por um monstro.

adança é impressionante. Elle parece ter or um triturador de cimento. Uma viscncada, deixando apparecer a cavidade. bilacerado e mutilado, uma perna queontrahida, o mesmo acontecendo com

Chaney nem Madsen divulgarão a telegada. E' esta, entretanto, conheciom trabalho comparavel ao de remore **State Buil Sstate Building.**

de de um "double". Deve gostar ntender-se com Laurence Olivier". ria ter sido annuncio que o actor olicar depois de uma scena de "Re-

scena altamente emocionante com que desempenha o principal papel er tem que fumar 15 cigarros um

ena Olivier não fuma. Na realidade, um, mas não houve meio de disdo, durante um dos cigarros, em "Rebecca", que e de talentos nick está produzindo.

nando-lhe logo experiencia de de êxito, mas em Joan Fontaine, aproveitamos destinado teve a notavel estrella goza de um inal depois Goldwynumor, o qual pode ser melhor exemchamá-lo e ii uma historia que ella mesma comcto com elle, ante a filmagem de "Rebecca" qu

jos estallados e demorados do cinema não passam de um desperdício de tempo.

De facto, o director Hitchcock, saudado durante muitos annos como o maior director de films da Inglaterra, sustenta que um ligeiro beijo na face, bem dado, pode exprimir toda sorte de emoções sem precisar gastar grande metragem que poderia, ser melhor aproveitada com o seguimento do enredo.

As theorias de Hitchcock sobre o beijo foram demonstradas em "Rebecca", tirada da novella de maior successo de Daphne Du Maurier e que é um dos grandes successos da tela, graças ao producer David O. Selznick.

Provavelmente o mais curto dos beijos de toda a historia da tela occupa um logar proeminente no filme. Apesar de quasi instantaneo, denota comtudo um grande amor. Laurence Olivier, que é quem o dá, faz o seu trabalho em menos de um segundo. Do outro lado, Joan Fontaine, que o recebe, apresenta apenas uma face e não os labios.

Não é de agora pelas



Gary Cooper, Forrest Tucker, Doris
muel Goldwyn "T

estrela na tela com a producção de Goldwyn "The Winning of Barbara Worth". Foi dahi que elle partiu para chegar ás culminancias da gloria e da fortuna. Agora cabe a vez a Tucker de ver o que vae acontecer consigo mesmo. Já Goldwyn mostrou que tinha fé no principiante, pois fez com elle um longo e excellente contracto. O estreante é um antigo jogador de "football" universitario, além de artilheiro do exer-

Lon Chaney Jr. vai ter occasião de pôr em pratica alguns dos segredos de maquillagem de seu illustre pai, enriquecidos aliás com os seus proprios.

Até aqui na sua carreira cinematographica Chaney Jr. não fez muito uso de seus talentos na arte da caracterização, pela qual têm naturalmente um interesse profundo e scientifico.

Quando seu pae morreu, os segredos que possuia nessa difficil arte não se foram com elle. Passaram para o filho e agora, no papel que faz em "O despertar do mundo", Chaney faz larga provisão dessa herança.

A grande consagração dos tempõs prehistoricos que se deve a Hall Roach está quasi a ser concuida. Chaney e William Madsen, chefes do serviço de maquilagem dos studios de Roach, realizaram verdadeiros, milagres de transformação. Tem Chaney ali o papel de Akhoba, o chefe tribal de "O despertar do mundo". Na primeira parte do film elle se apresenta como um soberbocimen de força bruta, chefe de clan em de suas proezas physicas. Depois elle é e deformado por um monstro.

adança é impressionante. Elle parece ter or um triturador de cimento. Uma viscncada, deixando apparecer a cavidade. bilacerado e mutilado, uma perna queontrahida, o mesmo acontecendo com

Chaney nem Madsen divulgarão a telegada. E' esta, entretanto, conhecido trabalho comparavel ao de remore **State Buil Sstate Building.**

de um "double". Deve gostar ntender-se com Laurence Olivier". ria ter sido annuncio que o actor olicar depois de uma scena de "Re-

scena altamente emocionante com que desempenha o principal papel er tem que fumar 15 cigarros um

ena Olivier não fuma. Na realidade, um, mas não houve meio de disdo, durante um dos cigarros, em "Rebecca", que e de talentos nick está produzindo.

nando-lhe logo experiencia de de êxito, mas em Joan Fontaine, aproveitamos destinado teve a notavel estrella goza de um inal depois Goldwynumor, o qual pode ser melhor exemchamá-lo e ii uma historia que ella mesma comcto com elle, ante a filmagem de "Rebecca" qu

ella revelou o que pensa ser a sua experiencia mais engraçada.

Antes de começar o filme, Joan fez uma breve visita a Saratoga na California, sua cidade natal. Ali foi convidada a ir á escola e insistiram para que falasse aos estudantes da classe de grammatica. Os meninos, entre 6 e 12 annos, prestaram enorme atençaõ ao que ella ia dizendo. A estrella falou-lhes dos dois dias da infancia que passou na mesma escola e lhes contou episodios de sua carreira cinematographica. Quando acabou de falar, o professor, cheio de entusiasmo e confiança, perguntou á classe: "Agora, meus meninos, digam quem é a sua estrella predilecta".

E', conta-nos Joan, uma centena de vozes gritou sem hesitaçaõ: "O Pato Donald"!

Damos a seguir uma pequena historia sobre um rapaz de grande coração, um jovem que não esquecera os amigos que o ajudaram quando não passava de um desses caras novayorkinos que lutam terrivelmente para ter o que comer.

Aos 15 annos o nosso rapaz queria ser um "boxeur". Um dos seus idolos do ring, que gostava do rapaz, foi quem o encorajou para lançar-se na brilhante mas dolorosa carreira dos pugilistas. O grande astro do pugilismo ajudou o rapazinho a tornar-se um excellent peso-pluma.

O rapazelho, entretanto, cêdo abandonou o "box", virando-se para outros campos de actividade, sendo hoje um dos mais fulgurantes astros de Hollywood. O luctador que o ajudou teve com o tempo de pagar o tributo de tantos soccos que levou e terminou, como era de esperar, como um homem vencido. Hoje vive de uma pensãõ que lhe dá o astro e ás vezes trabalha como extra como é o caso agora no filme de Walter Wanger "A mulher que amou demais".

O astro é George Raft.

O escriptorio de James Roosevelt nos estu-
dios da Globe Productions está tão cheio de armas mortaes que dariam para todo um regimento.

Há semanas em que o mais novo producer de Hollywood não faz outra coisa senão examinar toda especie de instrumento de matar, afim de escolher o que melhor sirva para uso do mysterioso personagem do seu primeiro filme "The Bat".

Auxiliado pelo departamento de pesquisas do estudio e por varios officiaes de policia, Roosevelt colleccionou uma consideravel variedade de instrumentos, com os quaes pode liquidar em trez tempos o seu maior inimigo. Para prevenir o es-

UM ALGODOEIRO HISTORICO



Exemplar de um caracteristico algodoeiro, plantado em 1934, no pateo interno do arco da praça do Commercio.

Plantado em 2 de setembro de 1934, durante os festejos do "Dia do Algodão", promovidos pelo commercio local, mede, hoje, 3 metros de altura.

Transformado em grande arbusto, está sempre carregado de flôres e de fructos.

A sua copa mede 4 metros de diametro e o seu tronco, no collo do pé, tem 12 centimetros de diametro.

O seu porte é magestoso. Alem de ser uma planta industrial, tornou-se, com o seu desenvolver, um bellissimo arbusto ornamental e de sombra.

Debaixo da frondosidade das suas folhas, são diariamente realizados negocios de vulto.

Durante o movimento commercial da Praia Grande, constantemente, os exportadores que atravessam o pateo interno do arco da Praça, param, apreciando a magestosidade dessa malvacea.

Esse algodoeiro testemunha as grandes possibilidades algodoeiras do Maranhão.

panto de todos os que entram em seu escriptorio, Roosevelt apressa-se em explicar que as armas estão ali apenas temporariamente e serão devolvidas assim que "The Bat" tenha feito a escolha da arma assassina que considere mais eficiente para as necessidades da tela.

ella revelou o que pensa ser a sua experiencia mais engraçada.

Antes de começar o filme, Joan fez uma breve visita a Saratoga na California, sua cidade natal. Ali foi convidada a ir á escola e insistiram para que falasse aos estudantes da classe de grammatica. Os meninos, entre 6 e 12 annos, prestaram enorme atençaõ ao que ella ia dizendo. A estrella falou-lhes dos dois dias da infancia que passou na mesma escola e lhes contou episodios de sua carreira cinematographica. Quando acabou de falar, o professor, cheio de entusiasmo e confiança, perguntou á classe: "Agora, meus meninos, digam quem é a sua estrella predilecta".

E', conta-nos Joan, uma centena de vozes gritou sem hesitaçaõ: "O Pato Donald"!

Damos a seguir uma pequena historia sobre um rapaz de grande coração, um jovem que não esquecerá os amigos que o ajudaram quando não passava de um desses caras novayorkinos que lutam terrivelmente para ter o que comer.

Aos 15 annos o nosso rapaz queria ser um "boxeur". Um dos seus idolos do ring, que gostava do rapaz, foi quem o encorajou para lançar-se na brilhante mas dolorosa carreira dos pugilistas. O grande astro do pugilismo ajudou o rapazinho a tornar-se um excellent peso-pluma.

O rapazelho, entretanto, cedo abandonou o "box", virando-se para outros campos de actividade, sendo hoje um dos mais fulgurantes astros de Hollywood. O luctador que o ajudou teve com o tempo de pagar o tributo de tantos soccos que levou e terminou, como era de esperar, como um homem vencido. Hoje vive de uma pensão que lhe dá o astro e ás vezes trabalha como extra como é o caso agora no filme de Walter Wanger "A mulher que amou demais".

O astro é George Raft.

O escriptorio de James Roosevelt nos estúdios da Globe Productions está tão cheio de armas mortaes que dariam para todo um regimento.

Há semanas em que o mais novo producer de Hollywood não faz outra coisa senão examinar toda especie de instrumento de matar, afim de escolher o que melhor sirva para uso do mysterioso personagem do seu primeiro filme "The Bat".

Auxiliado pelo departamento de pesquisas do estudio e por varios officiaes de policia, Roosevelt colleccionou uma consideravel variedade de instrumentos, com os quaes pode liquidar em tres tempos o seu maior inimigo. Para prevenir o es-

UM ALGODOEIRO HISTORICO



Exemplar de um caracteristico algodoeiro, plantado em 1934, no pateo interno do arco da praça do Commercio.

Plantado em 2 de setembro de 1934, durante os festejos do "Dia do Algodão", promovidos pelo commercio local, mede, hoje, 3 metros de altura.

Transformado em grande arbusto, está sempre carregado de flôres e de fructos.

A sua copa mede 4 metros de diametro e o seu tronco, no collo do pé, tem 12 centimetros de diametro.

O seu porte é magestoso. Alem de ser uma planta industrial, tornou-se, com o seu desenvolver, um bellissimo arbusto ornamental e de sombra.

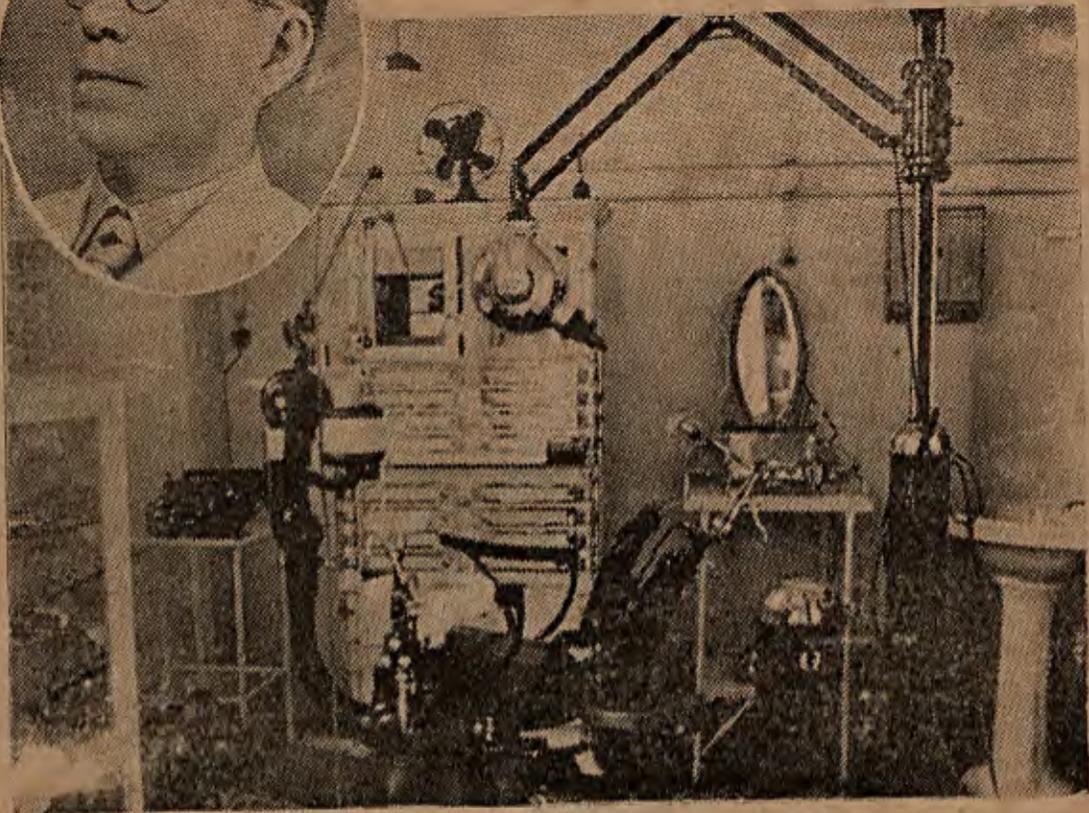
Debaixo da frondosidade das suas folhas, são diariamente realizados negocios de vulto.

Durante o movimento commercial da Praia Grande, constantemente, os exportadores que atravessam o pateo interno do arco da Praça, param, apreciando a magestosidade dessa malvacea.

Esse algodoeiro testemunha as grandes possibilidades algodoeiras do Maranhão.

panto de todos os que entram em seu escriptorio, Roosevelt apressa-se em explicar que as armas estão ali apenas temporariamente e serão devolvidas assim que "The Bat" tenha feito a escolha da arma assassina que considere mais eficiente para as necessidades da tela.

JOSIAS CUNHA, ho- mem devotado ao trabalho



O dr. Josias Cunha é, sem favor, em nossa terra, um expressivo exemplo de homem de trabalho e de estudo.

Cirurgião-dentista, a sua clientela diz bem de seus meritos, pois que Josias Cunha reúne, no seu gabinete, o que S. Luiz tem de mais representativo em sua sociedade.

As suas actividades em nosso meio, o conceito de que goza, a sua technica, o projectam no primeiro plano, como um dos mais competentes profisisonaes da Odontologia maranhense.

A essas superiores qualidades o dr. Josias Cunha alia as de cavalheiro de fino trata e de verdadeiro gentleman.

Na sua profissão, Josias Cunha tem sido um homem victorioso. Fructo de seu proprio esforço, conseguiu vencer, em nossa terra, impondo-se á confiança de seus concidadãos e da sociedade em que vive pelos seus reconhecidos meritos de cirurgião-dentista dos mais competentes.

O seu gabinete dentario está aparelhado com os requisitos mais modernos.

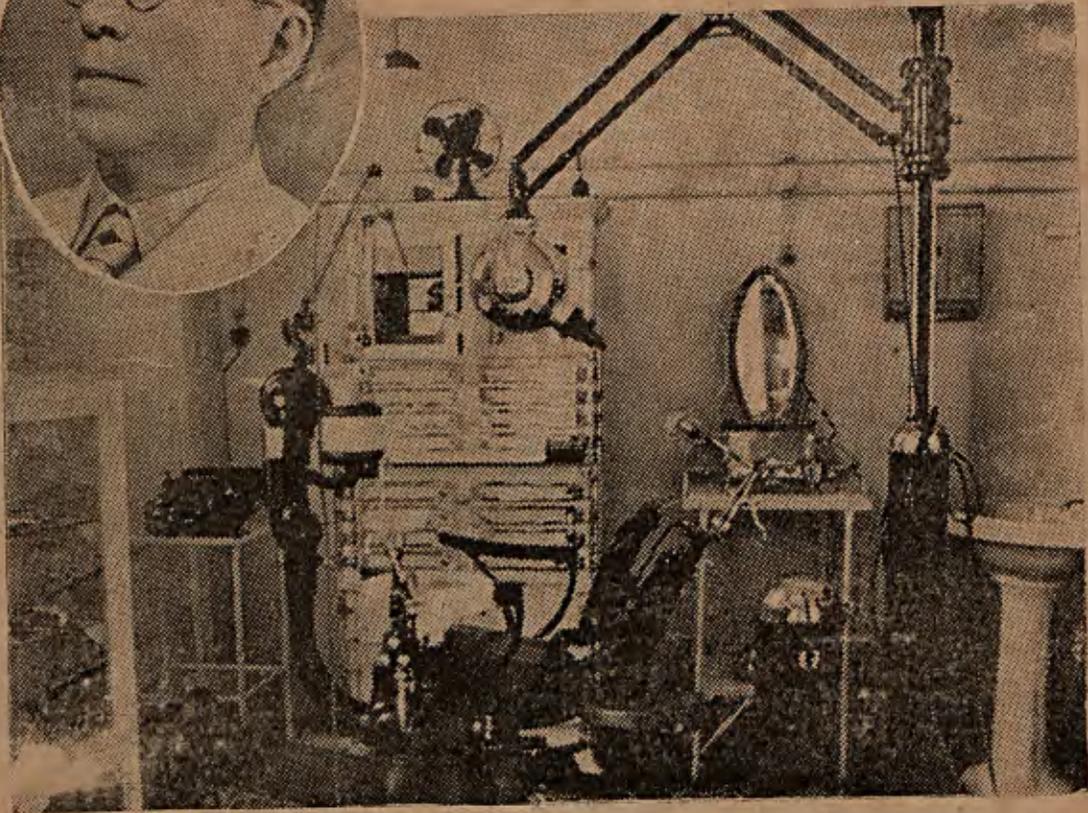
E', mesmo, um gabinete de luxo, installado de accôrdo com os mais rigorosos preceitos hygienicos.

Apparelhado com Equipô de SS. White vem-se ainda ali, um lindo aparelho de Raios X, ultimo modelo da afamada marca Siemens; ha, tambem, aparelhos de Diatermia dentaria, para tratamento de reacções periapiales e esterilização dos canaes radiculares, Pontas de Web para tratamento de Piorréa; gengivas hipertropicas, Endoscopia, Bisturi diatermico e hemostasia.

Como se verifica o dr. Josias Cunha encara a sua profissão como um devotado della tudo fazendo para estar em dia com a sciencia que professa.

ATHENAS, que lhe admira as qualidades de espirito, e tem em Josias Cunha um dedicado amigo, presta-lhe, hoje, esta homenagem, publicando, com a presente nota, o "cliché" de seu gabinete dentario, incontestavelmente, o mais bem installado, em S. Luiz.

JOSIAS CUNHA, ho- mem devotado ao trabalho



O dr. Josias Cunha é, sem favor, em nossa terra, um expressivo exemplo de homem de trabalho e de estudo.

Cirurgião-dentista, a sua clientela diz bem de seus meritos, pois que Josias Cunha reúne, no seu gabinete, o que S. Luiz tem de mais representativo em sua sociedade.

As suas actividades em nosso meio, o conceito de que goza, a sua technica, o projectar no primeiro plano, como um dos mais competentes profisisonaes da Odontologia maranhense.

A essas superiores qualidades o dr. Josias Cunha alia as de cavalheiro de fino trata e de verdadeiro gentleman.

Na sua profissão, Josias Cunha tem sido um homem victorioso. Fructo de seu proprio esforço, conseguiu vencer, em nossa terra, impondo-se á confiança de seus concidadãos e da sociedade em que vive pelos seus reconhecidos meritos de cirurgião-dentista dos mais competentes.

O seu gabinete dentario está aparelhado com os requisitos mais modernos.

E', mesmo, um gabinete de luxo, installado de accôrdo com os mais rigorosos preceitos hygienicos.

Apparelhado com Equipó de SS. White vem-se ainda ali, um lindo aparelho de Raios X, ultimo modelo da afamada marca Siemens; ha, tambem, aparelhos de Diatermia dentaria, para tratamento de reacções periapiales e esterilização dos canaes radiculares, Pontas de Web para tratamento de Piorréa; gengivas hipertropicas, Endoscopia, Bisturi diatermico e hemostasia.

Como se verifica o dr. Josias Cunha encara a sua profissão como um devotado della tudo fazendo para estar em dia com a sciencia que professa.

ATHENAS, que lhe admira as qualidades de espirito, e tem em Josias Cunha um dedicado amigo, presta-lhe, hoje, esta homenagem, publicando, com a presente nota, o "cliché" de seu gabinete dentario, incontestavelmente, o mais bem installado, em S. Luiz.

CANTIGA DE RODA

"Bom barquinho,
Bom barquinho,
Deixarás passar"...
—De onde vem essa toada?
—São as crianças do bairro
Que estão cantando ao luar.

"Bom barquinho,
Mãos dadas, roda a girar,
—Todas ellas vão passando,
Bom barquinho"...
Cantando alegres, cantando.

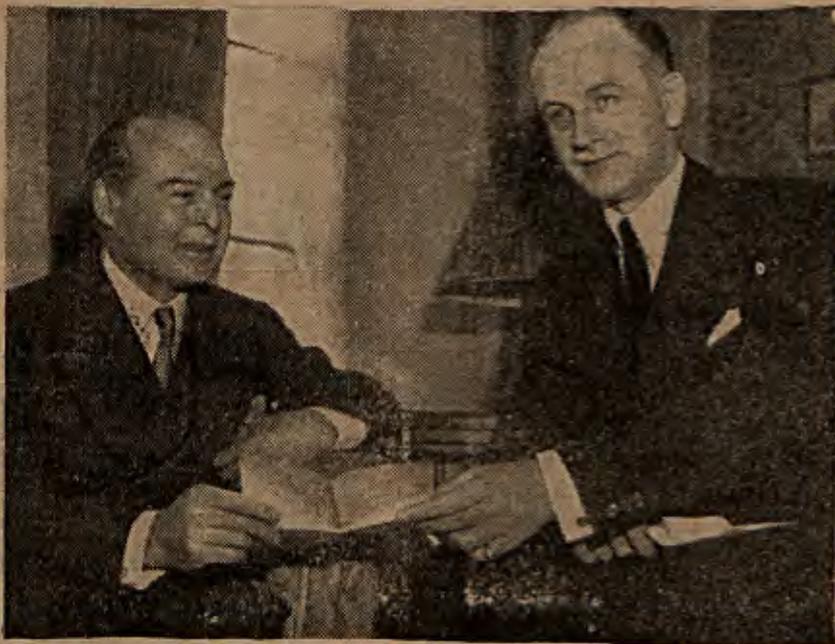
A lua derrama prata
Polvilhando a noite toda
Por entre nuvens de arminho
E as estrellas fazem roda,
Quem sabe? talvez, cantando:
"Bom barquinho,
Bom barquinho"....

Essa querida toada,
Que o vento trouxe e levou,
Vem dolorir as lembranças
De um bom tempo que passou.
Foi, tambem de meus brinquedos...
—Onde, cantam essas crianças?

Si ellas soubessem que a gente
Tambem gira pela vida,
Cada qual no seu caminho,
Muitas vezes sem luar,
Cantariam muito menos:
"Bom barquinho,
Bom barquinho,
Deixarás passar"....

VIOLETA DE CAMPOS

ECHOS DA VIAGEM DE WELLES Á EUROPA



Antes da grande offensiva alemã, o sr. Summer Welles, sub-secretario de Estado Americano realizou uma viagem á Europa, cujos objectivos não foram divulgados. Na gravura vemos Welles com Mr. Harrison, na legação americana em Berna. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

CANTIGA DE RODA

"Bom barquinho,
Bom barquinho,
Deixarás passar"...
—De onde vem essa toada?
—São as crianças do bairro
Que estão cantando ao luar.

"Bom barquinho,
Mãos dadas, roda a girar,
—Todas ellas vão passando,
Bom barquinho"...
Cantando alegres, cantando.

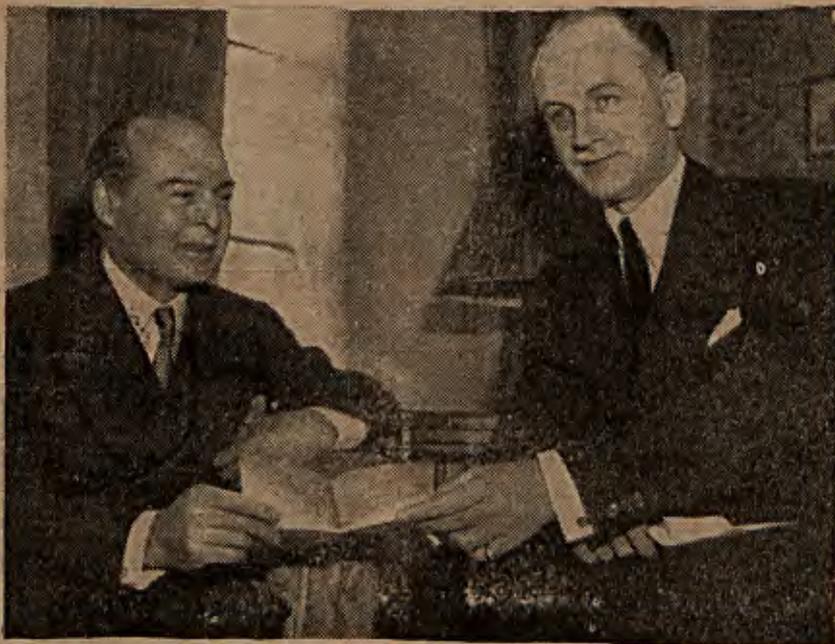
A lua derrama prata
Polvilhando a noite toda
Por entre nuvens de arminho
E as estrellas fazem roda,
Quem sabe? talvez, cantando:
"Bom barquinho,
Bom barquinho"....

Essa querida toada,
Que o vento trouxe e levou,
Vem dolorir as lembranças
De um bom tempo que passou.
Foi, tambem de meus brinquedos...
—Onde, cantam essas crianças?

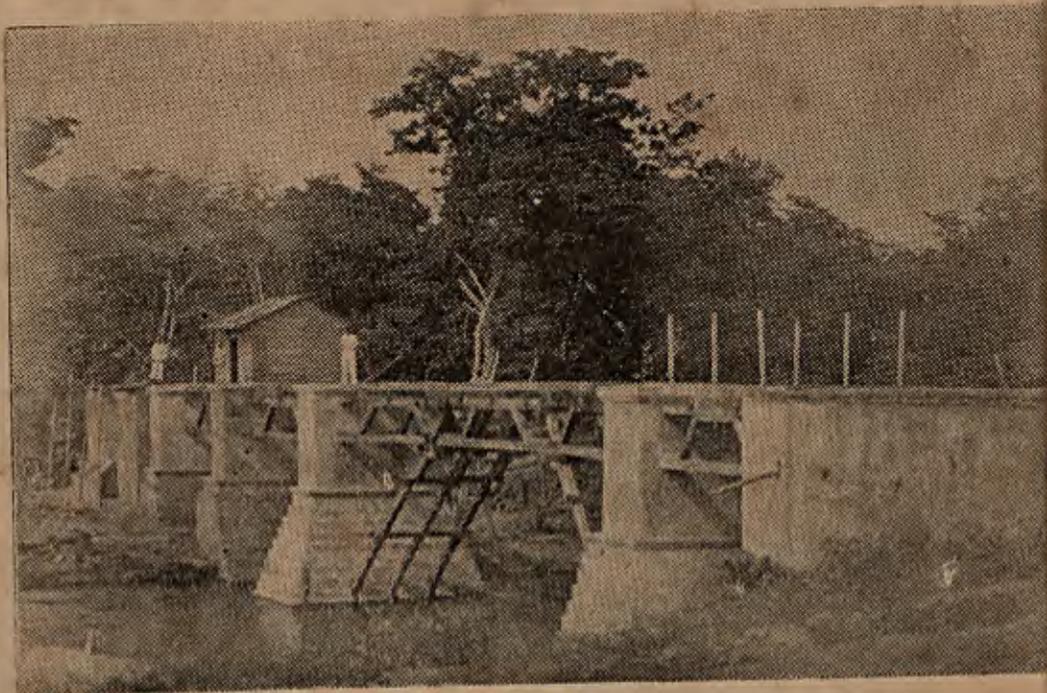
Si ellas soubessem que a gente
Tambem gira pela vida,
Cada qual no seu caminho,
Muitas vezes sem luar,
Cantariam muito menos:
"Bom barquinho,
Bom barquinho,
Deixarás passar"....

VIOLETA DE CAMPOS

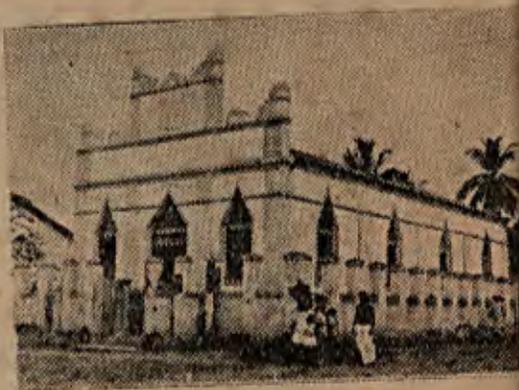
ECHOS DA VIAGEM DE WELLES Á EUROPA



Antes da grande offensiva alemã, o sr. Summer Welles, sub-secretario de Estado Americano realizou uma viagem á Europa, cujos objectivos não foram divulgados. Na gravura vemos Welles com Mr. Harrison, na legação americana em Berna. (Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

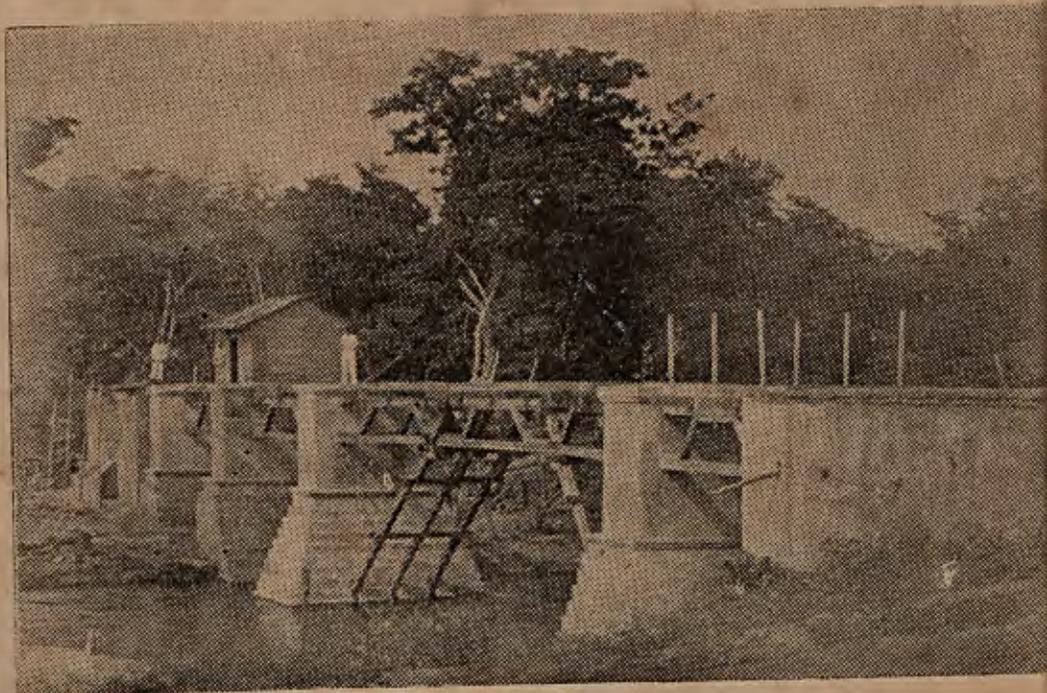


BARRA do CORDA



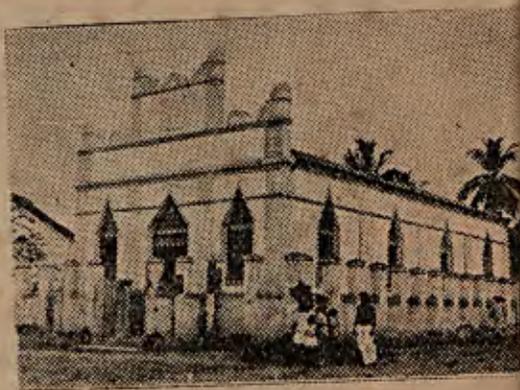
No coração virgem das terras sertanejas a cidade de Barra do Corda oferece um aspecto risinho com o seu casario alegre e a tonalidade festiva de suas paisagens. Aqui temos tres amostras da terra de Isaac Martins, um trecho da ponte sobre os rios Mearim e Corda, o templo protestante da terra e a casa de residencia e commercio do sr. Adherbal Falcão, alta expressão commercial da terra





BARRA do CORDA

No coração virgem das terras sertanejas a cidade de Barra do Corda oferece um aspecto risinho com o seu casario alegre e a tonalidade festiva de suas paizagens. Aqui temos tres amostras da terra de Isaac Martins, um trecho da ponte sobre os rios Mearim e Corda, o templo protestante da terra e a casa de residencia e commercio do sr. Adherbal Falcão, alta expressão commercial da terra



BIOTIPOLOGIA MARANHENSE

ASTOLPHO SERRA

O maranhense é, geralmente, um melancólico, porque profundamente imaginativo.

Deante da terra vazia, mas rica é maravilhosa nos seus variados "paineis", que surgem á luz de muitos tons, algo de tristeza o domina.

Ao seu influxo a alma longinqua de tres raças, agita-se-lhe na trama do ser.

—Vem o luzo com a sua saudade espiar;

—vem o negro com a sua tristeza e martyrios sondar;

—vem o indio desconfiado e sonhador tambem olhar;

—e todos, redivivos, no sangue, na alma, na trama do ser, contemplam a terra illuminada através dos olhos do homem maranhense, que enamorado de sua gléba, deslumbra-se com as pompas da natureza em festa e enche-se de orgulho deante dos episodios de sua Historia, que tem o prestigio de quase quatrocentos annos...

A imaginação o empolga e elle foge da realidade geographica para abarcar horizontes mais vastos do que os limites da terra-berço.

Reflecte-se-lhe no espirito a imagem da terra transfigurada. O homem deseja possuil-a toda. Realizar com ella um quase inconsciente conubio, que outra cousa não é senão o seu desejo de integração com o sólo, onde nasceu. Quer vel-a estuante de vida, sacudida pelos rytmos fortes de civilização, cheia de trepidações de progresso. Ha entre a terra vasta, enorme, vazia, e rica de humus e o homem exaltado pela imaginação, uma permuta de affectividades. As forças secretas da terra agem sobre o homem imaginativo. Elle sente as vozes mais occultas do solo, escuta os rumores mais intimos da gleba. As planicies, os rincões e platós longinuos, os campos vastos da baixada, as terras altas do sertão, que sobem, sobem até vingar os topos das serras azuladas, as mattas espessas, impenetraveis e cheias de mysterios amazonicos, a terra immensa, risonha e regada pelas aguas de muitos rios cantantes, toda essa terra feraz apossa-se da alma do homem enamorado della, e, que, na impossibilidade de subjugal-a, de tel-a na realidade do tempo e do espaço, a possui pela imaginação, feliz, por vel-a, assim, maravilhosamente festiva, com um indice demographico reduzido, mas possuidora de numes tutelares e de grandes vultos de homens de genio, de poetas emeritos, de gram-

maticos, oradores, de santos e de sabios, que, com suas virtudes e prestigio, enchem todos os vãos da terra despovoada...

A' luz dessê incendio é que o maranhense vive e ama a sua terra. Deseja, sinceramente, tornal-a grande em todos os sentidos, faltando-lhe, no entanto, mais iniciativa e mais acção, que o integre dynamicamente com as realidades de seu Estado.

As suas mãos precisam fazer brotar da terra fertil sementeiras de pão material; abrir sulcos profundos com o arado, rasgar estradas em todas as direções. Não lhe minguou, até hoje, é verdade, o desejo de dar ás terras immaturas as seivas de todas as germinações; mas sobra-lhe, no entanto, a imaginação que o conduz para fóra dos limites da terra, e, é, por isso, que ao envez dos milagres da seára de Booz, passa, feliz, peía



De esquerda para a direita: Lucinha, filha primogenita do dr. Tavares Alemand, chefe do Posto Medico de Caxias, e suas amiguinhas Ayresnede Alencar e Therezinha Maria, filhas do sr. Jorge Alencar, collector federal em Codó

BIOTIPOLOGIA MARANHENSE

ASTOLPHO SERRA

O maranhense é, geralmente, um melancólico, porque profundamente imaginativo.

Deante da terra vazia, mas rica e maravilhosa nos seus variados "paineis", que surgem á luz de muitos tons, algo de tristeza o domina.

Ao seu influxo a alma longinqua de tres raças, agita-se-lhe na trama do ser.

—Vem o luzo com a sua saudade espiar;

—vem o negro com a sua tristeza e martyrios sondar;

—vem o indio desconfiado e sonhador tambem olhar;

—e todos, redivivos, no sangue, na alma, na trama do ser, contemplam a terra illuminada através dos olhos do homem maranhense, que enamorado de sua gléba, deslumbra-se com as pompas da natureza em festa e enche-se de orgulho deante dos episodios de sua Historia, que tem o prestigio de quase quatrocentos annos...

A imaginação o empolga e elle foge da realidade geographica para abarcar horizontes mais vastos do que os limites da terra-berço.

Reflecte-se-lhe no espirito a imagem da terra refigurada. O homem deseja possuil-a toda. Realizar com ella um quase inconsciente conubio, que outra cousa não é senão o seu desejo de integração com o sólo, onde nasceu. Quer vel-a estuante de vida, sacudida pelos rytmos fortes de civilização, cheia de trepidações de progresso. Ha entre a terra vasta, enorme, vazia, e rica de humus e o homem exaltado pela imaginação, uma permuta de affectividades. As forças secretas da terra agem sobre o homem imaginativo. Elle sente as vozes mais occultas do solo, escuta os rumores mais intimos da gleba. As planicies, os rincões e platós longinuos, os campos vastos da baixada, as terras altas do sertão, que sobem, sobem até vingar os topos das serras azuladas, as mattas espessas, impenetraveis e cheias de mysterios amazonicos, a terra immensa, risonha e regada pelas aguas de muitos rios cantantes, toda essa terra feraz apossa-se da alma do homem enamorado della, e, que, na impossibilidade de subjugal-a, de tel-a na realidade do tempo e do espaço, a possui pela imaginação, feliz, por vel-a, assim, maravilhosamente festiva, com um indice demographico reduzido, mas possuidora de numes tutelares e de grandes vultos de homens de genio, de poetas emeritos, de gram-

maticos, oradores, de santos e de sabios, que, com suas virtudes e prestigio, enchem todos os vãos da terra despovoada...

A luz dessê incendio é que o maranhense vive e ama a sua terra. Deseja, sinceramente, tornal-a grande em todos os sentidos, faltando-lhe, no entanto, mais iniciativa e mais acção, que o integre dynamicamente com as realidades de seu Estado.

As suas mãos precisam fazer brotar da terra fertil sementeiras de pão material; abrir sulcos profundos com o arado, rasgar estradas em todas as direcções. Não lhe mingou, até hoje, é verdade, o desejo de dar ás terras immaturas as seivas de todas as germinações; mas sobra-lhe, no entanto, a imaginação que o conduz para fóra dos limites da terra, e, é, por isso, que ao envez dos milagres da seára de Booz, passa, feliz, peia



De esquerda para a direita: Lucinha, filha primogenita do dr. Tavares Alemand, chefe do Posto Medico de Caxias, e suas amiguinhas Ayresnede Alencar e Therezinha Maria, filhas do sr. Jorge Alencar, collector federal em Codó

AS RELAÇÕES ITALO-MAGYARES



Recentemente encontraram-se, em Roma, afim de acertar os interesses comuns da Italia e da Hungria os Condes Ciano e Czaky, respectivamente Ministros do Exterior da Italia e da Hungria. Na gravura vemos os dois titulares.

(Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

existencia, como os cyparedos da Arcadia enchendo de rimas doiradas, ou de palavras rytmadadas os longos dias de seu esplendido lirismo...

No maranhense ha sempre um poeta e um orador.

A terra tem culpa disso, porque, alagada de luz viva, encharcada de agua, cheia de mattas virgens, de campos vastos, de colorado de flôres e de azas de passaros, faz do homem um eterno deslumbrado e a poesia foi e será sempre, uma suave manifestação do culto de adoração.

As raizes dessa nossa imaginação mergulham-se na terra e na alma das raças que se encontram aqui nas suas formidaveis arrancadas biologicas.

O maranhense é um imaginativo... A imaginação favorece a mentira, que é uma volupia da imaginação e está claro que a poesia, filha do

sentimento e da imaginação, é tambem uma deliciosa mentira colorida...

Essa a psychologia do maranhense, si bem que assim mesmo o seu esforço será um dia recompensado, a terra reflorescerá com o seu progresso, estuante de vida, sacudida pelos rytmos fortes e trepidantes da civilização, porque typos energeticos ja repontam aqui e ali nos varios zoneamentos do Estado, prenunciando a grande era de nossa resurreição.

O homem maranhense ha-de vencer o cyclo da imaginação pela disciplina e pelo trabalho, e tempos novos chegarão em que se possa dizer, que, numa terra farta, vive um povo sem ambição, mas que construiu um patrimonio de grandes reservas moraes e materiaes, arando a sua gleba, muito embora ainda enamorado das rimas e das estrellas...

AS RELAÇÕES ITALO-MAGYARES



Recentemente encontraram-se, em Roma, afim de acertar os interesses comuns da Italia e da Hungria os Condes Ciano e Czaky, respectivamente Ministros do Exterior da Italia e da Hungria. Na gravura vemos os dois titulares.

(Cliché da P. I. B. especial para ATHENAS)

existencia, como os cyparedos da Arcadia enchendo de rimas doiradas, ou de palavras rytmadadas os longos dias de seu esplendido lirismo...

No maranhense ha sempre um poeta e um orador.

A terra tem culpa disso, porque, alagada de luz viva, encharcada de agua, cheia de mattas virgens, de campos vastos, de colorado de flôres e de azas de passaros, faz do homem um eterno deslumbrado e a poesia foi e será sempre, uma suave manifestação do culto de adoração.

As raizes dessa nossa imaginação mergulham-se na terra e na alma das raças que se encontram aqui nas suas formidaveis arrancadas biologicas.

O maranhense é um imaginativo... A imaginação favorece a mentira, que é uma volupia da imaginação e está claro que a poesia, filha do

sentimento e da imaginação, é tambem uma deliciosa mentira colorida...

Essa a psychologia do maranhense, si bem que assim mesmo o seu esforço será um dia recompensado, a terra reflorescerá com o seu progresso, estuante de vida, sacudida pelos rytmos fortes e trepidantes da civilização, porque typos energeticos ja repontam aqui e ali nos varios zoneamentos do Estado, prenunciando a grande era de nossa resurreição.

O homem maranhense ha-de vencer o cyclo da imaginação pela disciplina e pelo trabalho, e tempos novos chegarão em que se possa dizer, que, numa terra farta, vive um povo sem ambição, mas que construiu um patrimonio de grandes reservas moraes e materiaes, arando a sua gleba, muito embora ainda enamorado das rimas e das estrellas...

FESTEJANDO O NATAL DE UM PRINCIPE

GODOFRÊDO VIANNA

A villa amanhecera com um ar de grande festa. Os sinos tocavam sem cessar e desde alta madrugada as roqueiras puzeram-se a atroar os ares.

Quando o sol conseguiu galgar o parapeito da Serra de S. José, grupos de cavalleiros começaram a descer pela encosta do morro, esparramando, no trote duro dos animaes, o cascalho lavado de mineração, e vinhã aprear-se, lepidos e tafues, no adro da igreja de Sto. Antonio. Chegavam ao pateo raparigas reinões, de jaleco curto por sobre o corpete justo e vistoso. Tinha chovido á noite e ellas, equilibradas nos tamancos altos, arrepanhavam as saias, defendendo-se das poças d'agua. Os naturaes do logar, de vestes menos ricas de côres, approximavam-se tambem, em trajos domingueiros, uns alegres e communicativos, outros sombrios e mudos. A Vereação, em grande gala, empunhando as varas vermelhas, e acompanhada do Almotacel e do Procurador da Camara, entrou incorporada no templo, depois de se ter persignado com gravidade ao passar pelo Cruzeiro negro e esguio, na ponta de cuja haste central empoleirava-se, arrogante e rabudo, um gallo de madeira. Uma charanga numerosa saudava com peças escolhidas as autoridades comparecentes.

O borborinho augmentava de momento a momento. Dentro em pouco, o terreiro estava apinhado de gente, que conversava alto, rindo e gesticulando. Velhas beatas, embiocadas em longos

chales pretos, mastigavam, com as boccas murchas e inquietas como queixos de coelhos, esconjuros contra o rapazio desrespeitoso, que impunha as moçoilas e lhes dizia facecias e galanteios. A garotada assobiava e pulava, como verdadeiros demonios.

Todo esse rumor se foi apagando aos poucos. O sacerdote subira ao altar, e a multidão comprimida canalizara-se para dentro da igreja, onde o côro começava já a introdução da missa solemne que, nessa nublada manhã do dia 13 de Novembro de 1767, se ia cantar em acção de graças pelo feliz nascimento do Serenissimo Senhor Infante, filho dos Serenissimos Senhores Infantes Dom Pedro e da Princeza de Portugal e Senhorios.

Uma nuvem de incenso, branca e espessa, encheu o templo.

Cá fóra, os animaes, amarrados ás cercas proximas, relinchavam, mordendo impacientes os freios e empinando-se assustados a cada tiro de bombardia.

Ia em meio a missa, quando Thomaz Portes, alto, espadado, moreno, o cabello preto e escorrido a enfiar-se na nuca pela gola da vestia, e empastado na fronte curta, conseguiu penetrar na igreja, acompanhado da mulher, e ajoelhar-se para fazer o signal da cruz, ella — os grandes olhos piedosos voltados para o altar-mór; elle, o olhar baixo, a testa vincada, o peito robusto resfolegando do esforço. Empurrára um, afastára outro, com os cotovellos, para se abrir caminho.

Um murmurio de reprovação recebeu-os a ambos. Pois, aquillo era lá horas de chegar, molestando os outros! Falta de educação. Grosseira, que só se poderia corrigir a bofetadas. Os commentarios ferviam nos ouvidos do retardatario, como abelhas irritadas. E, á proporção que cresciam, mais fundo se lhe cavava o sulco das sobrancelhas. Quando se levantou, seu olhar duro foi directo a dois moços portuguezes que o censuravam ainda. A esse tempo, porém, o sachristão começou a agitar com violencia a campainha. O sacerdote ia fazer a Elevação. Todos se calaram e cahiram de joelhos. Aquelle zumbido, com que as vozes baixas dos fieis envolviam o templo, substituiu-se por um som surdo e cavo de mãos



Dois aniguinhos de ATHENAS, Aroldo e Walter, filhos do sr. João Costa, funcionario da Ulen

FESTEJANDO O NATAL DE UM PRINCIPE

GODOFRÊDO VIANNA

A villa amanhecera com um ar de grande festa. Os sinos tocavam sem cessar e desde alta madrugada as roqueiras puzeram-se a atroar os ares.

Quando o sol conseguiu galgar o parapeito da Serra de S. José, grupos de cavalleiros começaram a descer pela encosta do morro, esparramando, no trote duro dos animaes, o cascalho lavado de mineração, e vinhã apaar-se, lepidos e tafues, no adro da igreja de Sto. Antonio. Chegavam ao pateo raparigas reinões, de jaleco curto por sobre o corpete justo e vistoso. Tinha chovido á noite e ellas, equilibradas nos tamancos altos, arrepanhavam as saias, defendendo-se das poças d'agua. Os naturaes do lugar, de vestes menos ricas de côres, approximavam-se tambem, em trajos domingueiros, uns alegres e communicativos, outros sombrios e mudos. A Vereação, em grande gala, empunhando as varas vermelhas, e acompanhada do Almotacel e do Procurador da Camara, entrou incorporada no templo, depois de se ter persignado com gravidade ao passar pelo Cruzeiro negro e esguio, na ponta de cuja haste central empoleirava-se, arrogante e rabudo, um gallo de madeira. Uma charanga numerosa saudava com peças escolhidas as autoridades comparecentes.

O borborinho augmentava de momento a momento. Dentro em pouco, o terreiro estava apinhado de gente, que conversava alto, rindo e gesticulando. Velhas beatas, embiocadas em longos

chales pretos, mastigavam, com as boccas murchas e inquietas como queixos de coelhos, esconjuros contra o rapazio desrespeitoso, que impunha as moçoilas e lhes dizia facecias e galanteios. A garotada assobiava e pulava, como verdadeiros demonios.

Todo esse rumor se foi apagando aos poucos. O sacerdote subira ao altar, e a multidão comprimida canalizara-se para dentro da igreja, onde o côro começava já a introdução da missa solemne que, nessa nublada manhã do dia 13 de Novembro de 1767, se ia cantar em acção de graças pelo feliz nascimento do Serenissimo Senhor Infante, filho dos Serenissimos Senhores Infantes Dom Pedro e da Princeza de Portugal e Senhorios.

Uma nuvem de incenso, branca e espessa, encheu o templo.

Cá fóra, os animaes, amarrados às cercas proximas, relinchavam, mordendo impacientes os freios e empinando-se assustados a cada tiro de bombardia.

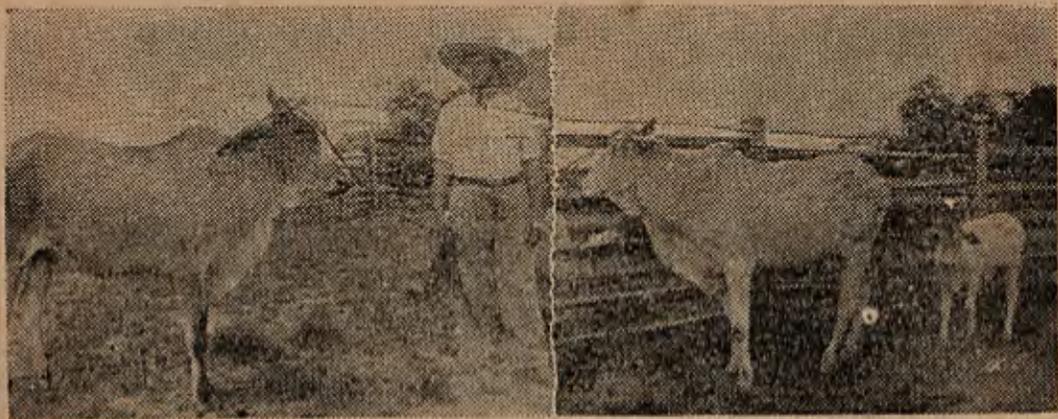
Ia em meio a missa, quando Thomaz Portes, alto, espadado, moreno, o cabello preto e escorrido a enfiar-se na nuca pela gola da vestia, e empastado na fronte curta, conseguiu penetrar na igreja, acompanhado da mulher, e ajoelhar-se para fazer o signal da cruz, ella — os grandes olhos piedosos voltados para o altar-mór; elle, o olhar baixo, a testa vincada, o peito robusto resfolegando do esforço. Empurrára um, afastára outro, com os cotovellos, para se abrir caminho.

Um murmurio de reprovação recebeu-os a ambos. Pois, aquillo era lá horas de chegar, molestando os outros! Falta de educação. Grosseira, que só se poderia corrigir a bofetadas. Os commentarios ferviam nos ouvidos do retardatario, como abelhas irritadas. E, á proporção que cresciam, mais fundo se lhe cavava o sulco das sobrançellas. Quando se levantou, seu olhar duro foi directo a dois moços portuguezes que o censuravam ainda. A esse tempo, porém, o sachristão começou a agitar com violencia a campainha. O sacerdote ia fazer a Elevação. Todos se calaram e cahiram de joelhos. Aquelle zumbido, com que as vozes baixas dos fieis envolviam o templo, substituiu-se por um som surdo e cavo de mãos



Dois amiguinhos de ATHENAS, Aroldo e Walter, filhos do sr. João Costa, funcionario da Ulen

G A D O D E R A Ç A



Dois exemplares de raça zebú, de propriedade do sr. Jamil Damous, da fazenda Sta. Luzia, em Capoeira Grande, município de Turyassú

espalmadas, que batiam constrictamente nos peitos.

Thomaz Portes foi dos primeiros a sair, antes mesmo que o padre Lamêda, conduzindo cobertos o calice e o sanguinho do Sacrificio, gahasse a sachristia. Descendente directo de bandeirantes paulistas, o natural abominava os luzitanos, que vinham do Reino, dizia — aos bandos, como sardinhas esfaimadas, roubar o ouro brasileiro e explorar os negocios. Das quatorze lojas da villa dez eram de portuguezes e delles todas as cincoenta e sete vendas. Uma sarna!

Não fôra o zumzum do povo, escoando para o adro, e tel-o-iam ouvido dizer, enquanto arrastava a mulher pela mão: — "Corja de bajuladores! Porcos, indecentes!".

A mulher vinha evidentemente constrangida e ofegante, e mal chegada á casa, foi logo, de mãos nas cadeiras, interpellando o marido:

—Mas, afinal, Thomaz, que bicho te mordeu? Fica esperto, homem. Lembra-te que temos de preparar hoje as lamparinas para botarmos em nossa casa. Anda d'ahi. Mexe-te. E' preciso comprar as grizêtas. Já não temos mais azeite. Mas, que cara, Santo Christo!

—Que bicho me mordeu, hein? Que bicho me mordeu? Pois achas pouco que a gente esteja a se amofinar tanto por causa desse emboaba de má morte, que nasceu lá da outra banda? Que temos nós com isso? Que o leve o demo, que não levará grande cousa. Grandes ou pequenos, são todos umas pestes!

—Ora, deixa lá o innocentinho, Thomaz. Que culpa tem elle das ruindades destes malditos buabas daqui? Depois, o menino é filho da Senhora Infanta, que Deus guarde. Mas, se não estás contente com os festejos, porque não ficas quieto? Por que vaes botar as luzes?

O homem olhou para a mulher com espanto.

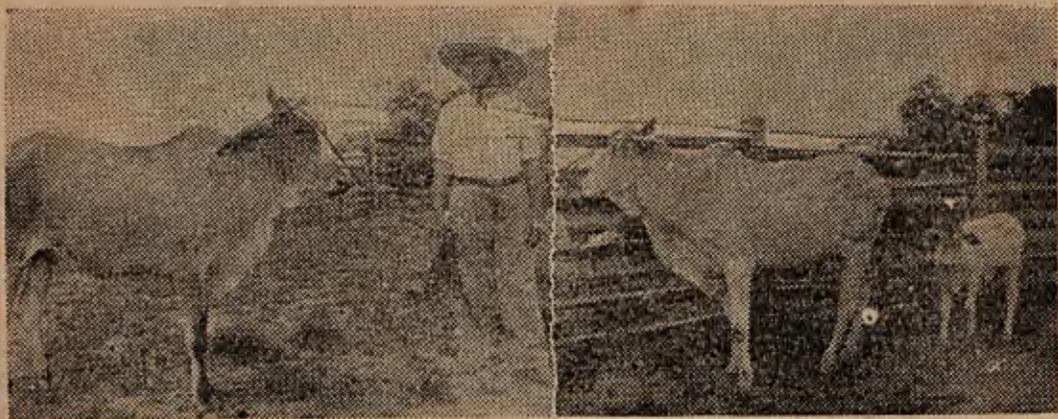
—Cala-te, creatura, que não sabes o que dizes.

E' que na vespera á tarde, voltando do trabalho, e vendo muita gente agglomerada debaixo do barracão da feira, parou para ver o que era aquillo.

Ôrepado num banco, o alcaide lia em voz alta e com emphase, para conhecimento do povo, este edital:

"Fazemos saber pelo presente Edital a todas as pessoas moradoras nesta Villa, suburbios e termos, que nos dias treze e quatorze e quinze do corrente mez de Novembro tem determinado este Senador solemnizar e dar grassas ao omnipotente Deus e Senhor Nosso pello feliz nascimento do Serenissimo Senhor Infante, e para maior demonstração que nas noites dos ditos dias eluminem as suas casas e ruas em que vivem com aquella grandeza a que a possibilidade de cada um se poder attender, e quando haja alguma pessoa que não concorra a dita demonstração, pelo não fazer será condemnado na quantia de seis mil réis, para as despesas do Senado, pagos da Cadêa com quarenta dias de prisão nella. Em Camara de onze de Novembro de 1767".

G A D O D E R A Ç A



Dois exemplares de raça zebú, de propriedade do sr. Jamil Damous, da fazenda Sta. Luzia, em Capoeira Grande, município de Turyassú

espalmadas, que batiam constrictamente nos peitos.

Thomaz Portes foi dos primeiros a sahir, antes mesmo que o padre Lamêda, conduzindo cobertos o calice e o sanguinho do Sacrificio, gahasse a sachristia. Descendente directo de bandeirantes paulistas, o natural abominava os luzitanos, que vinham do Reino, dizia — aos bandos, como sardinhas esfaimadas, roubar o ouro brasileiro e explorar os negocios. Das quatorze lojas da villa dez eram de portuguezes e delles todas as cincoenta e sete vendas. Uma sarna!

Não fôra o zumzum do povo, escoando para o adro, e tel-o-iam ouvido dizer, enquanto arras-tava a mulher pela mão: — “Corja de bajuladores! Porcos, indecentes!”.

A mulher vinha evidentemente constrangida e ofiegante, e mal chegada á casa, foi logo, de mãos nas cadeiras, interpellando o marido:

—Mas, afinal, Thomaz, que bicho te mordeu? Fica esperto, homem. Lembra-te que temos de preparar hoje as lamparinas para botarmos em nossa casa. Anda d’ahi. Mexe-te. E’ preciso comprar as grizêtas. Já não temos mais azeite. Mas, que cara, Santo Christo!

—Que bicho me mordeu, hein? Que bicho me mordeu? Pois achas pouco que a gente esteja a se amofinar tanto por causa desse emboaba de má morte, que nasceu lá da outra banda? Que temos nós com isso? Que o leve o demo, que não levará grande cousa. Grandes ou pequenos, são todos umas pestes!

—Ora, deixa lá o innocentinho, Thomaz. Que culpa tem elle das ruindades destes malditos buabas daqui? Depois, o menino é filho da Senhora Infanta, que Deus guarde. Mas, se não estás contente com os festejos, porque não ficas quieto? Por que vaes botar as luzes?

O homem olhou para a mulher com espanto.

—Cala-te, creatura, que não sabes o que dizes.

E’ que na vespera á tarde, voltando do trabalho, e vendo muita gente agglomerada debaixo do barracão da feira, parou para ver o que era aquillo.

Ôrepado num banco, o alcaide lia em voz alta e com emphase, para conhecimento do povo, este edital:

“Fazemos saber pelo presente Edital a todas as pessoas moradoras nesta Villa, suburbios e termos, que nos dias treze e quatorze e quinze do corrente mez de Novembro tem determinado este Senador solemnizar e dar grassas ao omnipotente Deus e Senhor Nosso pello feliz nascimento do Serenissimo Senhor Infante, e para maior demonstração que nas noites dos ditos dias eluminem as suas casas e ruas em que vivem com aquella grandeza a que a possibilidade de cada um se poder attender, e quando haja alguma pessoa que não concorra a dita demonstração, pelo não fazer será condemnado na quantia de seis mil réis, para as despesas do Senado, pagos da Cadêa com quarenta dias de prisão nella. Em Camara de onze de Novembro de 1767”.



Homenagem de nosso respeito a graciosa senhorinha Edith dos Santos e Silva, fino ornamento da sociedade carioca, dilecta filha de nosso eminente amigo coronel José Faustino dos Santos e Silva e sua virtuosa esposa d. Josephina Silva. A gentil senhorita vem de terminar o seu curso fundamental com muito brilhantismo, ATHENAS sente-se honrada em publicar esta homenagem ao brilhante espirito da senhorita Edith, graça e enlevo do lar feliz de um de nossos mais dedicados amigos: cel. José Faustino



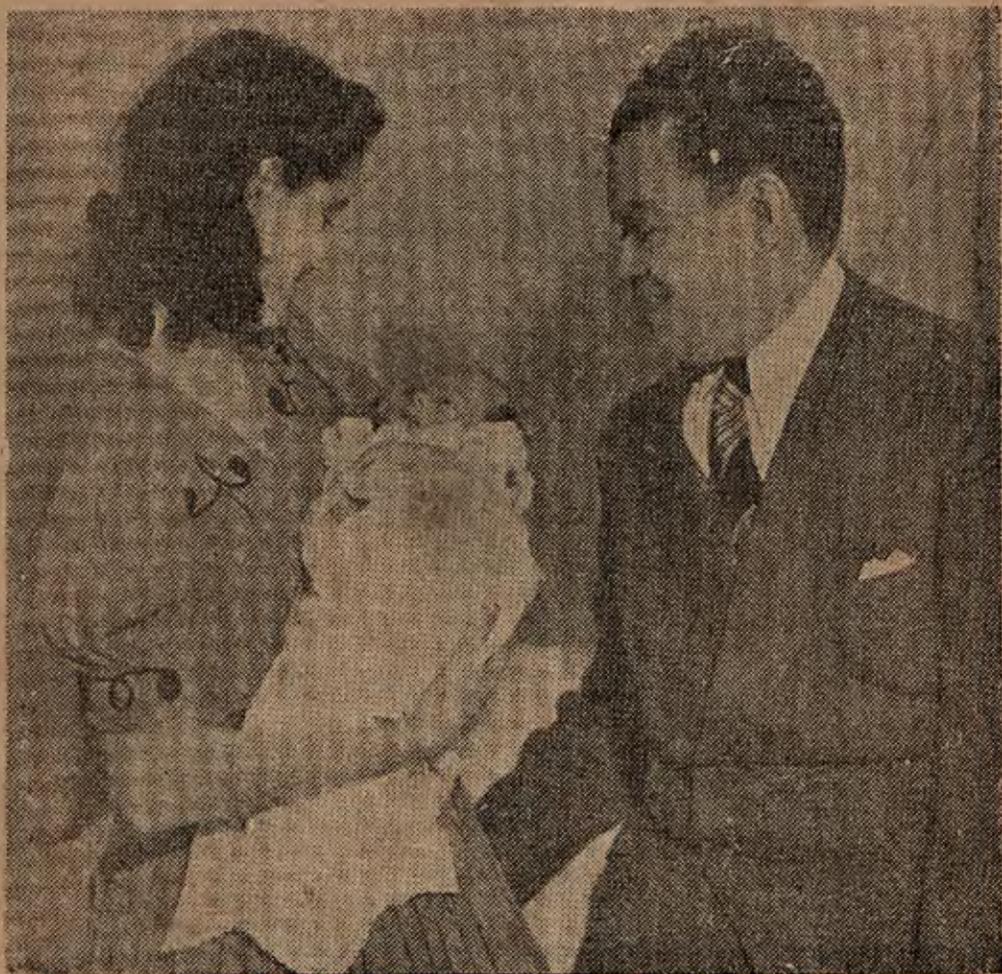
Homenagem de nosso respeito à graciosa senhorinha Edith dos Santos e Silva, fino ornamento da sociedade carioca, dilecta filha de nosso eminente amigo coronel José Faustino dos Santos e Silva e sua virtuosa esposa d. Josephina Silva. A gentil senhorita vem de terminar o seu curso fundamental com muito brilhantismo. ATHENAS sente-se honrada em publicar esta homenagem ao brilhante espirito da senhorita Edith, graça e enlevo do lar feliz de um de nossos mais dedicados amigos cel. José Faustino



Justas alegrias encheram o lar do exmo. sr. dr. Paulo Ramos, illustre Interventor Federal, em nosso Estado, e de sua virtuosa esposa d. Nazareth Pires Chaves, com o nascimento de seu primogenito Paulo. A presente photographia dá-nos esse quadro de felicidade do illustre casal, que contempla o recém-nascido, após o baptismo realizado, por S. Eminencia o cardeal d. Leme, na Capital da Republica

...O uso do sello postal não é antigo, como pode parecer a muita gente. O primeiro delles foi posto em circulação no anno de 1840, pelo inglez Rowland Hiel, que teve a idéa de fazer pagar com antecedencia o preço do transporte das cartas, vendendo ao publico pequenas etiquetas, que se colavam sobre os envelopes. A Inglaterra adoptou a idéa de Rowland Hiel, pondo em circulação en-

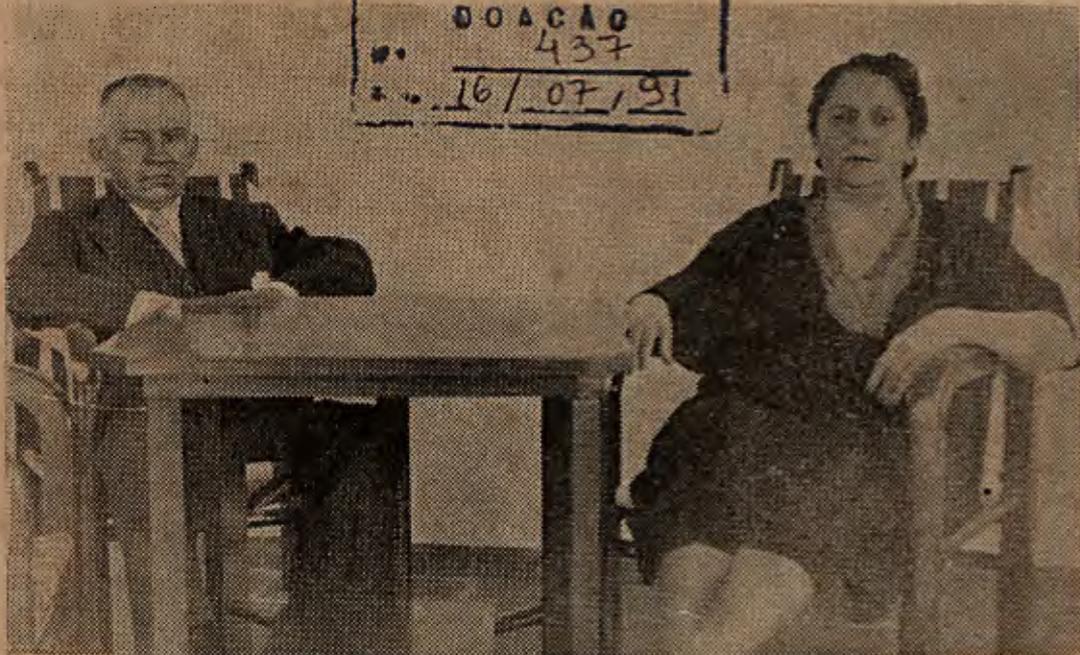
velopes de um "penny", gravados por Mulready, e depois, o sello de um "penny", em que o mesmo artista desenhara o busto da rainha Victoria. O exemplo da Inglaterra foi seguido em 1843 pelos cantões de Zurich e de Berna, e depois pelo Brasil, Finlândia, o condado de Basiléa, os Estados Unidos, etc. Em janeiro deste anno commemorou-se o centenario do sello postal. — (U. J. B.)



Justas alegrias encheram o lar do exmo. sr. dr. Paulo Ramos, illustre Interventor Federal, em nosso Estado, e de sua virtuosa esposa d. Nazareth Pires Chaves, com o nascimento de seu primogenito Paulo. A presente photographia dá-nos esse quadro de felicidade do illustre casal, que contempla o recém-nascido, após o baptismo realizado, por S. Eminencia o cardeal d. Leme, na Capital da Republica

...O uso do sello postal não é antigo, como pode parecer a muita gente. O primeiro delles foi posto em circulação no anno de 1840, pelo inglez Rowland Hiel, que teve a idéa de fazer pagar com antecedencia o preço do transporte das cartas, vendendo ao publico pequenas etiquetas, que se colavam sobre os envelopes. A Inglaterra adoptou a idéa de Rowland Hiel, pondo em circulação en-

velopes de um "penny", gravados por Mulready e depois, o sello de um "penny", em que o mesmo artista desenhara o busto da rainha Victoria. O exemplo da Inglaterra foi seguido em 1843 pelos cantões de Zurich e de Berna, e depois pelo Brasil, Finlândia, o condado de Basileá, os Estados Unidos, etc. Em janeiro deste anno commemorou-se o centenario do sello postal. — (U. J. B.)



Commandante Magalhães de Almeida e sua digna esposa d. Virginia Magalhães de Almeida, num dos recantos pittorescos da ilha Piraquê, na Lagoa Rodrigues de Freitas, onde o illustre maranhense construiu os campos de desportos do Club Naval

Soror Peccadora

Ei-la: semblante triste e decorado,
Mostrando-nos sua alma arrependida
De haver bebido o vinho do Peccado,
Na flôr dos annos, no esplendor da Vida!

Quer disfarçar, num riso improvisado,
A magua que lhe vai na alma ferida,
Mas o gosto do crime do passado
A peccar outras vezes a convida.

Quantas vezes, enquanto, silenciosas,
Beijam o Christo as outras religiosas
Nessa velho convento secular,

Ella, em silencio, numa prece ardente,
De beijos cobre apaixonadamente
O retrato de alguem que a faz peccar.



ASTOR RAPOSO



Commandante Magalhães de Almeida e sua digna esposa d. Virginia Magalhães de Almeida, num dos recantos pittorescos da ilha Piraquê, na Lagoa Rodrigues de Freitas, onde o illustre maranhense construiu os campos de desportos do Club Naval

Soror Peccadora

Ei-la: semblante triste e decorado,
Mostrando-nos sua alma arrependida
De haver bebido o vinho do Peccado,
Na flôr dos annos, no esplendor da Vida !

Quer disfarçar, num riso improvisado,
A magua que lhe vai na alma ferida,
Mas o gosto do crime do passado
A peccar outras vezes a convida.

Quantas vezes, enquanto, silenciosas,
Beijam o Christo as outras religiosas
Nesse velho convento secular,

Ella, em silencio, numa prece ardente,
De beijos cobre apaixonadamente
O retrato de alguem que a faz peccar.



ASTOR RAPOSO

DE COMO SE GÓRA UM AMAVEL PROJECTO

Eduardo Prado, depois do casamento, — conta o sr. Vianna Moog em "Eça de Queiroz e o Seculo XIX", — como não se conformasse em viver longe de Neuilly, (suburbio de Paris, onde reside Eça) e precisasse ir a S. Paulo, queria arrastar Eça para o Rio de Janeiro. A formula que lhe parecia mais viavel para isso era fazer do consul de Paris e Havre embaixador de Portugal no Brasil. Uma noite falou no assumpto a Eça e D. Emilia. Os dois, por comprazer, concordaram. Tanto hastou para que elle no outro dia se movimentasse, escrevendo ao conde de Arnoso, concitando-o a trabalhar ao lado de Portugal, nesse sentido, pois que elle, Prado, iria providenciar ao lado do Brasil.

Quando Eça soube em que pé estava a questão alarmou-se. Dahi a carta que remetteu ao conde de Arnoso: "Paris, 10 de julho de 1898. — Querido Bernardo — Eu devia começar esta carta parafraseando um verso de Camões: **Oh que não sei de espanto como o conte!** E tu, de certo, tambem tiveste espanto igual ao receber o meu telegramma! — Imagina tu que há dois dias o Prado veio á noite, como costuma, a Neuilly, e annun-

ciou que a sua viagem ao Brasil, que estava marcada para este mez, ficava adiada para o outro. A este proposito, e só a este, falamos duma certa visita ao Brasil de que por vezes mostro descjos. — E o Prado lembrou que uma excellente maneira de eu realizar essa excursão, seria como Ministro de Portugal no Brasil. Eu murmurei, vagamente: "**Sim, com effeito**"; a Emilia, ainda mais vaga, murmurou: "**Eu não desgostava duma legação no Brasil**"... e logo em seguida, como sempre, passamos á guerra de Espanha. — Pois, meu querido Bernardo, este phantastico Prado, ao recolher á casa, começa a ruminar a idéa da minha nomeação de Ministro de Portugal no Brasil! Immediatamente se exalta. Ao saltar do **fiafre** já está decidido a começar, pelo lado brasileiro, uma campanha por essa minha nomeação. No quarto, mesmo de chapéu na cabeça, compõe uma longa epistola que se destina, a ti, como meu amigo e secretario d'El-Rei. — Ao dia, cedo, corre á casa do Rosa, que encontra no banho. E ali mesmo, debruçado sobre a tina, envolve o infeliz Thomaz num vendaval de palavras e argumentos. Nem o deixa vestir, nem o deixa enxugar; e assim mesmo em fralda, com os pés nus sobre o tapete, o arrasta para a mesa, onde o persuade a escrever-te tambem, a ti, uma epistola ardente, approvando a idéa gloriosa da minha nomeação. Elle mesmo, Prado, leva as duas cartas ao **Sud-Express** — e immediatamente telegrapha para o Rio para que se prepare o palacio onde eu devo ser hospedado. E' inverosimil — mas veridico. — No entanto o nosso Rosa, apenas só, reflectiu e não tardou a descobrir toda a inoportunidade, e desvantagem para mim, e impossibilidade geral daquelle negocio... Mas o Prado jurara-lhe que a Emilia e eu ardiamos de ambição (!!!) de ir para o Brasil: a carta está dentro da caixa do correio: **dono, á la grace de Dieu**. — Ora, nessa noite, Rosa e eu deviamos jantar com o chimerico Prado. Eu cheguei, para o jantar, apenas duas horas mais tarde — e depois de receber as injurias dos esfaimados, eis que o Prado e Rosa me levam para o vão de uma janella e me contam o feito que tinham praticado de manhã !!!... O Rosa evidentemente muito arrependido. O Prado tambem um pouco murcho, como todo extravagante depois de um excesso. — Eu não rugi de indignação, nem desatei a rir; fiquei estupefacto, com uma immensa bocca aberta. E fomos jantar. Mas, logo ao fim da sopa, estava decidido que eu te telegrapharia hoje, **annullando as duas cartas** e passando a esponja do bom senso sobre todo esse delirio".



A sociedade maranhense deplora sinceramente o fallecimento prematuro da inditosa senhorita Edith Araujo, filha do sr. José Gervasio de Araujo e alumna do Collegio Cysne.

Bsatante relacionada em nosso meio social a extincta desfructava de real estima de seus professores e collegas.

DE COMO SE GÓRA UM AMAVEL PROJECTO

Eduardo Prado, depois do casamento, — conta o sr. Vianna Moog em "Eça de Queiroz e o Seculo XIX", — como não se conformasse em viver longe de Neuilly, (suburbio de Paris, onde reside Eça) e precisasse ir a S. Paulo, queria arrastar Eça para o Rio de Janeiro. A formula que lhe parecia mais viavel para isso era fazer do consul de Paris e Havre embaixador de Portugal no Brasil. Uma noite falou no assumpto a Eça e D. Emilia. Os dois, por comprazer, concordaram. Tanto hastou para que elle no outro dia se movimentasse, escrevendo ao conde de Arnoso, concitando-o a trabalhar ao lado de Portugal, nesse sentido, pois que elle, Prado, iria providenciar ao lado do Brasil.

Quando Eça soube em que pé estava a questão alarmou-se. Dahi a carta que remetteu ao conde de Arnoso: "Paris, 10 de julho de 1898. — Querido Bernardo — Eu devia começar esta carta parafraseando um verso de Camões: **Oh que não sei de espanto como o conte!** E tu, de certo, tambem tiveste espanto igual ao receber o meu telegramma! — Imagina tu que há dois dias o Prado veio á noite, como costuma, a Neuilly, e annun-

ciou que a sua viagem ao Brasil, que estava marcada para este mez, ficava adiada para o outro. A este proposito, e só a este, falamos duma certa visita ao Brasil de que por vezes mostro desejos. — E o Prado lembrou que uma excellente maneira de eu realizar essa excursão, seria como Ministro de Portugal no Brasil. Eu murmurei, vagamente: "**Sim, com effeito**"; a Emilia, ainda mais vaga, murmurou: "**Eu não desgostava duma legação no Brasil**"... e logo em seguida, como sempre, passamos á guerra de Espanha. — Pois, meu querido Bernardo, este phantastico Prado, ao recolher á casa, começa a ruminar a idéa da minha nomeação de Ministro de Portugal no Brasil! Immediatamente se exalta. Ao saltar do **fiafre** já está decidido a começar, pelo lado brasileiro, uma campanha por essa minha nomeação. No quarto, mesmo de chapéu na cabeça, compõe uma longa epistola que se destina, a ti, como meu amigo e secretario d'El-Rei. — Ao dia, cedo, corre á casa do Rosa, que encontra no banho. E ali mesmo, debruçado sobre a tina, envolve o infeliz Thomaz num vendaval de palavras e argumentos. Nem o deixa vestir, nem o deixa enxugar; e assim mesmo em fralda, com os pés nus sobre o tapete, o arrasta para a mesa, onde o persuade a escrever-te tambem, a ti, uma epistola ardente, approvando a idéa gloriosa da minha nomeação. Elle mesmo, Prado, leva as duas cartas ao **Sud-Express** — e immediatamente telegrapha para o Rio para que se prepare o palacio onde eu devo ser hospedado. E' inverosimil — mas veridico. — No entanto o nosso Rosa, apenas só, reflectiu e não tardou a descobrir toda a inoportunidade, e desvantagem para mim, e impossibilidade geral daquelle negocio... Mas o Prado jurara-lhe que a Emilia e eu ardiamos de ambição (!!!) de ir para o Brasil: a carta está dentro da caixa do correio: **dono, á la grace de Dieu**. — Ora, nessa noite, Rosa e eu deviamos jantar com o chimerico Prado. Eu cheguei, para o jantar, apenas duas horas mais tarde — e depois de receber as injurias dos esfaimados, eis que o Prado e Rosa me levam para o vão de uma janella e me contam o feito que tinham praticado de manhã !!! O Rosa evidentemente muito arrependido. O Prado tambem um pouco murcho, como todo extravagante depois de um excesso. — Eu não rugi de indignação, nem desatei a rir; fiquei estupefacto, com uma immensa bocca aberta. E fomos jantar. Mas, logo ao fim da sopa, estava decidido que eu te telegrapharia hoje, **annullando as duas cartas** e passando a esponja do bom senso sobre todo esse delirio".



A sociedade maranhense deplora sinceramente o fallecimento prematuro da inditosa senhorita Edith Araujo, filha do sr. José Gervasio de Araujo e alumna do Collegio Cysne.

Bsatante relacionada em nosso meio social a extincta desfructava de real estima de seus professores e collegas.

A Moda em Revista

(CLICHE'S DA PRESS ILLUSTRATION BUREAU DE COPENHAGUE)

Hollywood pontifica na dictadura da moda. As grandes casas e os costureiros famosos da Cidade da Fantasia trabalham, agora, com afinco para lançar as creações do verão.

Si por um lado falta a concorrência de Paris, por outro não será tão facil assim, aos novos mestres impor ao mundo suas creações, desde que el-

las não lembrem qualquer cousa daquellas que a Cidade Luz lançava quase a dois seculos para gaudio do mundo elegante feminino.

Ahi vão, gentil leitora, para a sua escolha, os modelos que nos chegaram da America, pelo ultimo avião.

PARA SUA FILHINHA



Este vestidinho de organdy, azul celeste, pintalgado de branco, realçará a belleza das faces louças dessa creaturinha que faz o encanto de seu lar

A Moda em Revista

(CLICHE'S DA PRESS ILLUSTRATION BUREAU DE COPENHAGUE)

Hollywood pontifica na dictadura da moda. As grandes casas e os costureiros famosos da Cidade da Fantasia trabalham, agora, com afinco para lançar as creações do verão.

Si por um lado falta a concorrência de Paris, por outro não será tão facil assim, aos novos mestres impor ao mundo suas creações, desde que el-

las não lembrem qualquer cousa daquellas que a Cidade Luz lançava quase a dois seculos para gaudio do mundo elegante feminino.

Ahi vão, gentil leitora, para a sua escolha, os modelos que nos chegaram da America, pelo ultimo avião.

PARA SUA FILHINHA



Este vestidinho de organdy, azul celeste, pintalgado de branco, realçará a belleza das faces louças dessa creaturinha que faz o encanto de seu lar

PARA EXCURSÕES MARITIMAS



Com um delicioso sol, um passeio de mar constitui, sempre, um encanto. Apresentamos às nossas gentis leitoras dois encantadores modelos para essas excursões

Cultive a jovialidade e o optimismo, mantendo-se em contacto com o seu meio habitual. Sentir-se-á mais forte, chegando com mais facilidade a fazer triumphar o bom humor. — Nyssens

Podê dizer-se que, em geral, a saúde não é o direito do mais forte, porém o premio do mais previdente. — A Rriant

PARA EXCURSÕES MARITIMOS



Com um delicioso sol, um passeio de mar constitui, sempre, um encanto. Apresentamos às nossas gentis leitoras dois encantadores modelos para essas excursões

Cultive a jovialidade e o optimismo, mantendo-se em contacto com o seu meio habitual. Sentir-se-á mais forte, chegando com mais facilidade a fazer triumphar o bom humor. — Nyssens

Podê dizer-se que, em geral, a saúde não é o direito do mais forte, porém o premio do mais previdente. — A Rriant

BLUSA DE SPORTIVA



Para o "golf" ou mesmo para uma tarde desportiva esta blusa côr de canario, com uma saia azul marinho lisa é de um grande effeito

O amor proprio é o amor de si mesmo e de todas as cousas para si. Elle torna os homens idolatra delles propios e os tornaria tyrannos dos outros, se a fortuna lhes facultasse os meios.

— La Rochefoucauld

Se o genio é uma grandeza, a bondade é uma excellencia e o homem mais digno é aquelle que mais se preocupa com o bem geral procurando, com a força do seu espirito, corrigir os males e minorar os soffrimentos dos infelizes. — Coelho Netto

BLUSA DE SPORTIVA



Para o "golf" ou mesmo para uma tarde desportiva esta blusa côr de canario, com uma saia azul marinho lisa é de um grande effeito

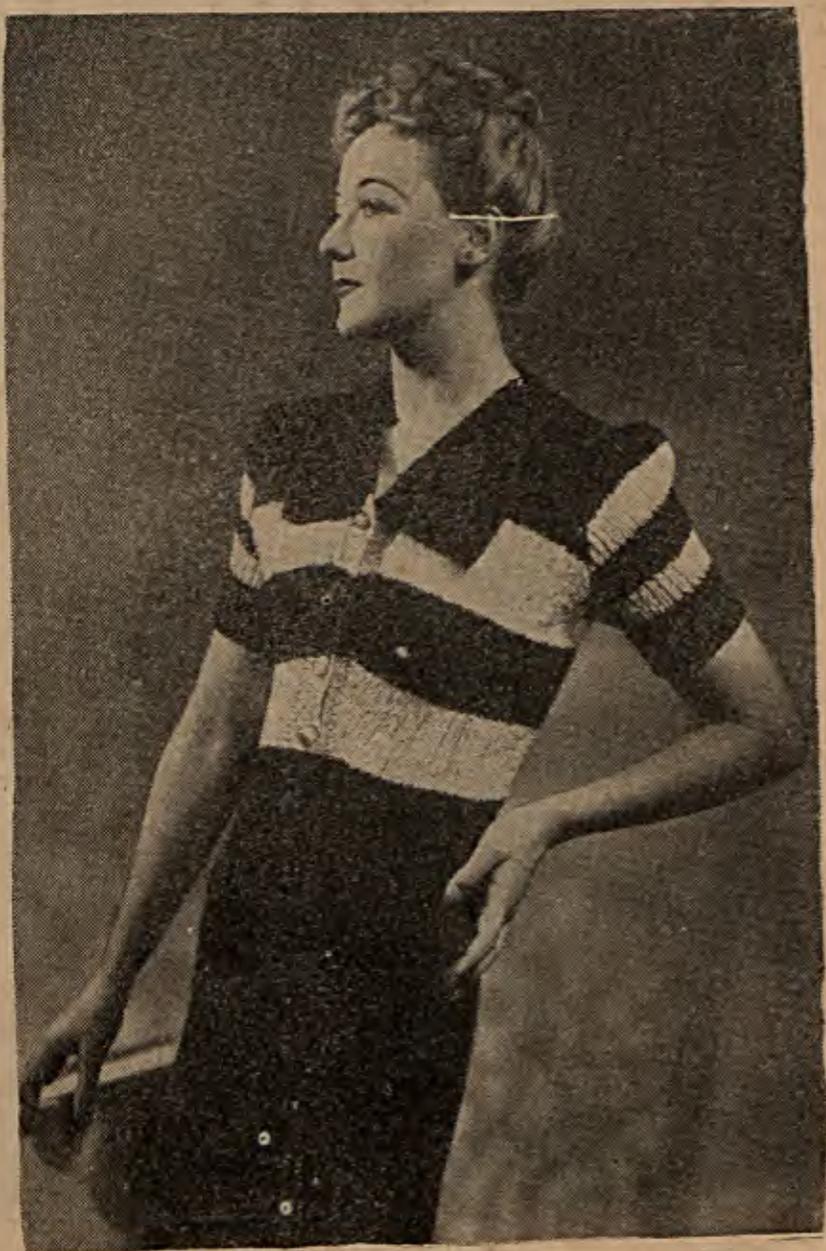
O amor proprio é o amor de si mesmo e de todas as cousas para si. Elle torna os homens idolatra delles propios e os tornaria tyrannos dos outros, se a fortuna lhes facultasse os meios.

— La Rochefoucauld

Se o genio é uma grandeza, a bondade é uma excellencia e o homem mais digno é aquelle que mais se preocupa com o bem geral procurando, com a força do seu espirito, corrigir os males e minorar os soffrimentos dos infelizes. — Coelho Netto

1777

PARA A MANHÃ

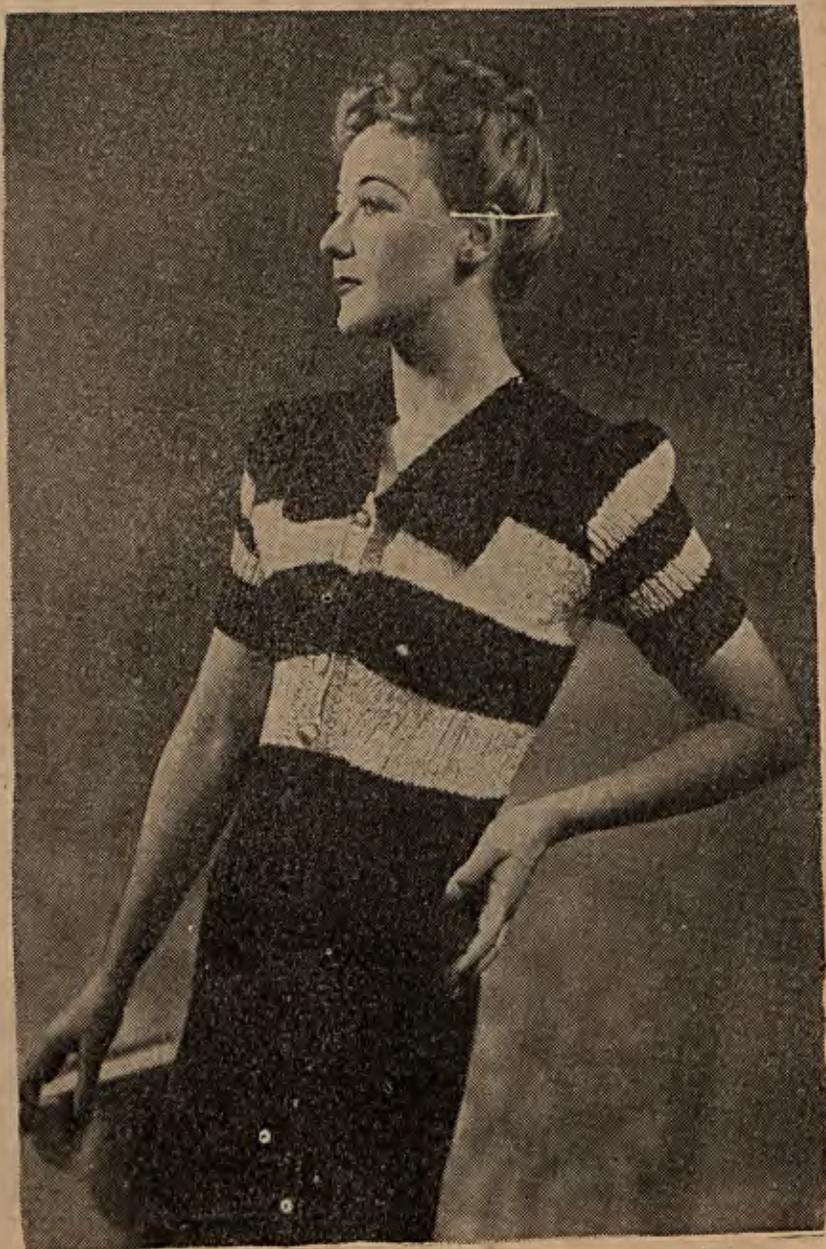


Aqui está uma outra blusa. Esta é de lã branca e vermelha e fica admiravelmente bem para os passeios matinaes

A modestia é excellente qualidade e uma das que acompanham o verdadeiro mérito; ella captiva os nossos semelhantes, enquanto a preumpção e a solencia os afastam. Ninguém aprecia aquelle que se louva e que é o heroe da propria historia.

Há, entretanto, grande differença entre a modestia e a desejeitada timidez, que é tão ridiculo como a verdadeira modestia é recommendavel.

Chesterfield



Aqui está uma outra blusa. Esta é de lã branca e vermelha e fica admiravelmente bem para os passeios matinaes

A modestia é excellente qualidade e uma das que acompanham o verdadeiro mérito; ella captiva os nossos semelhantes, enquanto a precepção e a solencia os afastam. Ninguem aprecia aquelle que se louva e que é o heroe da propria historia.

Há, entretanto, grande differença entre a modestia e a desejeitada timidez, que é tão ridiculo como a verdadeira modestia é recommendavel.

Chesterfield

PREVENDO A CHEGADA DO OUTOMNO



Prevendo a chegada do outomno, na America, os costureiros de Hollywood lançam admiraveis modelos de impermeaveis, como o que vemos acima

Quem vive habitualmente com os maus e com os mal educados, torna-se, não raro, sua victima ou seu discipulo; se, ao contrario, frequenta os homens virtuosos, adopta, por imitação, a sua virtude ou, pelo menos, perde todos os dias alguma coisa dos proprios defeitos. — Agapet

RYTHMOS DA IDÉIA

Quando ficamos sós,
A relembrar instantes
De paz, de dôr ou de contentamento,
Quando dentro de nós,
Somente fala, a voz do pensamento...

Nosso mutismo é o fio conductor,
Para o paiz extranho,
Que vive em nosso mundo interior.

E o pensamento com poder tamanho.
Sem ardil ou disfarce,
Repercute vehemente,
Claro, distincto, bem,
Como se fosse alguém,
Que nos falasse...

Quanto seria a vida diferente,
Se o pensamento, como a voz vibrasse!

Quando seguindo o vôo da phantasia,
Se estou contigo a sós
E o silencio se, faz, por um momento,
Que confusão enorme eu sentiria,
Se, do meu pensamento,
Escutasses a voz!

GIESTA



Senhorita Olzita Falcão, que acaba de concluir o curso de dactylographia no collegio "S. José da Providencia", na cidade de Barra do Corda, neste Estado

PREVENDO A CHEGADA DO OUTOMNO



Prevendo a chegada do outomno, na America, os costureiros de Hollywood lançam admiraveis modelos de impermeaveis, como o que vemos acima

Quem vive habitualmente com os maus e com os mal educados, torna-se, não raro, sua victima ou seu discipulo; se, ao contrario, frequenta os homens virtuosos, adopta, por imitação, a sua virtude ou, pelo menos, perde todos os dias alguma coisa dos proprios defeitos. — Agapet

RYTHMOS DA IDÉIA

Quando ficamos sós,
A relembrar instantes
De paz, de dôr ou de contentamento,
Quando dentro de nós,
Somente fala, a voz do pensamento...

Nosso mutismo é o fio conductor,
Para o paiz extranho,
Que vive em nosso mundo interior.

E o pensamento com poder tamanho.
Sem ardil ou disfarce,
Repercute vehemente,
Claro, distincto, bem,
Como se fosse alguém,
Que nos falasse...

Quanto seria a vida differente,
Se o pensamento, como a voz vibrasse !

Quando seguindo o vôo da phantasia,
Se estou contigo a sós
E o silencio se, faz, por um momento,
Que confusão enorme eu sentiria,
Se, do meu pensamento,
Escutasses a voz !

GIESTA



Senhorita Olzita Falcão, que acaba de concluir o curso de dactylographia no collegio "S. José da Providencia", na cidade de Barra do Corda, neste Estado

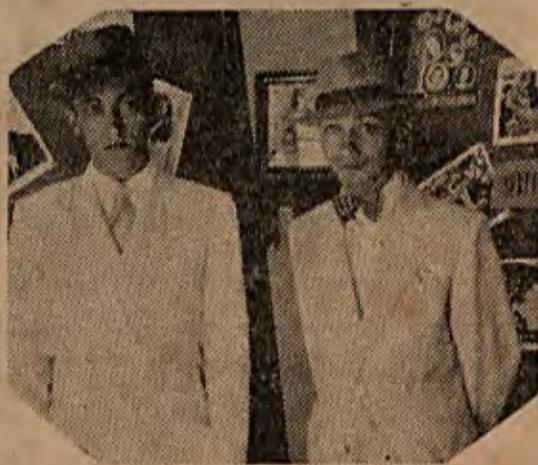
AS NOVIDADES EM CHAPE'OS



Ahí tem a leitora a escolher a ultima palavra da moda em chapéos. "Bonnets", "casquettes" e brejeiros chapéos, minúsculos e elegantes...



Senhorita Virginia Lobo, recém-diplomada em da-
stylographia, pelo collegio "S. José da Prividencia" da cidade de Barra do Corda



Raymundo Lago e José Lobato, commerciaros
de São Luiz

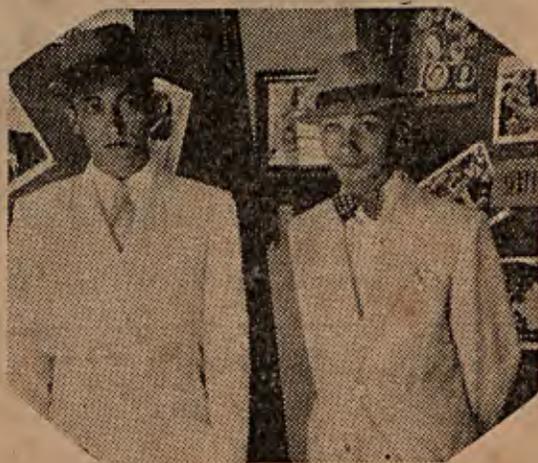
AS NOVIDADES EM CHAPE'OS



Ahí tem a leitora a escolher a ultima palavra da moda em chapéos. "Bonnets", "casquettes" e brejeiros chapéos, minusculos e elegantes...

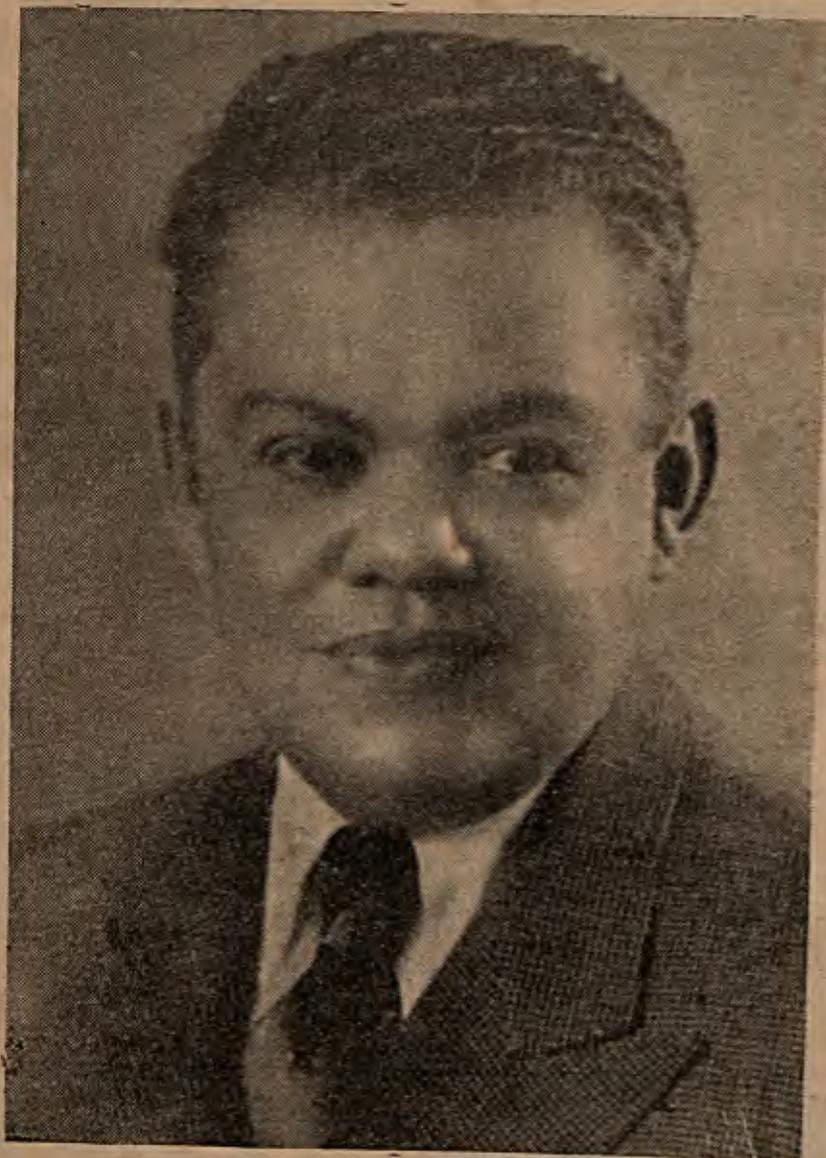


Senhorita Virginia Lobo, recém-diplomada em da-
stylographia, pelo collegio "S. José da Prividencia" da cidade de Barra do Corda



Raymundo Lago e José Lobato, commerciaros
de São Luiz

O governo do dr. Paulo Ramos

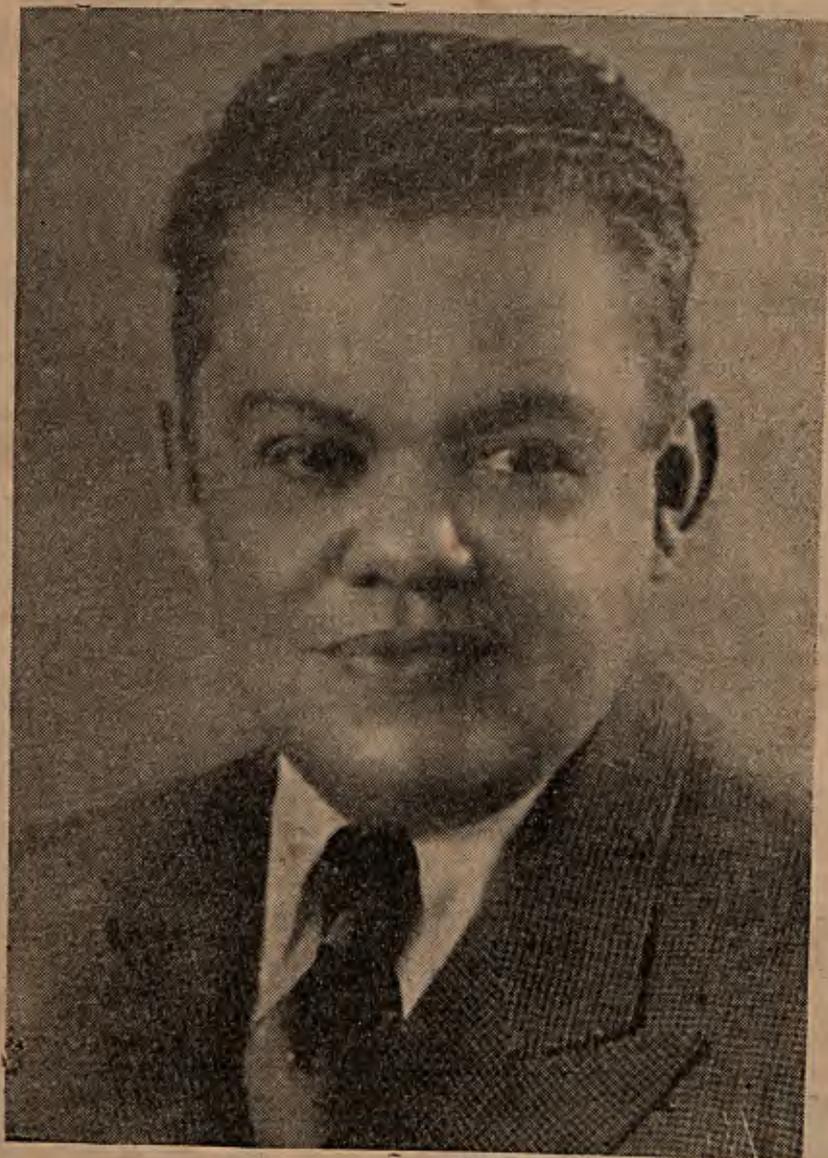


A 15 do mez vindouro o nosso eminente conterraneo vencerá mais um anno á frente do governo do Estado.

Para os bons maranhenses, para os maranhenses que sincera e profundamente amam o Maranhão é uma grande data. É por isto que para comemorar essa data preparam-se em todo o Estado grandes e significativas festas que traduzirão o contentamento do povo maranhense, e o alto grau de estima que todas as classes dispensam ao infatigavel administrador que está fazendo a restauração economica do Maranhão, que está construindo um Maranhão Novo, um Maranhão forte pelo trabalho de seus filhos.

ATHENAS de já se associa a essas festas com que o Maranhão registará mais uma etapa da fecunda administração do dr. Paulo Ramos.

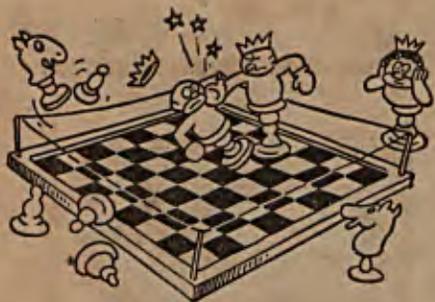
O governo do dr. Paulo Ramos



A 15 do mez vindouro o nosso eminente conterraneo vencerá mais um anno á frente do governo do Estado.

Para os bons maranhenses, para os maranhenses que sincera e profundamente amam o Maranhão é uma grande data. É por isto que para comemorar essa data preparam-se em todo o Estado grandes e significativas festas que traduzirão o contentamento do povo maranhense, e o alto grau de estima que todas as classes dispensam ao infatigavel administrador que está fazendo a restauração economica do Maranhão, que está construindo um Maranhão Novo, um Maranhão forte pelo trabalho de seus filhos.

ATHENAS de já se associa a essas festas com que o Maranhão registará mais uma etapa da fecunda administração do dr. Paulo Ramos.



XADREZ

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ANTERIORES

- N. 5. — Em dois lances — 1. D h7-h1
- N. 6. — Em trez lances — 1. B b5-a6.
- N. 7. — Em trez lances — 1. T e4-d4 xq.
- N. 8. — Em dois lances — 1. D a7-b8.

Enviaram soluções certas: cap. Celso Freitas, João Maranhense, Rei Preto e Real. Acyr Marques errou o n. 7; Aboud não encontrou solução para o n. 6; Muniz enganou-se na resposta ao n. 8. Guimarães e Odorico acertaram apenas o n. 5.

O CAMPEONATO MARRANHENSE

Ainda não foi possível levar-

se a afeito a disputa do Campeonato Estadual deste anno, por não se ter jogado até agora o Torneio Menor, competição preliminar daquela. Ao que nos consta, se não houver a prova maxima do enxadrismo local, Acyr Marques, que detem o titulo, será desafiado para uma "match" amistoso, no proximo verão.

O xadrez é a pedra de toque da intelligencia, segundo dizia Goethe.

O ULTIMO TORNEIO DAS NAÇÕES

Com a presença de 27 paizes, realizou-se em Buenos-Ayres, no anno passado, o grande Torneio das Nações, que foi vencido pela equipe allemã, ganhando a Islandia a prova secundaria. Nada obstante o

tempo decorrido, ha muita gente que ignora certa particularidade dessa importante competição, motivo porque vamos dizer algo sobre o procedimento dos brasileiros na mesma.

Nas preliminares, o Brasil foi derrotado pela Boemia-Moravia, Polonia e Inglaterra, e ganhou as equipes do Canadá, Perú e Paraguay, fazendo um total de 12 pontos e meio e obtendo classificação para a final.

Nesta, os nossos patricios ganharam a Suecia e a Dinamarca, empataram com a França e a Lituania e perderam para a Allemanha, Polonia, Estonia, Argentina, Boemia-Moravia, Letonia, Hoilanda, Palestina, Cuba e Chile.

Isoladamente, os brasileiros tiveram a seguinte actuação: Trompowsky fez 29%, Silva

PROBLEMA N. 9

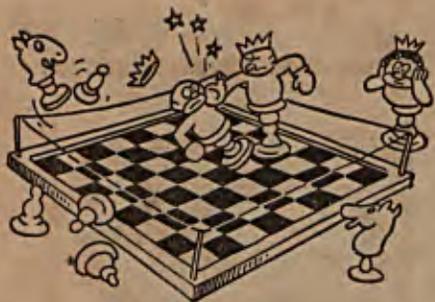


Mate em 2 lances

PROBLEMA N. 10



Mate em 3 lances



XADREZ

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS ANTERIORES

- N. 5. — Em dois lances — 1. D h7-h1
- N. 6. — Em trez lances — 1. B b5-a6.
- N. 7. — Em trez lances — 1. T e4-d4 xq.
- N. 8. — Em dois lances — 1. D a7-b8.

Enviaram soluções certas: cap. Celso Freitas, João Maranhense, Rei Preto e Real. Acyr Marques errou o n. 7; Aboud não encontrou solução para o n. 6; Muniz enganou-se na resposta ao n. 8. Guimarães e Odorico acertaram apenas o n. 5.

O CAMPEONATO MARANHENSE

Ainda não foi possível levar-

se a afeito a disputa do Campeonato Estadual deste anno, por não se ter jogado até agora o Torneio Menor, competição preliminar daquela. Ao que nos consta, se não houver a prova maxima do enxadrismo local, Acyr Marques, que detem o titulo, será desafiado para uma "match" amistoso, no proximo verão.

O xadrez é a pedra de toque da intelligencia, segundo dizia Goethe.

O ULTIMO TORNEIO DAS NAÇÕES

Com a presença de 27 paizes, realizou-se em Buenos-Ayres, no anno passado, o grande Torneio das Nações, que foi vencido pela equipe allemã, ganhando a Islandia a prova secundaria. Nada obstante o

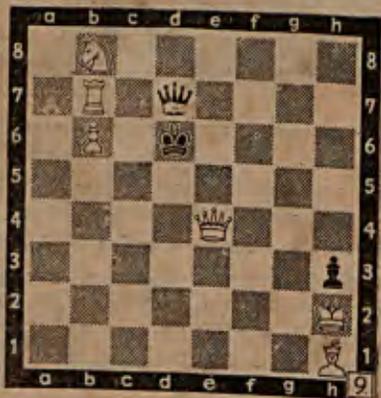
tempo decorrido, ha muita gente que ignora certa particularidade dessa importante competição, motivo porque vamos dizer algo sobre o procedimento dos brasileiros na mesma.

Nas preliminares, o Brasil foi derrotado pela Boemia-Moravia, Polonia e Inglaterra, e ganhou as equipes do Canadá, Perú e Paraguay, fazendo um total de 12 pontos e meio e obtendo classificação para a final.

Nesta, os nossos patricios ganharam a Suecia e a Dinamarca, empataram com a França e a Lituania e perderam para a Alemanha, Polonia, Estonia, Argentina, Boemia-Moravia, Letonia, Hoilanda, Palestina, Cuba e Chile.

Isoladamente, os brasileiros tiveram a seguinte actuação: Trompowsky fez 29%, Silva

PROBLEMA N. 9



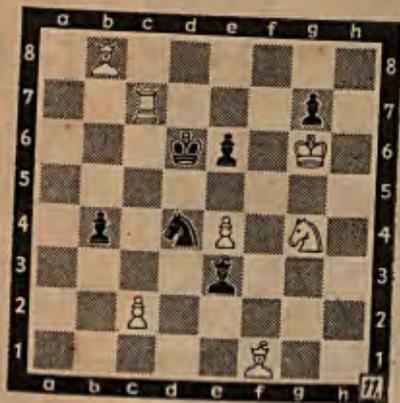
Mate em 2 lances

PROBLEMA N. 10



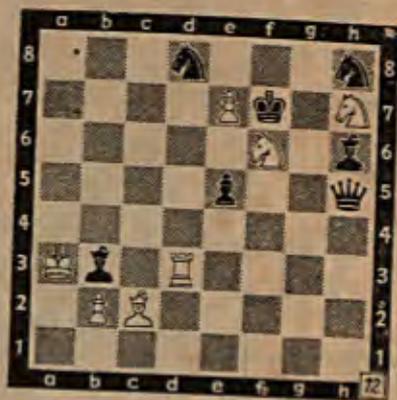
Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 11



Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 12



Mate em 2 lances

Rocha, 56%. Walter Cruz, 41%, Souza Mendes, 33% e Oswaldo Cruz Filho como reserva, 50%.

Por outro lado, Trompowsky conseguiu empatar suas partidas com Tartakower e Alekhine, enquanto Silva Rocha apenas teve 3 derrotas, enfrentando adversários da força de Najdorf, Foltys, Flores, Engels, Gromer, Cortlever, Lukis e Alemán, com quem empatou, e Espinola, Morrison, Czerniak, Lundin e Poulsen a quem ganhou. Foi elle, aliás, a figura mais destacada da nossa turma.

E o Brasil, que pela primeira vez participava de uma prova

desa natureza, conseguiu um honroso 14.º lugar na prová principal, acima, portanto, da Dinamarca, ultima collocada nessa prova, e dos componentes da prova secundaria, não classificados para a final, e que foram: Islandia, Canadá, Noruega, Uruguay, Bulgaria, Equador, Irlanda, Guatemala, Perú, Bolivia e Paraguay.

O XADREZ E A GUERRA

Como succedeu durante a Guerra Mundial de 1914 a 1918, o xadrez está átravesando um periodo de verdadeira estagnação, havendo apenas algumas competições na Argentina e nos Estados Unidos, afora os

campeonatos da União Sovietica. Naquelle paiz da America do Sul, estão actualmente varios enxadristas europeus, que vieram para o Torneo das Nações e não puderam regressar a seus paizes. A presença desses mestres é de grande proveito para os argentinos, que assim poderão medir forças, facilmente, com jogadores mais fortes.

Lastimamos, apenas, que a nossa Federação não tenha ainda proporcionado aos enxadristas patricios um contacto mais directo com esses mestres europeus, nada obstante reconhecer quanto lucrariamos com tal iniciativa.

Pela attitude ajuiza-se a enfiatura do individuo. Aquelle que se mantem ereto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pode-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com coragem, retidão e dignidade, ao contrario do individuo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolencia.

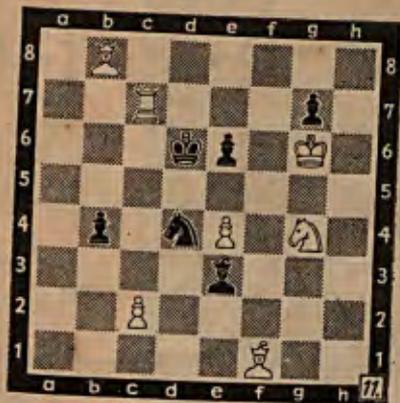
— Renato Kehl.



Luiz Pereira de Souza, interessante filhinho do sr. Ambrosio Pereira de Souza

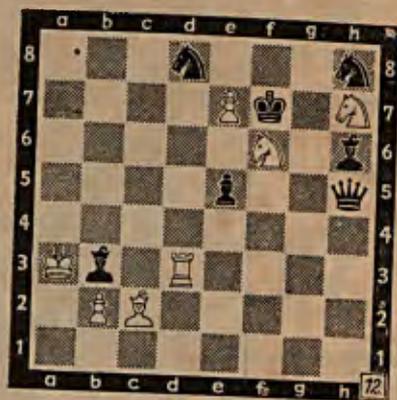
Já que não está em nosso poder viver muito tempo, deixemos uma obra para attestar que vivemos. — Plinio, o moço.

PROBLEMA N. 11



Mate em 3 lances

PROBLEMA N. 12



Mate em 2 lances

Rocha, 56%. Walter Cruz, 41%, Souza Mendes, 33% e Oswaldo Cruz Filho como reserva, 50%.

Por outro lado, Trompowsky conseguiu empatar suas partidas com Tartakower e Alekhine, enquanto Silva Rocha apenas teve 3 derrotas, enfrentando adversários da força de Najdorf, Foltys, Flores, Engels, Gromer, Cortlever, Lukis e Alemán, com quem empatou, e Espinola, Morrison, Czerniak, Lundin e Poulsen a quem ganhou. Foi elle, aliás, a figura mais destacada da nossa turma.

E o Brasil, que pela primeira vez participava de uma prova

desa natureza, conseguiu um honroso 14.º lugar na prová principal, acima, portanto, da Dinamarca, ultima collocada nessa prova, e dos componentes da prova secundaria, não classificados para a final, e que foram: Islandia, Canadá, Noruega, Uruguay, Bulgaria, Equador, Irlanda, Guatemala, Perú, Bolivia e Paraguay.

O XADREZ E A GUERRA

Como succedeu durante a Guerra Mundial de 1914 a 1918, o xadrez está átravesando um periodo de verdadeira estagnação, havendo apenas algumas competições na Argentina e nos Estados Unidos, afora os

campeonatos da União Sovietica. Naquelle paiz da America do Sul, estão actualmente varios enxadristas europeus, que vieram para o Torneo das Nações e não puderam regressar a seus paizes. A presença desses mestres é de grande proveito para os argentinos, que assim poderão medir forças, facilmente, com jogadores mais fortes.

Lastimamos, apenas, que a nossa Federação não tenha ainda proporcionado aos enxadristas patricios um contacto mais directo com esses mestres europeus, nada obstante reconhecer quanto lucrariamos com tal iniciativa.

Pela attitude ajuiza-se a enfiatura do individuo. Aquelle que se mantem ereto, sobranceiro, alinhado; que olha para a frente e pisa firme — pode-se dizer que é varonil, capaz de encarar os problemas da vida com coragem, retidão e dignidade, ao contrario do individuo frouxo, mole, desleixado, encostador e descuidado de maneiras, para o qual tudo deve correr do mesmo modo, isto é, no "laissez aller", no relaxamento e na indolencia.

— Renato Kehl.



Luiz Pereira de Souza, interessante filhinho do sr. Ambrosio Pereira de Souza

Já que não está em nosso poder viver muito tempo, deixemos uma obra para attestar que vivemos. — Plinio, o moço.

A
B
r
a
s
i
l
i
a
nB
o
m
b
s
h
e
l
l

CARMEN MIRANDA:

RIO — Julho: A cidade amanheceu enfeitada para receber Carmen, a deliciosa morena, que fez a sua gloriosa entrada nos Estados Unidos e venceu.

O nosso representante, no Rio, nos enviou a presente photographia, com a seguinte chronica:

—“A cidade amanheceu, hoje, com coqueluche. Carmen Miranda, a “garôta notavel” dos microphones cariocas, chega dos Estados Unidos e vae passar pela avenida em carro aberto. Sensação. Pouco depois de desembarcar a festejada actriz — industria brasileira — recebe os reporteres para contar o que viu nos Estados Unidos, os seus successos, a dinheirama que ganhou em Nova-York e o appellido que lhe deram, como corôa de admiração (porque os norte-americanos dão sempre um nome de guerra ás pessoas que admiram).

Corrigan, “o aviador maluco”; Joe Louis, o demolidor de Detroit.”

Carmen teve o seu: “Brazilian Bombshell”. O reporter não sabe bem o que os “yankees”, quizeram dizer com isso, mas o facto é que a nossa actriz teve a gloria de um appellido nos Estados Unidos.

Agora, ella, de volta, quer conversar com a reportagem, essa reportagem, que muito a ajudou e no meio da qual se sente sempre bem, sem etiquetas, falando gyria.

—E amores, Carmen? Nada?

—“Neris”, meu filho. Só arte. Trabalho, trabalho. E’ preciso ganhar a “granulina”. E, depois, houve a indispensavel distribuição de photographias.

Offerecemos acima aos nossos leitores a que coube a ATHENAS.

A
B
r
a
s
i
l
i
a
nB
o
m
b
s
h
e
l
l

CARMEN MIRANDA:

RIO — Julho: A cidade amanheceu enfeitada para receber Carmen, a deliciosa morena, que fez a sua gloriosa entrada nos Estados Unidos e venceu.

O nosso representante, no Rio, nos enviou a presente photographia, com a seguinte chronica:

—“A cidade amanheceu, hoje, com coqueluche. Carmen Miranda, a “garôta notavel” dos microphones cariocas, chega dos Estados Unidos e vae passar pela avenida em carro aberto. Sensação. Pouco depois de desembarcar a festejada actriz — industria brasileira — recebe os reporteres para contar o que viu nos Estados Unidos, os seus successos, a dinheirama que ganhou em Nova-York e o appellido que lhe deram, como corôa de admiração (porque os norte-americanos dão sempre um nome de guerra ás pessoas que admiram).

Corrigan, “o aviador maluco”; Joe Louis, o demolidor de Detroit.”

Carmen teve o seu: “Brazilian Bombshell”. O reporter não sabe bem o que os “yankees”, quizeram dizer com isso, mas o facto é que a nossa actriz teve a gloria de um appellido nos Estados Unidos.

Agora, ella, de volta, quer conversar com a reportagem, essa reportagem, que muito a ajudou e no meio da qual se sente sempre bem, sem etiquetas, falando gyria.

—E amores, Carmen? Nada?

—“Neris”, meu filho. Só arte. Trabalho, trabalho. E’ preciso ganhar a “granulina”. E, depois, houve a indispensavel distribuição de photographias.

Offerecemos acima aos nossos leitores a que coube a ATHENAS.

SEGREDOS de **HOLLYWOOD**
 por **MAX FACTOR, JR.** ★
 Autoridade Suprema da Arte do Make-up

EVITANDO RETOQUES

A minha correspondencia é das maiores, pois são innumerás as mulheres que me escrevem pedindo conselhos sobre belleza e cuidados da pelle. Ha bem pouco, uma pergunta me foi feita e, sentindo ser ella de grande importancia, decidi responder por estas columnas em vez de escrever directamente á pessoa que se dirigiu a mim. Assim, não só a minha missivista mas tambem todas as minhas leitoras poderão aproveitar, espero, dos conselhos que, hoje, darei.

A senhora que me escreveu se queixa de que, repetidas vezes, durante o dia, ella é obrigada a retocar a maquilagem fazendo nova applicação de pó de arroz ou pintando, novamente, os labios com o baton.

Ella me pergunta se isso succede com todas as mulheres ou se, por acaso, acontece com ella por lançar mão de preparados de belleza de qualidade inferior. Numa ultima phrase, ella ainda cogita se, mesmo applicando ao rosto cosmeticos de boa qualidade ella o faz, de maneira incorrecta.

Não me é possivel dar uma resposta conclusiva, uma vez que não sei como é que ella faz a maquilagem, mas posso garantir que esse constante retoque a que é obrigada a fazer, durante o dia, se prende a uma destas causas.

BASE DA MAQUILAGEM

O pó de arroz nunca pegará bem ao rosto se não fôr applicado sobre uma camada de base de maquilagem (makeup foundation). Isto succede, principalmente, em climas quentes.

Outra possibilidade é que, talvez essa senhora applica pó de arroz em demasia, sem ter o cuidado de remover o excesso. Naturalmente, que, sendo assim, certa porção de pó tende a desaparecer, dando a ella a impressão de que deve novamente, usar mais ainda.

A tendencia, em Hollywood, é que se deve

usar de uma camada finissima de pó. Afim de se conseguir esse effeito, deve-se passar no rosto uma escova de pello muito fino, retirando-se, assim, o excesso de pó. O novo typo de maquilagem, (o pan-cake), que é empregado com o auxilio de uma esponja, é de grande utilidade e evita retoques continuos.

BATON SUPER-INDELEVEL

São varias as causas que obrigam uma mulher a pintar os labios repetidas vezes:

Suspeito, por exemplo, que a minha correspondente ainda usa um baton antiquado, desses que deixavam os labios "lambuzados". Hoje, usam-se de typos modernos, de côres firmes. Aquelle baton antiquado sempre obrigou a mulher a pintar os labios, repetidamente.

Tal qual succede com a maioria dos cosmeticos, em uso, o baton, hoje em moda, indelevel e constante, foi creado em virtude das necessidades impostas pelos studios. Ha bem poucos annos, os directores de Hollywood começaram a reclamar contra aquelle typo de baton, principalmente por causa dos inconvenientes que elle causava em scenas de beijos, como succedeu entre Greta Garbo-John Gilbert, Norma Shearer-Clark Gable, Joan Crawford-Clark, Jean Harlow-William Powell ou ainda, mais recentemente, Alice Faye-Tyrone Power.

Houve urgencia em remendar esse mal, pois as scenas eram adiadas por algumas horas, a fim de que o homem da maquilagem pudesse, novamente, retocar os labios das estrellas.

NA SOCIEDADE

Uma vez que o baton, a ser usado nas scenas dos films, foi aperfeiçoado, elle, immediatamente, passou a ser tambem empregado por todas as mulheres.

E' minha opinião de que a pessoa que me es-

SEGREDOS de HOLLYWOOD

por **MAX FACTOR, JR.** ★

Autoridade Suprema da Arte do Make-up

EVITANDO RETOQUES

A minha correspondência é das maiores, pois são inúmeras as mulheres que me escrevem pedindo conselhos sobre belleza e cuidados da pelle. Ha bem pouco, uma pergunta me foi feita e, sentindo ser ella de grande importancia, decidi responder por estas columnas em vez de escrever directamente á pessoa que se dirigiu a mim. Assim, não só a minha missivista mas tambem todas as minhas leitoras poderão aproveitar, espero, dos conselhos que, hoje, darei.

A senhora que me escreveu se queixa de que, repetidas vezes, durante o dia, ella é obrigada a retocar a maquilagem fazendo nova applicação de pó de arroz ou pintando, novamente, os labios com o baton.

Ella me pergunta se isso succede com todas as mulheres ou se, por acaso, acontece com ella por lançar mão de preparados de belleza de qualidade inferior. Numa ultima phrase, ella ainda cogita se, mesmo applicando ao rosto cosmeticos de boa qualidade ella o faz, de maneira incorrecta.

Não me é possivel dar uma resposta conclusiva, uma vez que não sei como é que ella faz a maquilagem, mas posso garantir que esse constante retoque a que é obrigada a fazer, durante o dia, se prende a uma destas causas.

BASE DA MAQUILAGEM

O pó de arroz nunca pegará bem ao rosto se não fôr applicado sobre uma camada de base de maquilagem (makeup foundation). Isto succede, principalmente, em climas quentes.

Outra possibilidade é que, talvez essa senhora applica pó de arroz em demasia, sem ter o cuidado de remover o excesso. Naturalmente, que, sendo assim, certa porção de pó tende a desaparecer, dando a ella a impressão de que deve novamente, usar mais ainda.

A tendencia, em Hollywood, é que se deve

usar de uma camada finissima de pó. Afim de se conseguir esse effeito, deve-se passar no rosto uma escova de pello muito fino, retirando-se, assim, o excesso de pó. O novo typo de maquilagem, (o pan-cake), que é empregado com o auxilio de uma esponja, é de grande utilidade e evita retoques continuos.

BATON SUPER-INDELEVEL

São varias as causas que obrigam uma mulher a pintar os labios repetidas vezes:

Suspeito, por exemplo, que a minha correspondente ainda usa um baton antiquado, desses que deixavam os labios "lambuzados". Hoje, usam-se de typos modernos, de côres firmes. Aquelle baton antiquado sempre obrigou a mulher a pintar os labios, repetidamente.

Tal qual succede com a maioria dos cosmeticos, em uso, o baton, hoje em moda, indelevel e constante, foi creado em virtude das necessidades impostas pelos studios. Ha bem poucos annos, os directores de Hollywood começaram a reclamar contra aquelle typo de baton, principalmente por causa dos inconvenientes que elle causava em scenas de beijos, como succedeu entre Greta Garbo-John Gilbert, Norma Shearer-Clark Gable, Joan Crawford-Clark, Jean Harlow-William Powell ou ainda, mais recentemente, Alice Faye-Tyrone Power.

Houve urgencia em remendar esse mal, pois as scenas eram adiadas por algumas horas, a fim de que o homem da maquilagem pudesse, novamente, retocar os labios das estrellas.

NA SOCIEDADE

Uma vez que o baton, a ser usado nas scenas dos films, foi aperfeiçoado, elle, immediatamente, passou a ser tambem empregado por todas as mulheres.

E' minha opinião de que a pessoa que me es-

O trabalho produz dinheiro; o bom senso conserva-o. — Smiles

O amor proprio é o amor de todos os adula- dores. — La Rochefoucauld



Max Factor Jr. diz que estrelas como Norma Shearer, da Metro Goldwyn Mayer, hoje, já não têm necessidade de retocar a maquilagem dos labios varias vezes por dia

creveu deve usar ainda o typo de baton, hoje em desuso. Se ella mudar de baton, tenho certeza que não terá que retocar os labios a toda hora..

Se, porém, se der o caso de que ella está usando um baton indelevel, a razão por que necessita de retocar os labios é a seguinte. Ella, uma vez pintados os labios, se esquece de remover o excesso de baton ou, então, porque os labios não estavam bem seccos quando os pintou.

Um baton não pegará nunca em labios humedecidos. Os labios devem estar seccos, usando-se para esse fim de uma toalhinha de papel (tissue paper).

EXCESSO

Depois que se applicou o baton, tenham bastante cuidado — e isso é essencial — em comprimi-los contra uma toalha de papel, removendo, desse modo, todo e qualquer excesso.

Se todas as mulheres seguirem á risca estes meus conselhos, tenho certeza absoluta de que não terão necessidade alguma de retocar a maquilagem.

Só reconhece um beneficio aquelle que o merece. — E. Blasco

O trabalho produz dinheiro; o bom senso conserva-o. — Smiles

O amor proprio é o amor de todos os adultos. — La Rochefoucauld



Max Factor Jr. diz que estrellas como Norma Shearer, da Metro Goldwyn Mayer, hoje, já não têm necessidade de retocar a maquilagem dos labios varias vezes por dia

creveu deve usar ainda o typo de baton, hoje em desuso. Se ella mudar de baton, tenho certeza que não terá que retocar os labios a toda hora..

Se, porém, se der o caso de que ella está usando um baton indelevel, a razão por que necessita de retocar os labios é a seguinte. Ella, uma vez pintados os labios, se esquece de remover o excesso de baton ou, então, porque os labios não estavam bem seccos quando os pintou.

Um baton não pegará nunca em labios humedecidos. Os labios devem estar seccos, usando-se para esse fim de uma toalhinha de papel (tissue paper).

EXCESSO

Depois que se applicou o baton, tenham bastante cuidado — e isso é essencial — em comprimil-os contra uma toalha de papel, removendo, desse modo, todo e qualquer excesso.

Se todas as mulheres seguirem á risca estes meus conselhos, tenho certeza absoluta de que não terão necessidade alguma de retocar a maquilagem.

Só reconhece um beneficio aquelle que o merece. — E. Blasco

47 annos

Pleno declínio. A vida está no occaso.
Brilham-me uns fios brancos na cabeça.
Venha, pois, desta vida o fim do prazo,
Para que eu nasça, novamente, e cresça.

Cresça, reincarnado em corpo são,
Sentindo o sangue estuar em cada veia,
Tendo o cerebro forte e o coração
Cheio de amôr, de amôr a alma cheia.

Cresça e viva cercado de abastança,
Inimigo do jogo e da ebriz,ez,
Trazendo o gesto sóbrio, a fala mansa,
E o caracter moldado na altivez

E assim feliz, desfructe a mocidade,
Para, ao chegar ao termo da outra vida,
Não ter a grande magua que me invade,
Nesta existencia longa e mal vivida !

Porque a existencia actual é soffrimento,
Pobreza, enfermidade, vexação !
Enche-me os dias de aborrecimento
E de tristeza a alma e o coração.

Deixá-la, pois, desejo, e, sem demora,
Voltar á Terra que attractivos tem,
Para ter melhor vida — curta embora,—
Pois, "viver muito, é viver pouco e bem".

Quero ouvir, outra vez, cantar-me nalma
Todo um hymnario de illusões ! Espero
Que reverdeça ao meu olhar a palma
Das esperanças ! Novos sonhos quero !

Mas alem disso tudo quanto almejo,
Para não estiolar a mocidade,
Quero viver e amar sob o lampejo
Do sol que aquece a vida — a liberdade !

E, assim feliz de todo, assim vivendo,
Sob a mais ampla e plena liberdade,
No dia em que de novo eu fôr morrendo,
Da vida, então, hei de levar saudade.

APOLINARIO DE CARVALHO

S. Luiz, 23/Julho/1934.

NOSSA CAPA

A photographia, que serviu para a capa do presente numero de ATHENAS nos foi, gentilmente, cedida pelo jovem Raymundo Fernandes, que empresta as suas actividades no "atelier" da Photo-Berlim.

E' uma bello photographia, que bem recommenda o seu artista.

RITTA BEZERRA



Em plena juventude, quando os melhores encantos da vida lhe inebriavam, a alma povoada de sonhos côr-de-rosa, feriu-na a morte, enchendo de lucto e de amarguza o lar de seus paes dr. Flavio Bezerra e d. Georgina Bezerra.

Ritta Bezerra, que falleceu, em Belem do Pará, no dia 12 de junho ultimo, era grandemente estinada em nossa sociedade por innumeradas amiguinhas e pessôas da amizade de sua familia.

Athenas faz o presente registro com muito pesar pelo deploravel acontecimento.

47 annos

Pleno declínio. A vida está no occaso.
Brilham-me uns fios brancos na cabeça.
Venha, pois, desta vida o fim do prazo,
Para que eu nasça, novamente, e cresça.

Cresça, reincarnado em corpo são,
Sentindo o sangue estuar em cada veia,
Tendo o cerebro forte e o coração
Cheio de amôr, de amôr a alma cheia.

Cresça e viva cercado de abastança,
Inimigo do jogo e da ebrîez,
Trazendo o gesto sóbrio, a fala mansa,
E o caracter moldado na altivez

E assim feliz, desfructe a mocidade,
Para, ao chegar ao termo da outra vida,
Não ter a grande magua que me invade,
Nesta existencia longa e mal vivida !

Porque a existencia actual é soffrimento,
Pobreza, enfermidade, vexação !
Enche-me os dias de aborrecimento
E de tristeza a alma e o coração.

Deixá-la, pois, desejo, e, sem demora,
Voltar á Terra que attractivos tem,
Para ter melhor vida — curta embora,—
Pois, “viver muito, é viver pouco e bem”.

Quero ouvir, outra vez, cantar-me nalma
Todo um hymnario de illusões ! Espero
Que reverdeça ao meu olhar a palma
Das esperanças ! Novos sonhos quero !

Mas alem disso tudo quanto almejo,
Para não estiolar a mocidade,
Quero viver e amar sob o lampejo
Do sol que aquece a vida — a liberdade !

E, assim feliz de todo, assim vivendo,
Sob a mais ampla e plena liberdade,
No dia em que de novo eu fôr morrendo,
Da vida, então, hei de levar saudade.

APOLINARIO DE CARVALHO

S. Luiz, 23/Julho/1934.

NOSSA CAPA

A photographia, que serviu para a capa do presente numero de ATHENAS nos foi, gentilmente, cedida pelo jovem Raymundo Fernandes, que empresta as suas actividades no “atelier” da Photo-Berlim.

E' uma bello photographia, que bem recommenda o seu artista.

RITTA BEZERRA



Em plena juventude, quando os melhores encantos da vida lhe inebriavam, a alma povoada de sonhos côr-de-rosa, feriu-na a morte, enchendo de lucto e de amarguira o lar de seus paes dr. Flavio Bezerra e d. Georgina Bezerra.

Ritta Bezerra, que falleceu, em Belem do Pará, no dia 12 de junho ultimo, era grandemente estinada em nossa sociedade por innumeradas amiguinhas e pessôas da amizade de sua familia.

Athenas faz o presente registro com muito pesar pelo deploravel acontecimento.



CANHENHO SOCIAL

Dr. Clodoaldo Cardoso — A data de 7 de Agosto assignala a passagem do anniversario na-

e elemento de destaque na sociedade local.

Seus amigos levar-lhe-ão, como sempre, os cumprimentos e homenagens que lhe são devidos.

natalicio e festejado escripto conferraneo dr. Clarindo Sa



Senhorita Christina Pires — Deflue, a 13 de Agosto, a data genetiaca da senhorita Christina Pires, professora normalista, e filha do nosso director sr. J. Pires. Figura de realce na sociedade sanluizense, a gentil anniversariante receberá effusivas felicitações de suas numerosas amiguinhas.

Luiz Albuquerque Maranhão — Transcorre, a 10 de Agosto, o anniversario natalicio do sr. Luiz Albuquerque Maranhão, digno inspector da Alfandega



talicio do sr. dr. Clodoaldo Cardoso, digno Director de Fazenda e uma das mais illustres personalidades da actual administração maranhense.

Figura de realce na sociedade sanluizense, o distincto natalicente receberá, por motivo do grato evento, effusivas demonstrações de consideração e estima, de quantos o conhecem e admiram.



José Rocha — Para os que trabalham em **Athenas** e n' **O Imparcial**, a data de 11 de Agosto se enche de alegrias, por motivo do anniversario natalicio de nosso confrade José Alcides dos Santos Rocha, operoso inspector da Empresa Constructora Universal Ltda.,

neste Estado. Bastante considerado e estimado no seio da classe fazendaria e na sociedade maranhense, o digno anniversariante receberá, nesse dia, innumeras provas de apreço e sympathias.

Dr. Clarindo Santiago — A 12 de Agosto festejará o seu

tiago, figura de destaque do nosso meio intelectual.

Seus amigos e admiradores prestar-lhe-ão expressivas homenagens.

Desor. Teixeira Junior

Completa annos, a 20 de Agosto, o sr. desor. Joaquim Teixeira Junior, illustre membro do Tribunal de Appellação do Estado e elemento de valor do nosso meio social. Figura bastante acatada pelos seus concitadanos, o digno anniversariante ver-se-á a'ivo, nesse dia, de expressivas manifestações de apreço, por parte de seus numerosos amigos e admiradores.

Sra. Tancredo Mattos — Completa, a 16 de Agosto, o seu anniversario natalicio da exte



CANHENHO SOCIAL

Dr. Clodoaldo Cardoso — A data de 7 de Agosto assignala a passagem do anniversario na-

e elemento de destaque na sociedade local.

Seus amigos levar-lhe-ão, como sempre, os cumprimentos e homenagens que lhe são devidos.

natalicio e festejado escripto conferraneo dr. Clarindo Sa



Senhorita Christina Pires — Deflue, a 13 de Agosto, a data genetiaca da senhorita Christina Pires, professora normalista, e filha do nosso director sr. J. Pires. Figura de realce na sociedade sanluizense, a gentil anniversariante receberá effusivas felicitações de suas numerosas amiguinhas.

Luiz Albuquerque Maranhão — Transcorre, a 10 de Agosto, o anniversario natalicio do sr. Luiz Albuquerque Maranhão, digno inspector da Alfandega



talicio do sr. dr. Clodoaldo Cardoso, digno Director de Fazenda e uma das mais illustres personalidades da actual administração maranhense.

Figura de realce na sociedade sanluizense, o distincto natalicente receberá, por motivo do grato evento, effusivas demonstrações de consideração e estima, de quantos o conhecem e admiram.



José Rocha — Para os que trabalham em **Athenas** e n' **O Imparcial**, a data de 11 de Agosto se enche de alegrias, por motivo do anniversario natalicio de nosso confrade José Alcides dos Santos Rocha, operoso inspector da Empresa Constructora Universal Ltda.,

neste Estado. Bastante considerado e estimado no scio da classe fazendaria e na sociedade maranhense, o digno anniversariante receberá, nesse dia, innumeras provas de apreço e sympathias.

Dr. Clarindo Santiago — A 12 de Agosto festejará o seu

tiago, figura de destaque do nosso meio intelectual.

Seus amigos e admiradores prestar-lhe-ão expressivas homenagens.

Desor. Teixeira Junior

Completa annos, a 20 de Agosto, o sr. desor. Joaquim Teixeira Junior, illustre membro do Tribunal de Appellação do Estado e elemento de valor do nosso meio social. Figura bastante acatada pelos seus concitadanos, o digno anniversariante ver-se-á a'ivo, nesse dia, de expressivas manifestações de apreço, por parte de seus numerosos amigos e admiradores.

Sra. Tancredo Mattos — Corre, a 16 de Agosto, o anniversario natalicio da exm

sra. d. Esther Mattos, digna esposa do nosso distinto amigo, sr. Tancredo Mattos, socio da firma Joao Victor de Mattos & Cia., desta praça.

Dr. Luiz Carvalho -- Vê passar, a 25 de Agosto, a sua data natalicia, o sr. dr. Luiz Carvalho, conceituado advogado no Forum local e figura realçante na sociedade sanluizense.

Senhorita Filomena Serra -- Regista, a 27 de Agosto, a passagem da data natalicia da graciosa senhorita Filomena Serra, filha do sr. prof. Joaquim Serra, e mãe do nosso committente confrade padre Astolpho Serra.

Dr. Armando Vicira da Silva
O 30 de agosto assignalará o



transcurso do anniversario natalicio do renomado escriptor

maranhense, dr. Armando Vicira da Silva, illustre presidente da Academia Maranhense de Letras e do Sindicato Maranhense de Imprensa.

Por esse motivo receberá o distinto maranhense as mais vivas demonstrações de apreço da sociedade maranhense.

Athenas antecipa ao festejado bellietrista os seus parabens.

Sra. Aluizio Moura -- Assiste, a 25 de Agosto, á passagem do seu anniversario natalicio, a exma. sra. d. Sophia Moura, digna esposa do sr. cel. Aluizio Moura brioso commandante da Força Policial do Estado. A distincta anniversariante, ejaos

HOMENAGEM AO GENERAL EDGARD FACÓ



O exmo. sr. Interventor Federal interino, dr. Albuquerque Alencar, offereceu no dia 22 do mez corrente, em nome do governo do Estado, um almoço intimo ao exmo. sr. general Edgard Facó, novo Commandante da 8.^a Região Militar e sua exma. familia. Participaram dessa homenagem ao illustre soldado, s. excia. o sr. Interventor interino e sua exma. esposa, Major Walter Ferreira, ex-commandante do 24 B/C. tenente-coronel Aluizio Moura, commandante da Força Policial do Estado, e todos os auxiliares da administração publica

sra. d. Esther Mattos, digna esposa do nosso distinto amigo, sr. Tancredo Mattos, socio da firma Joao Victor de Mattos & Cia., desta praça.

Dr. Luiz Carvalho -- Vê passar, a 25 de Agosto, a sua data natalicia, o sr. dr. Luiz Carvalho, conceituado advogado no Forum local e figura realçante na sociedade sanluizense.

Senhorita Filomena Serra -- Regista, a 27 de Agosto, a passagem da data natalicia da graciosa senhorita Filomena Serra, filha do sr. prof. Joaquim Serra, e mãe do nosso benemerente confrade padre Astolpho Serra.

Dr. Armando Vicira da Silva
O 30 de agosto assinalará o



transcurso do anniversario natalicio do renomado escriptor

maranhense, dr. Armando Vicira da Silva, illustre presidente da Academia Maranhense de Letras e do Sindicato Maranhense de Imprensa.

Por esse motivo receberá o distinto maranhense as mais vivas demonstrações de apreço da sociedade maranhense.

Athenas antecipa ao festejado bellietrista os seus parabens.

Sra. Aluizio Moura -- Assiste, a 25 de Agosto, a passagem do seu anniversario natalicio, a exma. sra. d. Sophia Moura, digna esposa do sr. cel. Aluizio Moura brioso commandante da Força Policial do Estado. A distincta anniversariante, ejaos

HOMENAGEM AO GENERAL EDGARD FACÓ



O exmo. sr. Interventor Federal interino, dr. Albuquerque Alencar, offereceu no dia 22 do mez corrente, em nome do governo do Estado, um almoço intimo ao exmo. sr. general Edgard Facó, novo Commandante da 8.^a Região Militar e sua exma. familia. Participaram dessa homenagem ao illustre soldado, s. excia. o sr. Interventor interino e sua exma. esposa, Major Walter Ferreira, ex-commandante do 24 B/C. tenente-coronel Aluizio Moura, commandante da Força Policial do Estado, e todos os auxiliares da administração publica

dotes de espirito e coração a fazem credora de todas homenagens de nossa sociedade. será bastante felicitada pelo transcurso do auspicioso evento.

Athenas envia-lhe respeitosaos cumprimentos, extensivos ao seu digno esposo.

Assis Garrido — Anniversaria-se, a 14 de Agosto, o festejado poeta Assis Garrido, da



Academia Maranhense de Letras, á qual empresta o brilho de seu fulgurante talento.

Funcionario da Alfandega local e elemento de relevo em nosso meio social, o consagrado intellectual será bastante cumprimentado por esse auspicioso evento.



Maria do Socorro, interessante filhinha do dr. **Clementino de Moura**, num de seus passeios matinaes, num sitio do interior do Piauhy

Avalia-se o grau de cultura de um individuo pela sua educação hygienica — **Belizario Penna**

Lages & Comp.

ESPECIALISTAS EM FAZENDAS, ESTIVAS E MIUDEZAS POR ATACADO

— Comissões e Consignações —

TELEPHONE 1745 — Telegramma — I N O S A D E

RUA PORTUGAL, 303 — S. LUIZ—MARANHÃO

dotes de espirito e coração a fazem credora de todas homenagens de nossa sociedade. será bastante felicitada pelo transcurso do auspicioso evento.

Athenas envia-lhe respeitosaos cumprimentos, extensivos ao seu digno esposo.

Assis Garrido — Anniversaria-se, a 14 de Agosto, o festejado poeta Assis Garrido, da



Academia Maranhense de Letras, á qual empresta o brilho de seu fulgurante talento.

Funcionario da Alfandega local e elemento de relevo em nosso meio social, o consagrado intellectual será bastante cumprimentado por esse auspicioso evento.



Maria do Socorro, interessante filhinha do dr. **Clementino de Moura**, num de seus passeios matinaes, num sitio do interior do Piauhy

Avalia-se o grau de cultura de um individuo pela sua educação hygienica — **Belizario Penna**

Lages & Comp.

ESPECIALISTAS EM FAZENDAS, ESTIVAS E MIUDEZAS POR ATACADO

— Comissões e Consignações —

TELEPHONE 1745 — Telegramma — I N O S A D E

RUA PORTUGAL, 303 — S. LUIZ—MARANHÃO

D. ANNIQUINHA

REGISTRO SETORIAL

PERIÓDICO

LOCAÇÃO

437

16 / 07 / 91

Valerio Santiago

Eu a conheci, nos meus tempos de estudante. Era uma otogenaria, baixa e gorda, de olhos azues, de rosto redondo, pelle engelhada, e avermelhada, cabellos meio brancos, meio amarellos desmaiados. Ainda tinha bom dentes, miudos e limpos. Andava com dificuldade, arrastando uns sapatos pretos, pesados, de couro grosso. Sempre a vi de preto. Casaco curto, sem gola, saia larga, um pouco acima dos tornozelos, mostrando as meias brancas. Frequentemente ia lá em casa conversar com a minha mãe e a minha avó. Meu pae olhava-a com desconfiança e não se lhe approximava. Nunca soube por que meu pai não a via bem. Si ella entrava para a varanda, nem sempre achava um geito de vir para a sala. Si entrava para sala, meu pai no mesmo instante se levantava e ia para varanda, sem articular palavra. Minha mãe e minha avó não gostavam desses gestos de meu pai, e lançavam-lhe, nessas ocasiões, olhares furiosos, que meu pai revidava com um sorriso frio e mordaz.

D. Anniquinha comprehendia tudo, mas não se manifestava a respeito. Eu pelo menos nunca lhe ouvia pronunciar uma palavra a respeito.

Meu irmão, mais velho do que eu, não a tolerava.

Chamava-lhe de velha cabulosa e que não se cançava de falar mal da vida alheia, e de pôr defeitos em toda gente.

Ella, por sua vez, pagava-lhe na mesma moeda. Quando tinha oportunidade de o ver, dizia á minha mãe:

—Catharina, ó Catharina! como esse teu filho sahiu com esta côr de jussara!

Meu irmão rugia de colera, mas não podia responder-lhe. Eu não me continha, e ria. Minha mãe ralhava-me com aspereza. Minha avó, com suavidade. Meu irmão ficava enfesado o resto do dia e entrava pela noite. Quando ficava só, elle me dizia:

—E si eu respondesse: Cuide com a sua casa, sua barata descascada!

D. Anniquinha quando nos apparecia, pela manhã, almoçava. Quando era á tarde, jantava. Si

o café demorava, ella não deixava de perguntar: —Não se toma café, hoje, nesta casa?

—Estou passando, respondia minha mãe cosinha.

Momentos depois lá vinha o café, fumegando numa tigela respeitavel.

A's vezes, pedia farinha d'agua, bem caroa. Bem caroçada não havia em casa.

—Manda comprar, Catharina. Ahi na esquina quitanda do Lessa, tem uma farinha caroda, bem amarellinha.

E lá ia eu comprar a farinha caroçada então o meu irmão, que sahia pelo corredor treito, dando ponta-pés até nas sombras, e via com uma cara que devia fazer medo ao dia.

—O que mais me aborrece não é ir com a farinha. São os gritos de minha mãe e de minha avó:

—Depressa, Raymundo! Depressa com a farinha!

Acostumei-me com as visitas de d. Anniquinha, e não sei por que fiquei possuido de grande piedade por ella. Não sei se foi por lhe ver vezes correr, pelo rosto, silenciosas, algumas grimas furtivas, que ella, com as mãos caruncosas e tremulas procurava limpar com o lenço, tirava do côes da saia.

Andava então pelo meu terceiro anno do ceu. Ha quantos annos d. Anniquinha frequentava a nossa casa? Quando me entendi, já a contrei na intimidade de minha mãe e de meu avó!

E perguntava a mim mesmo: — Onde é a casa de d. Anniquinha? Os seus parentes? De que vive? Aguilhoou-me a curiosidade, e á sua presença, essas perguntas fazia a mim mesmo. achei que não me era difficil entrar no conhecimento de sua vida. Porque ao contrario do que se dava com o meu irmão a velhinha me olhava com amizade. Chamava-me para perguntar pelas minhas notas, pelo meu aproveitamento, pela minha situação junto dos meus professores. Era uma entrada, de que ainda não me tinha aproveitado. Limitava-me apenas a responder. Mas o

D. ANNIQUINHA

REGISTRO SETORIAL

PERIÓDICO

LOCAÇÃO

437

16 / 07 / 91

Valerio Santiago

Eu a conheci, nos meus tempos de estudante. Era uma otogenaria, baixa e gorda, de olhos azues, de rosto redondo, pelle engelhada, e avermelhada, cabellos meio brancos, meio amarellos desmaiados. Ainda tinha bom dentes, miudos e limpos. Andava com dificuldade, arrastando uns sapatos pretos, pesados, de couro grosso. Sempre a vi de preto. Casaco curto, sem gola, saia larga, um pouco acima dos tornozelos, mostrando as meias brancas. Frequentemente ia lá em casa conversar com a minha mãe e a minha avó. Meu pae olhava-a com desconfiança e não se lhe approximava. Nunca soube por que meu pai não a via bem. Si ella entrava para a varanda, nem sempre achava um geito de vir para a sala. Si entrava para sala, meu pai no mesmo instante se levantava e ia para varanda, sem articular palavra. Minha mãe e minha avó não gostavam desses gestos de meu pai, e lançavam-lhe, nessas ocasiões, olhares furiosos, que meu pai revidava com um sorriso frio e mordaz.

D. Anniquinha comprehendia tudo, mas não se manifestava a respeito. Eu pelo menos nunca lhe ouvia pronunciar uma palavra a respeito.

Meu irmão, mais velho do que eu, não a tolerava.

Chamava-lhe de velha cabulosa e que não se cansava de falar mal da vida alheia, e de pôr defeitos em toda gente.

Ella, por sua vez, pagava-lhe na mesma moeda. Quando tinha oportunidade de o ver, dizia á minha mãe:

—Catharina, ó Catharina! como esse teu filho sahiu com esta côr de jussara!

Meu irmão rugia de colera, mas não podia responder-lhe. Eu não me continha, e ria. Minha mãe ralhava-me com aspereza. Minha avó, com suavidade. Meu irmão ficava enfesado o resto do dia e entrava pela noite. Quando ficava só, elle me dizia:

—E si eu respondesse: Cuide com a sua casa, sua barata descascada!

D. Anniquinha quando nos apparecia, pela manhã, almoçava. Quando era á tarde, jantava. Si

o café demorava, ella não deixava de perguntar:

—Não se toma café, hoje, nesta casa?

—Estou passando, respondia minha mãe cosinha.

Momentos depois lá vinha o café, fumegando numa tigela respeitavel.

A's vezes, pedia farinha d'agua, bem caroa. Bem caroçada não havia em casa.

—Manda comprar, Catharina. Ahi na esquina quitanda do Lessa, tem uma farinha caroa, bem amarellinha.

E lá ia eu comprar a farinha caroçada, então o meu irmão, que sahia pelo corredor de treito, dando ponta-pés até nas sombras, e vinha com uma cara que devia fazer medo ao dia.

—O que mais me aborrece não é ir com a farinha. São os gritos de minha mãe e de minha avó:

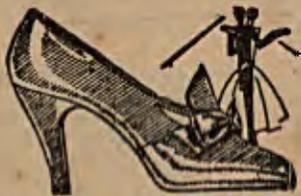
—Depressa, Raymundo! Depressa com a farinha!

Acostumei-me com as visitas de d. Anniquinha, e não sei por que fiquei possuido de grande piedade por ella. Não sei se foi por lhe ver vezes correr, pelo rosto, silenciosas, algumas grimas furtivas, que ella, com as mãos caruncosas e tremulas procurava limpar com o lenço, tirava do côes da saia.

Andava então pelo meu terceiro anno do ceu. Ha quantos annos d. Anniquinha frequentava a nossa casa? Quando me entendi, já a contrei na intimidade de minha mãe e de meu avó!

E perguntava a mim mesmo: — Onde é a casa de d. Anniquinha? Os seus parentes? De que vive? Aguilhouo-me a curiosidade, e á sua presença, essas perguntas fazia a mim mesmo. achei que não me era difficil entrar no conhecimento de sua vida. Porque ao contrario do que se dava com o meu irmão a velhinha me olhava com amizade. Chamava-me para perguntar pelas minhas notas, pelo meu aproveitamento, pela minha situação junto dos meus professores. Era uma entrada, de que ainda não me tinha aproveitado. Limitava-me apenas a responder. Mas o

A EXPOSIÇÃO



salienta em triumpho
as novidades

“ROBALINHO”

o melhor calçado do Brasil

pois que o demonio da curiosidade começou a tentar-me, planejei o assalto á sua vida reservada.

E uma tarde, chuvosa, depois do jantar, aproveitando-me de sua aflição, que augmentava, á medida que a noite se approximava, aventurei:

—Onde d. Anniquinha mora?

—Na casa de minhas primas, lá no fundo da rua de S. Pantaleão.

Vou chegar hoje toda molhada, Santo Deus!

Ha pouca luz nas ruas do bairro e as ruas são mal calçadas. Pelo inverno empoçam. Quem não enxerga bem, mette os pés dentro de charcos!

E depois de uma pausa:

—Enfim, será o que Deus quizer!

Parece que a chuva a ouviu, pois recrudescceu, acompanhada de relampago e trovões. Tempestade. Minha avó levantou-se de sua cadeira predilecta na varanda. Era o signal. Todos se levantaram e acompanharam minha avó. Entramos para a alcova. Minha mãe afastou a lamparina, e acendeu duas velas de stearina que tirou de um pacote verde, collocado no alto da caixa do santuario. Ajoelhamos todos. E todos começamos a rezar.

D. Anniquinha sabia rezar e tinha boa voz. Sua dição, se não fóra o tremor de voz, seria optima. Resava de mãos postas, ajoelhada, com os olhos voltados para o ceu.

Meu pai, de pé, atrás de todos, não resava, mas estava silencioso e pela expressão de seu rosto comprehendí que estava constricto.

Pelas dez horas a chuva estiou. Espacejavam os relampagos, menos violaceos. E o trovão rolou soturno mais longe.

D. Anniquinha, resmungando, contrariada consigo mesmo, teve que dormir em nossa casa. Meu pai teve que sahir de seus commodos. Foi

dormir na varanda, que não era rotulada.

Eu e o Raymundo dormimos na sala. De minha rede, ouvia d. Anniquinha conversar:

—Si me dissessem, quando mocinha, na casa de meus pais que havia de me acabar assim, não acreditaria!

Seis mezes depois d. Anniquinha adoeceu seriamente e minha mãe ordenou-me um domingo, pela manhã fosse visita-la. Intimamente exultei. Ia saber todo o segredo daquela vida. Nossas relações já estavam mais cordiaes. Ella já me falava como a um parente de sua estima. Não esperei á segunda ordem. Depois do almoço ajantatado, eis-me a caminho. Pelas indicações de minha mãe fui direito á casa que era quase ao fim da rua, uma meia morada baixa, acachapada, carunchosa como d. Anniquinha.

Recebeu-me no corredor uma mulata velha, de voz de taboca rachada, de olhar estrabico, magra e alta, que falava e tossia ao mesmo tempo.

—D. Anniquinha?...

—Está doente. Não pode falar. Diga o que é.

—Diga-lhe que o filho de Babá que vem visita-la.

A mulata levantou o busto, segurando-se numa das folhas da porta. Sorriu e gritou para dentro:

—Venham ver o filho da Babá!

E afastou-se para eu passar.

Duas brancas velhas como d. Anniquinha vieram ao meu encontro no corredor. Pelo aspecto da physionomia, pelo porte, pelo andar mostravam ainda que tinham sido bonitas em tempo de antanho. Cumprimentei-as com a cabeça, mas me estenderam a mão, satisfeitas.

—Sente-se.

A EXPOSIÇÃO



salienta em triumpho
as novidades

“ROBALINHO”

o melhor calçado do Brasil

pois que o demonio da curiosidade começou a tentar-me, planejei o assalto á sua vida reservada.

E uma tarde, chuvosa, depois do jantar, aproveitando-me de sua aflição, que augmentava, á medida que a noite se approximava, aventurei:

—Onde d. Anniquinha mora?

—Na casa de minhas primas, lá no fundo da rua de S. Pantaleão.

Vou chegar hoje toda molhada, Santo Deus!

Ha pouca luz nas ruas do bairro e as ruas são mal calçadas. Pelo inverno empoçam. Quem não enxerga bem, mette os pés dentro de charcos!

E depois de uma pausa:

—Enfim, será o que Deus quizer!

Parece que a chuva a ouviu, pois recrudescceu, acompanhada de relampago e trovões. Tempestade. Minha avó levantou-se de sua cadeira predilecta na varanda. Era o signal. Todos se levantaram e acompanharam minha avó. Entramos para a alcova. Minha mãe afastou a lamparina, e acendeu duas velas de stearina que tirou de um pacote verde, collocado no alto da caixa do santuario. Ajoelhamos todos. E todos começamos a rezar.

D. Anniquinha sabia rezar e tinha boa voz. Sua dição, se não fóra o tremor de voz, seria optima. Resava de mãos postas, ajoelhada, com os olhos voltados para o ceu.

Meu pai, de pé, atrás de todos, não resava, mas estava silencioso e pela expressão de seu rosto comprehendí que estava constricto.

Pelas dez horas a chuva estiou. Espacejavam os relampagos, menos violaceos. E o trovão rolou soturno mais longe.

D. Anniquinha, resmungando, contrariada consigo mesmo, teve que dormir em nossa casa. Meu pai teve que sahir de seus commodos. Foi

dormir na varanda, que não era rotulada.

Eu e o Raymundo dormimos na sala. De minha rede, ouvia d. Anniquinha conversar:

—Si me dissessem, quando mocinha, na casa de meus pais que havia de me acabar assim, não acreditaria!

Seis mezes depois d. Anniquinha adoeceu seriamente e minha mãe ordenou-me um domingo, pela manhã fosse visita-la. Intimamente exultei. Ia saber todo o segredo daquela vida. Nossas relações já estavam mais cordiaes. Ella já me falava como a um parente de sua estima. Não esperei á segunda ordem. Depois do almoço ajantatado, eis-me a caminho. Pelas indicações de minha mãe fui direito á casa que era quase ao fim da rua, uma meia morada baixa, acachapada, carunchosa como d. Anniquinha.

Recebeu-me no corredor uma mulata velha, de voz de taboca rachada, de olhar estrabico, magra e alta, que falava e tossia ao mesmo tempo.

—D. Anniquinha?...

—Está doente. Não pode falar. Diga o que é.

—Diga-lhe que o filho de Babá que vem visita-la.

A mulata levantou o busto, segurando-se numa das folhas da porta. Sorriu e gritou para dentro:

—Venham ver o filho da Babá!

E afastou-se para eu passar.

Duas brancas velhas como d. Anniquinha vieram ao meu encontro no corredor. Pelo aspecto da physionomia, pelo porte, pelo andar mostravam ainda que tinham sido bonitas em tempo de antanho. Cumprimentei-as com a cabeça, mas me estenderam a mão, satisfeitas.

—Sente-se.

Occupei a primeira cadeira á esquerda da mesa ántar.

A varanda era bem composta. Mobilia de outros tempos, mas bem conservada. Muito asseio e limpeza.

Sentaram-se defronte de mim.

Chamavam-se Amelia e Justina. Respectivamente 64 e 66 annos. Ambas de olhos macerados e gras. Disfarçavam a expressão de dôr, com um sorriso bem arranjado e com os casacos bem postos e as saias bem moldadas. Do outro lado da sala uma machina "New-Home", bastante moderna. Em derredor da machina, retalhos de pano.

Compreendi que eram costureiras de suas passas. Era o regime da poupança.

—Que rapagão! disse d. Amelia, apontando para a sua irman.

—Parece com o dr. Nogueira.

—Quem é o dr. Nogueira? perguntei, com simplicidade, amaciando a voz.

—O senhor não conheceu. Era o noivo de Anniquinha.

—Ah! d. Anniquinha teve noivo?

—Todas nós tivemos noivo, respondeu d. Justina. O de Anniquinha era o seu typo, assim de resto do senhor com esse seu geito e suas maneiras. O senhor é uma copia.

—Nunca ouvi falar em dr. Nogueira.

—Claro que sim. Ha quantos annos foi isto! a mãe, sua avó e seu pai o conheceram muito bem.

Nunca lhe falaram no dr. Nogueira!

Entreolharam-se, intelligentemente.

—Ha algum motivo para isso?

D. Amelia para d. Justina:

—Como elle pegou a garça no ar!

E riram.

—Não ha creia motivo algum, disse d. Justina.

Lembramo-nos que seu pai não gostava do

dr. Nogueira, porque, um dia, foi tomar gosto

com a Babá. O senhor sabe o que são os homens.

Babá contou a seu pai...

—E seu pai que era muito genioso e

impetuo quiz matar o dr. Nogueira. Agre-

di-o no seu escriptorio, uma manhã. Por

elicidade meu pai estava lá, e como era ami-

go de seu Manuel, conseguiu acabar com a

questão. Afinal o dr. Nogueira não sabia quem

era Babá e seu pai acceitou as desculpas, mas nun-

ca mais falou com o dr. Nogueira, que enquanto

viveu recebeu uma aggressão de seu pai, que era

um homem perigoso. Não leve a mal...

—Mas nesse tempo o dr. Nogueira ainda não

era noivo de Anniquinha, accrescentou d. Amelia.

A esse tempo a mulata que desaparecera

com a minha entrada para a varanda, voltou do

interior de casa:...

—Sinhá Anniquinha manda dizer ao filho de Babá para entrar.

As duas irmans levantaram-se commigo, e fizeram-me ir á frente até á porta do segundo quarto do correr.

—Entre, disse de dentro d. Anniquinha.

As duas irmans entraram commigo.

A doente estava acamada, envolta num grande lençol. D. Amelia sentou-se numa rêde armada num canto. Eu numa cadeira de embalo, em frente da doente e d. Justina á beira da cama.

Não tive tempo de perguntar qual a sua doença porque d. Justina continuou a conversa.

—Estavamos falando de ti, de teu noivado com o dr. Nogueira.

—Seria melhor que vocês contassem os noivados de vocês.

E eu interessado no caso de d. Anniquinha:

—Mas já que a senhora começou a contar o noivado de d. Anniquinha, chegue ao fim.

—Como não? O casamento não se realizou porque nossa familia era muito rica, muito bem collocada, e muito orgulhosa. O dr. Nogueira tinha defeitos — não era branco e era pobre! O pai della e meu pai fizeram ao dr. Nogueira uma guerra tão grande que elle foi obrigado a sahir d'aqui, de carreira, para S. Paulo, onde hoje é milionario e está educando os netos. E Anniquinha não prestou mais para nada!

—Como vocês também!

—E a senhora por que não casou? perguntou a d. Justina.

—Porque o homem que queria casar commigo era um taverneiro portuguez. Para nossos paes, como para todas as familias fidalgas do Maranhão taverneiro não era gente, e portuguez sem instrucção não tinha guarida. Era como se fosse um animal.

—Era um portuguez bonito! exclamou d. Amelia.

—Mas de que servia a bellezã? Era o que não valia nada para elles. A moça que se casasse com um taverneiro portuguez deshonrava a familia!

—Tanto rigor! E a senhora d. Justina?

—Eu gostava de um rapaz do Itapecurú. Era lavrador e filho de um lavrador. Caiu na pateite de um domingo ir ver-me para ser apresentado ao papá, que aliás estava bem impressionado com elle, pelo typo. Era um rapaz branco, alourado.

—E depois?

—Depois! Tenho até vergonha de contar ao senhor!

—Mas eu conto disse d. Anniquinha. Quando começou a falar com o titio começou a dizer asneiras! Durante uma hora só falou em vacas e cavallos de selas! E levanta-se a cada momento

Occupei a primeira cadeira á esquerda da mesa ántar.

A varanda era bem composta. Mobilia de outros tempos, mas bem conservada. Muito asseio e limpeza.

Sentaram-se defronte de mim.

Chamavam-se Amelia e Justina. Respectivamente 64 e 66 annos. Ambas de olhos macerados e gras. Disfarçavam a expressão de dôr, com um sorriso bem arranjado e com os casacos bem postos e as saias bem moldadas. Do outro lado da sala uma machina "New-Home", bastante moderna. Em derredor da machina, retalhos de pano.

Compreendi que eram costureiras de suas passas. Era o regime da poupança.

—Que rapagão! disse d. Amelia, apontando para a sua irman.

—Parece com o dr. Nogueira.

—Quem é o dr. Nogueira? perguntei, com simplicidade, amaciando a voz.

—O senhor não conheceu. Era o noivo de Anniquinha.

—Ah! d. Anniquinha teve noivo?

—Todas nós tivemos noivo, respondeu d. Justina. O de Anniquinha era o seu typo, assim de resto do senhor com esse seu jeito e suas maneiras. O senhor é uma copia.

—Nunca ouvi falar em dr. Nogueira.

—Claro que sim. Ha quantos annos foi isto! A mãe, sua avó e seu pai o conheceram muito bem.

Nunca lhe falaram no dr. Nogueira!

Entreolharam-se, intelligentemente.

—Ha algum motivo para isso?

D. Amelia para d. Justina:

—Como elle pegou a garça no ar!

E riram.

—Não ha creia motivo algum, disse d. Justina.

Lembramo-nos que seu pai não gostava do

dr. Nogueira, porque, um dia, foi tomar gosto

com a Babá. O senhor sabe o que são os homens.

Babá contou a seu pai...

—E seu pai que era muito genioso e

impetuo quiz matar o dr. Nogueira. Agre-

di-o no seu escriptorio, uma manhã. Por

elicidade meu pai estava lá, e como era amigo

de seu Manuel, conseguiu acabar com a

questão. Afinal o dr. Nogueira não sabia quem

era Babá e seu pai acceitou as desculpas, mas nunca

mais falou com o dr. Nogueira, que enquanto

viveu recebeu uma aggressão de seu pai, que era

um homem perigoso. Não leve a mal...

—Mas nesse tempo o dr. Nogueira ainda não

era noivo de Anniquinha, accrescentou d. Amelia.

A esse tempo a mulata que desaparecera

com a minha entrada para a varanda, voltou do

interior de casa:...

—Sinhá Anniquinha manda dizer ao filho de Babá para entrar.

As duas irmans levantaram-se commigo, e fizeram-me ir á frente até á porta do segundo quarto do correr.

—Entre, disse de dentro d. Anniquinha.

As duas irmans entraram commigo.

A doente estava acamada, envolta num grande lençol. D. Amelia sentou-se numa rêde armada num canto. Eu numa cadeira de embalo, em frente da doente e d. Justina á beira da cama.

Não tive tempo de perguntar qual a sua doença porque d. Justina continuou a conversa.

—Estavamos falando de ti, de teu noivado com o dr. Nogueira.

—Seria melhor que vocês contassem os noivados de vocês.

E eu interessado no caso de d. Anniquinha:

—Mas já que a senhora começou a contar o noivado de d. Anniquinha, chegue ao fim.

—Como não? O casamento não se realizou porque nossa familia era muito rica, muito bem collocada, e muito orgulhosa. O dr. Nogueira tinha defeitos — não era branco e era pobre! O pai della e meu pai fizeram ao dr. Nogueira uma guerra tão grande que elle foi obrigado a sahir d'aqui, de carreira, para S. Paulo, onde hoje é milionario e está educando os netos. E Anniquinha não prestou mais para nada!

—Como vocês também!

—E a senhora por que não casou? perguntou a d. Justina.

—Porque o homem que queria casar commigo era um taverneiro portuguez. Para nossos paes, como para todas as familias fidalgas do Maranhão taverneiro não era gente, e portuguez sem instrucção não tinha guarida. Era como se fosse um animal.

—Era um portuguez bonito! exclamou d. Amelia.

—Mas de que servia a bellezã? Era o que não valia nada para elles. A moça que se casasse com um taverneiro portuguez deshonrava a familia!

—Tanto rigor! E a senhora d. Justina?

—Eu gostava de um rapaz do Itapecurú. Era lavrador e filho de um lavrador. Caiu na pateite de um domingo ir ver-me para ser apresentado ao papá, que aliás estava bem impressionado com elle, pelo typo. Era um rapaz branco, alourado.

—E depois?

—Depois! Tenho até vergonha de contar ao senhor!

—Mas eu conto disse d. Anniquinha. Quando começou a falar com o titio começou a dizer asneiras! Durante uma hora só falou em vacas e cavallos de selas! E levanta-se a cada momento

para cuspinhar! Fez uma poça de baba debaixo da janella!

—Nunca vi um branco tão porco, disse d. Anniquinha.

Quando elle sahio, meu tio disse para Amelia:

—Menina! Este homem não voltará mais aqui! Não se fala mais aqui nesse sujeito. E está acabada a historia!

A mulata alta, magra de olhar estrabico, meteu a cabeça dentro do quarto:

—O doutor está ahí.

E ouviu-se logo no corredor uma voz pastosa e agradável:

—Posso entrar?

—Pode doutor.

Era o dr. José Fernandes, nesse tempo, o maior clinico de S. Luiz. Conhecia-o de perto. Era o medico lá de casa. Já me havia arrancado das garras da morte, quando contava oito annos de idade.

Político partidario, era grande a sua influencia no eleitorado. A maioria dos operarios votava com elle. Funcionarios publicos **furavam** a chapa do governo para lhe darem o voto. Era um mulato de estatura pouco acima de mean. Bem conformado. Rosto largo e frontal amplo; em rampa. Olhos grandes, supercilios bastos e negros. Cabellos corridos para trás.

Trajava fraque e calça preta, colete branco. Colarinho em pé, com as pontas levemente viradas. Gravata plaston, preta.

A sua entrada todos se levantaram. Offereci-lhe a minha cadeira. Não acceitou. Mostrou-se satisfeito de me encontrar ali. Perguntou por todos de casa.

E de pé, com o chapéu de copa e o guarda chuva na mão esquerda:

—Como vai a doente?

—Melhor, respondeu d. Justina.

—Não tenho mais nada, doutor, adiantou d. Anniquinha.

—Mas é bom não sahir do quarto por estes dias. O tempo não está bom. A temperatura baixou um pouco, e mais acentuadamente por este bairro. O rheumatismo não gosta de frio. Continue com os remedios, si quer ficar boa. Olhe que ainda pode fazer um bom casamento. E eu estou aqui para lhe fazer uma reforma de que você se agrada.

—Lá vem o senhor com as suas pilherias. Deixe-me por favor!

E o dr. Fernandes como se não a ouvisse:

—Mais velhas do que você já se casaram. A reforma do rosto não é muito difficil. Difficil é fazer desaparecer agora esses carunchos da pelle. Mas como o amor é cego, pouco importa o

caruncho. O resto é que é! Mas eu garanto o resto.

E voltando-se para mim:

—Estão aqui tres virgens que irão para côro de Santa Barbara! Não sabias?

—Não senhor.

—Que pensavas então que ellas eram?

—Não sabia que iam para o côro de Santa Barbara...

—Pois irão, sem duvida! Jogaram pela jaiá tres noivos.

—Jogaram, não! Bem que nós queriam casar!

—Qual o que! Não queriam! A minha mulher tambem encontrou grande opposição de se paes para se casar commigo. Primeiro, porque pertencia a uma das familias mais illustres e fidalgas do Maranhão. Segundo, porque a familia era rica. 3.º porque eu era filho de padre, mulato pobre. Meu irmão encontrou o mesmo obstaculo. Mas depois que chegamos formados, rasgaram-novos horizontes para nós.

—Rasgaram-se por que? perguntou d. Justina.

Por dois motivos: 1.º porque a clinica nos favoreceu. A sociedade precisava de nós. Trazimos da Faculdade uma sciencia nova em folha e com ella conquistamos amizade e sympathia dentro de pouco tempo. Segundo porque as riquezas entravam em declinio, e com as riquezas os fidalguias. Eu me casei com a minha Eugénia, que sempre se revoltou contra a tyrania dos seus paes e que nunca me desprezou. Meu irmão, não podendo mais tolerar a familia da sua eleita. Soffrendo muito, procurou esquecê-la e indo para o Rio casou-se por lá. Vocês podiam ter feito o que eu fiz, porque o caso era o mesmo. Foram-se os dinheiros e o fidalgo Vasconcellos...

—Não metta á bulha o nome de meu pai exclamou d. Justina.

—...depois de pobre ficou outro homem mudou muito.

—E' verdade, diz d. Amelia.

—E' que vocês não perseveraram. Convenceram-se de que não se deviam casar com os escolhidos, pelos motivos que elle apresentou.

E reflectindo:

—Eu penso que elle tinha razão quanto ao portuguez burroide. O caboclo era ainda muito moço e podia melhorar, com um treino de civilidade. Aprenderia a ler e a escrever, só para constar, porque para trabalhar naquella lavoura bruta, que vai melhorando agora, devagar, elle não precisava de saber ler e escrever, como nunca precisaram os outros lavradores que enriqueceram sem saber

(Continúa na pag. V)

para cuspinhar! Fez uma poça de baba debaixo da janella!

—Nunca vi um branco tão porco, disse d. Anniquinha.

Quando elle sahio, meu tio disse para Amelia:

—Menina! Este homem não voltará mais aqui! Não se fala mais aqui nesse sujeito. E está acabada a historia!

A mulata alta, magra de olhar estrabico, mettu a cabeça dentro do quarto:

—O doutor está ahí.

E ouviu-se logo no corredor uma voz pastosa e agradável:

—Posso entrar?

—Pode doutor.

Era o dr. José Fernandes, nesse tempo, o maior clinico de S. Luiz. Conhecia-o de perto. Era o medico lá de casa. Já me havia arrancado das garras da morte, quando contava oito annos de idade.

Politico partidario, era grande a sua influencia no eleitorado. A maioria dos operarios votava com elle. Funcionarios publicos furavam a chapa do governo para lhe darem o voto. Era um mulato de estatura pouco acima de mean. Bem conformado. Rosto largo e frontal amplo; em rampa. Olhos grandes, supercilios bastos e negros. Cabellos corridos para trás.

Trajava fraque e calça preta, colete branco. Colarinho em pé, com as pontas levemente viradas. Gravata plaston, preta.

A sua entrada todos se levantaram. Offereci-lhe a minha cadeira. Não acceitou. Mostrou-se satisfeito de me encontrar ali. Perguntou por todos de casa.

E de pé, com o chapéu de copa e o guarda chuva na mão esquerda:

—Como vai a doente?

—Melhor, respondeu d. Justina.

—Não tenho mais nada, doutor, adiantou d. Anniquinha.

—Mas é bom não sahir do quarto por estes dias. O tempo não está bom. A temperatura baixou um pouco, e mais acentuadamente por este bairro. O rheumatismo não gosta de frio. Continue com os remedios, si quer ficar boa. Olhe que ainda pode fazer um bom casamento. E eu estou aqui para lhe fazer uma reforma de que você se agrade.

—Lá vem o senhor com as suas pilherias. Deixe-me por favor!

E o dr. Fernandes como se não a ouvisse:

—Mais velhas do que você já se casaram. A reforma do rosto não é muito difficil. Difficil é fazer desaparecer agora esses carunchos da pelle. Mas como o amor é cego, pouco importa o

caruncho. O resto é que é! Mas eu garanto o resto.

E voltando-se para mim:

—Estão aqui tres virgens que irão para o côro de Santa Barbara! Não sabias?

—Não senhor.

—Que pensavas então que ellas eram?

—Não sabia que iam para o côro de Santa Barbara...

—Pois irão, sem duvida! Jogaram pela jai-la tres noivos.

—Jogaram, não! Bem que nós queriam casar!

—Qual o que! Não queriam! A minha mulher tambem encontrou grande opposição de se paes para se casar commigo. Primeiro, porque pertencia a uma das familias mais illustres e fidalgas do Maranhão. Segundo, porque a familia era rica. 3.º porque eu era filho de padre, mulato pobre. Meu irmão encontrou o mesmo obstaculo. Mas depois que chegamos formados, rasgaram-novos horizontes para nós.

—Rasgaram-se por que? perguntou d. Justina.

Por dois motivos: 1.º porque a clinica nos favoreceu. A sociedade precisava de nós. Trazimos da Faculdade uma sciencia nova em folha e com ella conquistamos amizade e sympathia dentro de pouco tempo. Segundo porque as riquezas entravam em declinio, e com as riquezas os fidalguias. Eu me casei com a minha Eugénia, que sempre se revoltou contra a tyrania dos seus paes e que nunca me desprezou. Meu irmão, não pôde mais tolerar a familia da sua eleita. Soffrendo muito, procurou esquecê-la e indo para o Rio casou-se por lá. Vocês podiam ter feito o que eu fiz, porque o caso era o mesmo. Foram-se os dinheiros e o fidalgo Vasconcellos...

—Não metta á bulha o nome de meu pai exclamou d. Justina.

—...depois de pobre ficou outro homem mudou muito.

—E' verdade, diz d. Amelia.

—E' que vocês não perseveraram. Convenceram-se de que não se deviam casar com os escolhidos, pelos motivos que elle apresentou.

E reflectindo:

—Eu penso que elle tinha razão quanto ao portuguez burroide. O caboclo era ainda muito moço e podia melhorar, com um treino de civilidade. Aprenderia a ler e a escrever, só para constar, porque para trabalhar naquella lavoura bruta, que vai melhorando agora, devagar, elle não precisava de saber ler e escrever, como nunca precisaram os outros lavradores que enriqueceram sem saber

(Continúa na pag. V)

D. Anniquinha

(Continuação da pag. IV)

nada, com raras excepções. E o dr. Nogueira, da Anniquinha, ainda estava aqui quando o coronel Vasconcellos empobreceu e perdeu aquella pose que vocês bem sabem.

—Deus me livre de falar mais em me casar com o dr. Nogueira! Eu mesmo procurei desperua-di-lo do casamento.

O sr. José Fernandes andou alguns passos para sahir, approvimando-se da porta, onde parou, com a cabeça pendida para o chão:

—Enfim, o Maranhão tinha que passar por essa transformação social de que se derivou outra estrutura nas familias.

Vocês, infelizmente foram victimas, não tanto dos paes que se oppuzeram a que se cazassem com os namorados bisonhos que vocês escolheram, mas do tempo que passava, ultima phase de uma sociedade pejada de preconceitos. Si vocês houvessem noivado dez annos depois com aquelles es-collidos estariam hoje desfructando uma velhice descaçada.

E sahiu.

Ainda demorei algum tempo conversando com as tres **virgens mortas**, cujas almas teriam de mais tarde apparecer no ceu, na luz de uma estrella, seguindo o verso de Bilac. O dr. José Fernandes foi o tema do fim da conversa. Ellas me contaram factos da vida do que era então o mais festejado clinico de S. Luiz, o medico milagroso, que já andava de chapéu na mão, porque cançava o braço em tira-lo da cabeça, para corresponder o cumprimento das pessoas que lhe falavam nas ruas e nas praças, como se elle fosse a saude e a vida da população.

A tarde morria quando cheguei á casa. Con-tei á minha mãe e á minha avó-o que se passara na casa de d. Anniquinha. Ambas ficaram satisfeitas por saber que a velha amiga estava fora de perigo, graças ao dr. Fernandes.

Meu pai não se pronunciou.

D. Anniquinha falleceu cinco annos depois, na mesma casa em que a visitára. Frequentou a nosa casa até o mez em que morreu.

D. Justina e d. Amelia morreram alguns an-

annos depois. D. Justina assistida por d. Amelia pela mulata alta, magra, de olhar estrabico, resíduo da escravatura do cel. Vasconcellos. D. Amelia pela mulata, e uma preta doceira, da visinhanã. Um parente proximo de d. Justina, d. Amelia e d. Anniquinha, que residia em Belem, quando soube da morte da ultima, herdou a casa e mandou vende-la. A mulata ficou na rua, arrastando a sua pobreza extrema, hoje aqui, amanhã acolá, até que adoecendo, meu pai, a pedido de minha mãe conseguiu recolhê-la ao Hospital da Misericordia, onde se acabou.

Eu nunca mais me esqueci de d. Anniquinha, d. Justina e de d. Amelia. Ainda hoje, parece que as estou vendo, dentro daquelle quarto estreito, e dr. José Fernandes de pé no meio do quarto a discorrer, pausadamente... Depois a scena da despedida... Elle já ao pé da porta, de cabeça baixa. As suas ultimas palavras ditas num tom que me deu a entender que ellas vinham de longe, traduziam uma meditação profunda...

E foram aquellas palavras que me fizeram reflectir durante muito tempo sobre o caso aparentemente frivolo.

E foi reflectindo que cheguei a comprehender que aquellas tres velhas, remanescentes da familia Vasconcellos, eram já elementos fracos de uma velha arvore geneologica que fôra exuberante e forte. O coronel Vasconcellos e seu irmão mais velho, pai de d. Anniquinha, fôra, como o pai, elementos que já appareceram em a mentalidade robusta de seus paes. Do que tinha sido a casa Vasconcellos encontraram só a riqueza e o orgulho. As tres velhas viram esvair-se a riqueza e de vagar perderam o orgulho. O dr. Fernandes acertara.

Observando as antigas familia maranhenses, no que haviam sido e no que eram no meu tempo de estudante, encontrei numerosos casos eguaes ao das tres velhas Vasconcellos. A sua decadencia intellectual ha muito tempo que principiara. Aquellas soberanas virtudes moraes e civicas dos tempos que longe iam haviam entrado em declinio. Em 1889 quando se extinguiu a escravidão, restavam poucas familias, das antigas.

D. Anniquinha

(Continuação da pag. IV)

nada, com raras excepções. E o dr. Nogueira, da Anniquinha, ainda estava aqui quando o coronel Vasconcellos empobreceu e perdeu aquella pose que vocês bem sabem.

—Deus me livre de falar mais em me casar com o dr. Nogueira! Eu mesmo procurei desper-suadi-lo do casamento.

O sr. José Fernandes andou alguns passos para sahir, approvimando-se da porta, onde parou, com a cabeça pendida para o chão:

—Enfim, o Maranhão tinha que passar por essa transformação social de que se derivou outra estrutura nas familias.

Vocês, infelizmente foram victimas, não tanto dos paes que se oppuzeram a que se cazassem com os namorados bisonhos que vocês escolheram, mas do tempo que passava, ultima phase de uma sociedade pejada de preconceitos. Si vocês houvessem noivado dez annos depois com aquelles es-collidos estariam hoje desfructando uma velhice descaçada.

E sahiu.

Ainda demorei algum tempo conversando com as tres **virgens mortas**, cujas almas teriam de mais tarde apparecer no ceu, na luz de uma estrella, seguindo o verso de Bilac. O dr. José Fernandes foi o tema do fim da conversa. Ellas me contaram factos da vida do que era então o mais festejado clinico de S. Luiz, o medico milagroso, que já andava de chapéu na mão, porque cançava o braço em tira-lo da cabeça, para corresponder o cumprimento das pessoas que lhe falavam nas ruas e nas praças, como se elle fosse a saude e a vida da população.

A tarde morria quando cheguei á casa. Con-tei á minha mãe e á minha avó-o que se passara na casa de d. Anniquinha. Ambas ficaram satis-feitas por saber que a velha amiga estava fora de perigo, graças ao dr. Fernandes.

Meu pai não se pronunciou.

D. Anniquinha falleceu cinco annos depois, na mesma casa em que a visitára. Frequentou a nosa casa até o mez em que morreu.

D. Justina e d. Amelia morreram alguns an-

annos depois. D. Justina assistida por d. Amelia pela mulata alta, magra, de olhar estrabico, res-ido da escravatura do cel. Vasconcellos. D. Amelia pela mulata, e uma preta doceira, da visinhanã. Um parente proximo de d. Justina, d. Amelia e d. Anniquinha, que residia em Belem, quando sou-be da morte da ultima, herdou a casa e mandou vende-la. A mulata ficou na rua, arrastando a sua pobreza extrema, hoje aqui, amanhan acolá, até que adoecendo, meu pai, a pedido de minha mãe conseguiu recolhê-la ao Hospital da Misericordia, onde se acabou.

Eu nunca mais me esqueci de d. Anniquinha, d. Justina e de d. Amelia. Ainda hoje, parece que as estou vendo, dentro daquelle quarto estreito, e dr. José Fernandes de pé no meio do quarto a discorrer, pausadamente... Depois a scena da despedida... Elle já ao pé da porta, de cabeça baixa. As suas ultimas palavras ditas num tom que me deu a entender que ellas vinham de longe, traduziam uma meditação profunda...

E foram aquellas palavras que me fizeram reflectir durante muito tempo sobre o caso aparentemente frivolo.

E foi reflectindo que cheguei a comprehender que aquellas tres velhas, remanescentes da familia Vasconcellos, eram já elementos fracos de uma velha arvore geneologica que fôra exhuberante e forte. O coronel Vasconcellos e seu irmão mais velho, pai de d. Anniquinha, fôra, como o pai, elementos que já appareceram em a mentalidade robusta de seus paes. Do que tinha sido a casa Vasconcellos encontraram só a riqueza e o orgulho. As tres velhas viram esvair-se a riqueza e de vagar perderam o orgulho. O dr. Fernandes acertara.

Observando as antigas familia maranhenses, no que haviam sido e no que eram no meu tempo de estudante, encontrei numerosos casos eguaes ao das tres velhas Vasconcellos. A sua decadencia intellectual ha muito tempo que principiara. Aquellas soberanas virtudes moraes e civicas dos tempos que longe iam haviam entrado em declinio. Em 1889 quando se extinguiu a escravidão, restavam poucas familias, das antigas.

GUIE-SE PELA

A PERNA MBUCANA

PARA PODER TRAJAR

BEM COM A MAXIMA ECONOMIA

A PERNAMBUCANA DEVE SER SUA LOJA

PREFERIDA POIS QUE APRESENTA AS UL-
TIMAS NOVIDADES EM

B r i n s

L i n h o s

V o i l e s

LOJA A A PERNAMBUCANA

T o b r a l c o s

S e d a s

L e v a n t i n e s

C h i t a s

Vólantines, etc.

como da nobresa intellectual de seus avós. João Lisboa, o grande prosador maranhense, o grande mestre da sadia vernaculidade já vinha de gléba. Mestiço era Gonçalves Dias. Apagava-se já naquelles tempos o solo da **nobreza do sangue**. Sotero dos Reis e Trajano Reis já não deixaram descendencia intellectual. Odorico Mendes desapareceu e parece que com elle desapareceu a familia. Gentil Homem de Almeida Braga não deixou descendencia illustre. Os tres irmãos Azevedo, Teixeira Mendes, Coelho Netto, José Eulalio de Oliveira e tantissimos outros não tiveram progenie illustre. Dos Viveiros restam poucos elementos intellectuaes, Quem saiba não chegam a dez annos.

Tenho quase como certo que onde não ha cru-

zamento desaparece o robustez intellectual, a energia, a vibração sentimental e moral. Decahem os typos raciaes ao fim de algumas gerações. E' preciso cruzar com elementos fortes para se produzir a restauração das forças constructoras. Cheguei á evidencia de que certos typos, especialmente os negros, si não cruzam com elementos raciaes puros ou quase puros, são atacados da terceira geração em diante da tuberculose. Outros ficam apathicos, outros adormidos por uma demência traçoeira...

Quantos remanescentes de antigas familias encontrei eu em S. Luiz, nas condições da velha Anniquinha e de suas primas!

GUIE-SE PELA

A PERNA MBUCANA

PARA PODER TRAJAR

BEM COM A MAXIMA ECONOMIA

A PERNAMBUCANA DEVE SER SUA LOJA

PREFERIDA POIS QUE APRESENTA AS UL-

TIMAS NOVIDADES EM

B r i n s

L i n h o s

V o i l e s

LOJA A A PERNAMBUCANA

T o b r a l c o s

S e d a s

L e v a n t i n e s

C h i t a s

Vólantines, etc.

como da nobresa intellectual de seus avós. João Lisboa, o grande prosador maranhense, o grande mestre da sadia vernaculidade já vinha de gléba. Mestiço era Gonçalves Dias. Apagava-se já naquelles tempos o solo da **nobreza do sangue**. Sotero dos Reis e Trajano Reis já não deixaram descendencia intellectual. Odorico Mendes desapareceu e parece que com elle desapareceu a familia. Gentil Homem de Almeida Braga não deixou descendencia illustre. Os tres irmãos Azevedo, Teixeira Mendes, Coelho Netto, José Eulálio de Oliveira e tantissimos outros não tiveram progenie illustre. Dos Viveiros restam poucos elementos intellectuaes, Quem saiba não chegam a dez annos.

Tenho quase como certo que onde não ha cru-

zamento desaparece o robustez intellectual, a energia, a vibração sentimental e moral. Decahem os typos raciaes ao fim de algumas gerações. E' preciso cruzar com elementos fortes para se produzir a restauração das forças constructoras. Cheguei á evidencia de que certos typos, especialmente os negros, si não cruzam com elementos raciaes puros ou quase puros, são atacados da terceira geração em diante da tuberculose. Outros ficam apathicos, outros adormidos por uma deméncia traçoeira...

Quantos remanescentes de antigas familias encontrei eu em S. Luiz, nas condições da velha Anniquinha e de suas primas!

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

O futuro de um homem está escripto no seu
passado — E. Simond

Mais tempo se perde desesperando de um mal
do que o remediando. — E. Mimond

O IDEAL DO
FAZENDEIRO



ARAME FARPADO DE AÇO GALVANISADO

„Neptuno-Miramar”

Rolos de 25 kilos com
500 metros garantidos

1,6 m/m 4 farpas 3” Resis-
tencia garantida 500 kilos

Distribuidores:

MOREIRA SOBRINHO & CIA.
São Luiz - Maranhão.

SERVIÇO NACIONAL
DE RECENSEAMENTO

— O Senhor é indus-
trial? Comerciante?
Agricultor?

O seu interesse pelo
Recenseamento de 1940
deve ser ainda maior
que o de todos os ou-
tros brasileiros.

Do conhecimento da
situação exata da labe-
ra, da indústria e do
comércio depende a so-
lução de uma série de
problemas fundamen-
tais para a prosperidade,
o bem estar e a seguran-
ça desses colaboradores
na grandeza do Brasil!

(Contribuição da Imprensa
Brasileira)

Assignae ‘Athenas’

O IMPARCIAL

JORNAL DE MAIOR CIRCULAÇÃO

VASTO SERVIÇO TELEGRAPHICO

FONTES INFORMATIVAS

CORPO REDACCIONAL

Agencia Nacional

Prof. Nascimento Moraes

Agencia Havas

Padre Astolpho Serra

British News Service

Erasmus Dias

Agencia Transocean

A. Pires Ferreira

União Jornalística Brasileira

J. Pires — Director

RUA NINA RODRIGUES, 176 — S. LUIZ

O futuro de um homem está escripto no seu
passado. — E. Simond

Mais tempo se perde desesperando de um mal
do que o remediando. — E. Mimond

O IDEAL DO
FAZENDEIRO



ARAME FARPADO DE AÇO GALVANISADO

„Neptuno-Miramar”

Rolos de 25 kilos com
500 metros garantidos

1,6 m/m 4 farpas 3” Resis-
tencia garantida 500 kilos

Distribuidores:

MOREIRA SOBRINHO & CIA.
São Luiz - Maranhão.

SERVIÇO NACIONAL
DE RECENSAMENTO

— O Senhor é indus-
trial? Comerciante?
Agricultor?

O seu interesse pelo
Recenseamento de 1940
deve ser ainda maior
que o de todos os ou-
tros brasileiros.

Do conhecimento da
situação exata da lã-
ou-
ra, da indústria e do
comércio depende a so-
lução de uma série de
problemas fundamen-
tais para a prosperidade,
o bem estar e a seguran-
ça desses colaboradores
na grandeza do Brasil!

(Contribuição da Imprensa
Brasileira)

Assignae ‘Athenas’

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.
TINTAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de mate-
riais para construcções — Fer-
ramentas para lavoura — Cha-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarras, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS
DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 95

SEVY,

PERFUMES SUAVES E DELI-
CADOS, QUE SÃO A DELICIA
DOS QUE SABEM SER ELE-

GANTES

INDUSTRIAS REUNIDAS

F. MATARAZZO

SANTOS & CIA

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Ma-
ranhão, das afamadas maquina
de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 27

CAIXA POSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»
SÃO LUIZ-MARANHÃO

LIVRARIA MODERNA

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377
1220 — Caixa Postal, 97 —
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros e
papeles, direito, medicina e co-
mmodidade.

Livros em branco, de todos
formatos, Romances de todos
estyllos, Livros de Historias
Crianças. Grande variedade
papeis, jornaes, encaderna-
mento apergaminhado, de seda, ge-
ninho, desenho, etc. Blocos di-
stribuidos, Caixas de papel, Cartões
em branco

Artigos para escriptorio e es-
critores. Artigos proprios para
presentes

Visite a LIVRARIA MODERNA

MEIRELLES & CIA.

ARMAZEM DE FERRAGENS.
TINTAS, ARTEFACTOS NA-
VAES E MIUDEZAS

Deposito permanente de mate-
riaes para construcções — Fer-
ramentas para lavoura — Cha-
pas de cobre, zinco, ferro, esta-
nho e chumbo — Telhas de fer-
ra galvanizadas — Oleos, Verni-
zes, Tintas, Graxas, Arame liso,
Amarras, Louças de Ferro es-
maltado e alumnio

FERRAGENS EM GERAL

Arame farpado em rolos de 320
e 502 metros (metragem
garantida)

TINTAS «YPIRANGA»

DEPOSITARIOS
DISTRIBUIDORES

NESTE ESTADO

Telegr. — ZECARVALHO

Rua Joaquim Tavora, 173
Maranhão — C. Postal, 95

SEVY,

PERFUMES SUAVES E DELI-
CADOS, QUE SÃO A DELICIA
DOS QUE SABEM SER ELE-

GANTES

INDUSTRIAS REUNIDAS

F. MATARAZZO

SANTOS & CIA

REPRESENTAÇÕES

Unicos distribuidores, no Ma-
nhão, das afamadas machi-
de escrever

«OLYMPIA»

Rua Joaquim Tavora, n. 27

CAIXA ROSTAL, 54

Endereço telegr. «SATMA»
SÃO LUIZ-MARANHÃO

LIVRARIA MODERN

— DE —

GUIMARAES & SOBRINHO

Rua Joaquim Tavora, 377
1220 — Caixa Postal, 97 —
Luiz-Maranhão

Grande empório de livros e
lares, direito, medicina e co-
babilidade.

Livros em branco, de todos
formatos, Romances de todos
estyls, Livros de Historias
Crianças. Grande variedade
papeis, jornaes, encaderna-
apergaminhado, de pedra, ge-
nado, desenho, etc. Blocos dis-
sos, Caixas de papel, Cartões
em branco

Artigos para escriptorio e ese-
res. Artigos proprios pa-
presentes

Visite a LIVRARIA MODERN

